









A           AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N           CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNAIS REGIONAIS  
              (E ALGUMA RESPOSTA E ATÊ CARTA)

D           TEMPO;;;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O           ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R           SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I           DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNAIS):  
              NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N

H           ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/  
              QUE DATA/\_FOLHA/\_OBSERVAÇÕES  
              ÍNDICE:::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO

A

TÍTULO DA COLECÇÃO:

-           A       N       D       O       R       I       N       H       A           -



LISBOA.....1996

Barcelos  
Permanente



52222  
BIBLIOTHECA MUSEI  
C. M. B.









Em 1967 foi um texto de suas 90  
pgs que me atrevi a fazer circular pe  
los então meus alunos, mais de 400. Matéria bem  
difícil - A Religião e a Moral. O Autor teve  
aplausos, mas de sacerdotes não se lembra  
de os ter tido, sinal evidente de que lhos não  
mereceram. Mesmo assim, ainda às vezes se  
distrai a ler alguma daquelas 90 folhas que  
já não saberia repetir.

Ultimamente começou a elaborar um Dicionário  
de Galegos (de Coisas e pessoas de...);  
e portanto autonomizou umas folhas pa-  
ra Santo Amaro; e quanto aos Azevedos;  
e meteu-se também nuns Estudos sobre o  
Tombo de Galegos. E dos tais mil e tal  
artigos fez estes ou aqueles recortes  
que colou sobre folhas A4, e destas, cons-  
truiu 12 volumes a 60 para 80 fls. cada  
um. O trabalho que isso deu nem digo nem  
o conto. Perguntam-me quando publico.  
Mas não tenho intenção de publicar nem  
sequer os Estudos acerca do Tombo. Falta um  
Latim (Exerc. c/ Soluções), de 67.

Dedico este trabalho, assim: 1ª a  
Deus. Depois, a minha Mulher e aos  
meus Filhos, a meus Pais, em Galegos  
e ao sr. dr. Vale Lima, de A Voz do  
Minho, em que, primeiro, saíram.

24.2.97.

e 20.3.97



FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

JUIZ DE DIREITO JUBILADO

ALTERO a nota infra:

Rua D. Carlos Mascarenhas, 70, 2.º-Esq. — 1070 LISBOA

☎ 385 58 55

q. aconteça...leitor d

q. segue (mutatis mutand

A quem aconteça

vir a ser leitor dos artigos que seguem: foram todos publicados no jornal barcelense A Voz do Minho; são de texto menos pesado que o da Monografia a Galegos. Reuni esses artigos porque a Monografia se esgotou. As pessoas de Galegos não puderam entender bem a Monografia (é uma sopa com muita "substância" que poucos "stâmagos" suportaram), mas entenderam bem estes artigos. Exigem os artigos menos de mim do que a idealizada nova Monografia que me PROPUSERAM FIZESSE (a máquina, hoje, está a pregar-me partidas). Também os artigos saíram com gralhas, mas não é preciso que rectifique.

Aos curiosos direi que escrevi o seguinte:

C/ a S.ra D.ra Lança Cordeiro-1967 Ou 1966, 1 Colecção de Pontos de Exame- A Minhaa Sexta Classe. Língua Pátria. Uns 10 anos depois, um Guia do Sinistrado do Trabalho.

A seguir, a Galegos, Sta Maria Barcelos, que, de 160 fui apertando e ficou com 32 páginas apenas. Alguns artigos de Direito, nem todos com Separatas. De 71 a 96 publiquei mais que mil artigos em vários jornais de terras como estas: Viana, Vilaverde, Braga, Barcelos, Sertã, T. Vedras e uma ou outra mais, tudo em menor escala e menos valia que os trabalhos do ex-condiscípulo e amigo, Silva Araújo. Mas também já o compen-saram: tem seu nome gravado na Gr. Enciclop. Port. e Brasª. Parabéns.

ARTIGOS DE JORNAIS APOSTOS SOBRE A 4

CADERNO N°2: número do art., título dele, jornal que o trouxe, em que folha do Cad., Observações

N°	+ Título abreviado	Jornal	data	fls	Observ.
1	Coisas de Longe e de-Comarca	17VI72	f.1		Sertã onde vivia o Júlio De lá o Patrício no cas
2.	Coisas...	V M	19V73	f2	da Andrea, 1996.
3.	"	" "			
4.	"	" "	10X73	f3	.Cás. Oliveira, Soc..
5.	Achegas p a Hist..	?	?	4	Só parte
6.	Coisas	" "	15XII73.5		é este que ataca o S Ar,
7.	Vida e Moda	Cávado (C.V.)	25X75	f.6 e f.7.	
8.	Um punhado de Not.	J.de Barc	16X88	f6	Refere o Bad.
9	Atenção de (n. 7. 54)	Barc	18X80	/	S parte
10	Casos do dia	C, da Sertã	22XI75	7	ir ao talho. Cigana
11.	Coisas	V M	?	8	o filho prometeu casar
12.	Achegas...	" "	18X75	9e8	Pidal Leão-2 Gallegui
13	Sakarov.com ou oport.	CV	19II76	9	Cacaviello--lhos
14.	A Ciência deve...	Bad.	21X76	f 10.	Ónega. Bol ALc Faria
13.	A Caminho do Soc.	"	10I76	11.	Gulb,
14.	Leituras Com.	Not Fam	13.276	11e	12(N Elvas)
15.	Achegas...	VM	21II76	12	Biblig
16.	Ronda do M.	V .Verd	22I/6	1"	Templos e horários . Parte.
17.	Prof. e Revoluc.	Not Fam	15X76		
18.	Coisas	V M	16.4.76	14	Mulheres Porcas Bruno.D Ant Rib.
19.	Achegas Bibliog.	V M	4.9.76		
20.	Carta de Lx	CV	31.i.76	16	paredes da Igreja Nova Terra Gaiola a
21.	..Real, não	N Fam	24.4.76		
22.	:::Liberd de Expressão	CV	14.7.77.	17,	18 e 19..V liv de Ma Antunes
23.	Situaç do Crist em Portugal	Bad.	28.7.77	20	
24.	Viag à Terra Santa	CV	1.9.77	21	
25.	É mist a Sé?	CV	11.8.77	22	Acá cio Torres
26.	Sobre TRib.	Not.Fam	21X//	22e23	23. II. 22, 42
27.	Ponte de Barc, Legado	V M	6/8/77	23	
28.	V de Frades, Ano Hist.	" "	26XI77	"	1714 Vol I até 30 de Abril
29.	Aq Vila cham Belém	N Fam	30XI77	24	Vidas de Jesus, G Leal
30	N freg. (f. 62)	Barc	29.4.78	25	Bened Lusit.
31.	Coisas..	V M	6V78	26	J Crespo Roteiro
32.	Hist Econ do Minho (p. 42)	C SARAIVA.	7VII78	26	SSmo .1704
33.	S Monog reg (p. 21)	C Sar.	5.5.78		Hist Sem Vultos
34.	Cam Lus n TEMPO	" "	21.4.78	28	
35	Atlante?	Barc	30XII78	29	
36.	Coisas..	V M	27.5.78	"	Alent enterro e e Pc.Gal :pós Sto AM.sem B.Suces
37.	Fornelo ,extinta (p. 51)	J Barc	05.8.78	30	Gal em Fornelo.
38.	Mor Rurais há 200 anos	J Barc	31.8.78	30e33	33. 11. 22, 42
39.	Achegas...Sta EUL:	Barc	21.1.78	31	Oragos e antig.







## CADERNO 2 -ARTIGOS (CONTINUAÇÃO) - cópia

N====Titulo=====Jornal-data=====fls=====observ=====

40.	2 Evang da n/é--Barc.	2.1.78	fls 31, 32	Rússia 1891 .
41	Achegas	V M 14I78	32	ett 1758
	Hist Ecn do MINO (Continua o 32)			
	Moralidade(contINua o 38)			
42.	Q sãos Limi ? .C Sar..4VIII 78		34	
43.	Actualidades Nacionais-Pessoa .Cv 27/4/78		35	Congresso
44.	Achegas -1500 Barc .15/4/78		36	Ucha, Xavier Forte (v. 1996)
45.	Coisas..Polónia ? ?			Só parte
46.	Um punhado de Not.J Barc.30X80		"	s' parte
47.	Carta de Lisboa Guarita 15/3/79		37	Ab Neiva ,Aborim, AldreuAlheira anos 1850
48.	Hist Barc.	Barc 6.3.82		
49	Festas..são as Cruzes			
50.	Templo a Alá	.Card Sar.7.V.82		
51.	Q e Gal -Bula Barc 29V82		(v. 32)	
52.	Milher e Trabalho V M 24.I,81		41	
53.	Papa e Suíça Barc 23.5.81		42	só parte
53.	Carta de Lisb J Barc. 19.2.81		42	
54.	Hist Barc (Atenc Bar propr.)			
	(v. 1996) Barc 12.12.81		43	Raz, dto Moral Regras africanas
55	ad de há 500 anos	V M 12.12.81		
56.	Alglados cresc cat	Barc 30X.82	45	só n^V e VI (ver cad 1)
57.	Rito Frac .Inf Lit Or			
58.	Notíc e coment CV Barc 22.3.84		46	1 Carta Papa-malandro..
59.	Diário de um pár há 100			
60.	a Subs Hist Barc VJMBarc 18.9.82		48	Véobas 10eDSforam
61.	Hist Barc -RepréBaez. 1.7.82			
62.	Hist Freg (1) 30 V M \$: & : (f			Carapços Carvalhal
63.	Ainda Antas, cabeç V SECA	f51.55		
	Not FAM 1.7.83		52	Debá Abcindo ad 5
64.	S. JOão Barc J Barc 23VI 83			10-B
65.	,En ...J de Felgueiras			- Garibaudi
	C SAR. 18.2.83			
--C	GOMes Filosofia C SAR 1.4.83		54	
66.	Duas N Monog Not Fam 11.2.83		55 e 56	
67.	" Duas , , , , " " " 18.3.83		57 , 58	Autor da de Ca
68.	Agosto e Lisboa C SAR 17.8.84		59	
69.	Ataques e Def de Pio XII J Barc 24.9.87		60	e 60, 74.
70	Ainiv di C sar C SAR 20.2.81		"	
71.	Coiosas V M 5.6.84		61	P Avelino C do Cé
72	"AM ndio César -V 5.7.79			Apêndice
			62, 63	
73	.Cerejeira, card Barc 18.3.89		64	
74.	Mon Carap. V M " : I ) ?		65	Apeñdice Vasco Faria doent
75.	obras de Cont P dr Durães J Barc 11.1.90		66	APêndice
76.	F Barc. em Lisb Barc 2.6.90		F GOMes	





UNIVERSIDADE DO MINHO  
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor  
Dr. Francisco Alves de Almeida  
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E  
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência  
BPB-117/96

Data

Assunto

**021642**

30. OUT. 1996

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da colecção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de colecções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes  
(Assessor de Biblioteca)





Volume Nº 2... Índice B - Temático

- A  
Americano-N.Talha 2.9  
Ambr.Coelho,de Barc 2.9 2.14  
A Caminho do..doidos2.11  
Arlindo de Sousa,textos  
antigos 2.15  
Atlantes,somos? 2.28  
Alá 2.39  
Abade barc,em Gal.2.47  
Antas e Cabeçudos 2.51
- B  
Badaladas-jorn de T,VeGras2,6  
Bíblia tinha razão  
Bula-Quirás 2.40
- C  
Casas do Povo2.3  
Cristãos orientais,  
hoje 2.4(Médio Or.)  
Cristãos coloridos2.6  
como o Morgado apli-  
cava os filhos 2.7  
Cigana bem cat 2.7  
Cacabillos.Gal 2.8  
Costa Sá 2.57
- D  
Diário do Minho 2.2  
(sobre padres ditos  
rebeldes)  
Dissidente na Rússia,  
Sakharov 2.9  
Dote da Filha do Bea-  
to nuno 2.12  
Dom Ant.Ribeiro;patriarca  
2.15  
Dois Evangelhos 2.31  
(opostos)
- E  
Eu, Maria da Graça...2.8  
Expressão e Liberd.  
2.18  
Eulália na Vida de S,  
Frutuoso 2.31  
Elas trabalham 2.41  
Estatísticas:cat.sobem  
2.45  
Estatutos de S.João-Gal,  
(de q ano é a capela?)  
Escritor Amândio César  
2.62
- F  
Fragoso e sua  
Monog.2.2  
Fornelo:freg Extinta  
(Alvito 2.30)  
Foi desterrado-há  
500 anos 2.44  
Ferreira Gomes 2.67  
(a dv., Remete-há)
- G  
Galegos 2.35(ab.Man  
Gloria, capela na Sé  
2.50  
Gomes(Carlos 2.54)  
Gonç.Cerejeira 2.64
- H  
Haze dos Países do ayesso 2.4  
" das Técnicas 2.13  
" Económica do Minho  
Heitor Pinto22286 33  
Hist da Repressão Sex.2.49
- I  
Ir à Terra Santa  
2.21  
Inventários de  
Maiores -Ucha 1820  
2.28  
Ideologia 2.36  
Mistérios na Sé?  
Miller Guerra  
e Exorcismos 2.1  
Ministro Veiga Si-  
mão e eu 2.2  
Manhente e vale  
do rio Mena 2.9  
Mamoá em Gal 2.9  
Moralidade-Rurais-  
por 1780 :2.30  
Matos da Costa2.36  
Monog de Carap.2.65
- J  
Jornal de Felgueiras  
(de Garibaldi 2.53)  
Judeus e Pio XII 2.60  
JornalC.S.-anos 2.60
- L  
Livro de Silva Araújo 2.5  
" de A.L.Vaz O Cabido  
" Ano Hist.2.23(Vilar)  
Limianos 2.34  
Livro-Durães2.66









*Cinecra da Lente, 17.6.72*

# Coisas de longe e de perto

(Artigo 1)

*o Diabo*

Ficamos mordidos quando, abordados por alguém que nos pede para comprar uma revista «missionária»—só 5\$00!—verificamos depois ter adquirido propaganda adventista. Paciência! Ora, tal revista informa que algures, na América, uma seita evangélica—do julgamento final—adora tanto Deus como o diabo!

Não carece de comentários.

*com 17.6.72 1972*

Numa revista de Lisboa vem o extracto de uma comunicação do Bispo de Benguela, que, em resumo, relata o seguinte:

Uma pequena de 12 anos vinha sofrendo de crises que a pros-

Pelo Dr. Francisco Almeida

travam e por isso foi vista por vários especialistas de doenças mentais e outras, tanto em Benguela, como Luanda, Porto e Lisboa. Aqui, até pelo Professor Miller Guerra, da Faculdade de Medicina, mas sempre sem resultado.

Voltaram a Benguela, e aí pôs-se a hipótese de a pequena estar possuída (possessa) do diabo e levada a questão ao Bispo, este, examinando o caso, permitiu que a pequena fossem feitos os exorcismos (cerimónias destinadas a obrigar—pelo poder de Deus—a que o demónio deixe de dominar uma pessoa), tendo sido iniciados em Outubro e terminados em Dezembro, ambos de 1971.

Há agora duas tendências: diz o Professor que a pequena tinha uma doença que consistia em afecção do sistema nervoso central; diz o Bispo que ela tinha demónio.

A primeira vista parece que só um pode ter razão: ou o Bispo ou o Professor. Mas pode ser que ambos a tenham.

Lá que é possível ao demónio «possuir» uma criatura humana, isso consta dos Evangelhos, em várias passagens: Cristo expulsou demónios.

Se a dita pequena tinha ou não, é coisa para concluir depois das provas. Ora, não parece de pôr em dúvida que o diabo possa ter-se apoderado do funcionamento do

(Conclui na página 4)

## Coisas de longe e de perto

(Conclusão da 1.ª página)

*com sexta 17/6/72*

sistema nervoso da pequena, fazendo-o funcionar tal como se tivesse ferido de lesão ou doença física. Se assim foi, o Professor Guerra foi simplesmente ludibriado pelo «velho», o que não admira, nem é ele o primeiro a cair.

Demais, um neurologista diagnóstica as lesões do cérebro não pela análise anatómica ou histológica de mesmo, mas, indirectamente, através de outras reacções: por exemplo, através de exame electro-encefalográfico e de tudo isso, o possível erro de diagnóstico.

(fim)





# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo Dr. Francisco de Almeida

103 do Minho de 79. v. 73

887

Veio estes dias no Diário Po-  
pular a notícia — por certo trans-  
mitida pelo correspondente de  
Braga — de que a Relação do  
Porto deu razão aos 5 padres  
de Braga — de que aqui escre-  
vi — mandando que o Jornal ar-  
quidocesano, Diário do Minho,  
publique uma carta deles, refe-  
rente aos considerandos que  
acompanharam as penas com que  
eles haviam sido castigados

Não percebo porque é que as

(continua-se): (19.5.73)

justiça por suas mãos é é evi-  
dente a sensatez de tal regra,  
contrariada, contudo, pela lei do  
trabalho e outras leis disciplina-  
res em que se dá ao patrão o po-  
der de castigar, ele próprio, os  
seus empregados. Sabido é que  
há muitos abusos, já que, diz o  
povo: «ninguém é bom juiz em  
causa própria».

Oxalá os de Fragoso consigam  
pôr a andar a sua Monografia.  
Honra lhes seja se tal consegui-  
rem.

Pelos Alentejos a cultura da  
azeitona não tem diminuído, seja:  
as oliveiras não foram arranca-

das. Mas até lá soam queixumes.  
Vi muita azeitona esmagada no  
chão e só tardiamente apanhada.  
Mas a safra não foi muito ren-  
dosa. Num jornal da Sertã, um  
Silvicultor tem vindo a marte-  
lar sobre olivedos. Gasta-se agora  
mais azeite? Mais óleos gas-  
tam-se.

O cronista de Esta Vida da  
Lavoura fez-me lembrar a história  
que segue.

Numa cidade apareceu um in-  
divíduo que dizem parecer-se com  
um dos nossos Srs. Ministros.

Dado isso, o pai de uma licen-  
ciada arranjou meios de lhe ser  
apresentado. Para quê? Para mo-

punições — a serem justas. O que  
lhes é agora contestado em Roma  
— tiveram de ser publicadas, em  
jornal. Parece-me que não era há-  
bito fazer-se tal. E sobretudo por-  
que é que, para punir, não foi  
simplesmente dito qual a norma  
violada ou entendida em viola-  
ção.

19. V. 73

A respeito das ditas punições,  
pode quem quiser ler o livro  
agora publicado «O Caso de  
Braga» onde são reproduzidos do-  
cumentos — parece que todos —  
referentes ao litígio que opôs o  
Prelado de Braga aos ditos pa-  
dres, inclusivamente as linhas que  
aqui escrevi.

A propósito, anoto que na lei  
portuguesa há uma regra que  
proíbe a qualquer ofendido fazer

(Continua na página 6)

19.5.73

mentos depois, fazer a sacramen-  
tal proposta: «tenho uma filha...  
Se V. Ex.<sup>a</sup> se dignasse casar-se  
que o Sr. Ministro a colocasse  
muito agradeceria». Estas maldi-  
tas cartolas!

Francisco de Almeida





# Coisas de Longe e de Perto

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Quem ver um teimoso? Oçam. Em 1963 — há 10 anos — começou em Lisboa um processo para obrigar um renitente João a pagar 25\$00 de quotas a uma Casa do Povo. O João disse «não», mas, ao ver que o prédio lhe ia à praça, veio e pagou os 25 mais uns 300 de custas. Com isso o processo parou e, feitas as contas, recebeu um aviso para pagar ainda 46\$50.

Teimou e a cavalgada recomeça com nova venda. O João mexe-se e consegue que ninguém compre o prédio. Nova paragem. Nova penhora. Nova venda. Ninguém comprou. Vão longe!

Um Delegado a quem competia executar 11 «bicos» de uma aldeia preferiu mandar-lhes aviso que viessem falar com ele. Vieram e falou. Que faziam muito bem em não pagarem as quotas. Ele, Delegado, também não pagava.

— Ah, não? Como faz então? — Não tenho terras! Não quero pagar? Pois vendam-nas, não pagam. Doutro modo, a lei cumpre-se e dou-lhes 8 dias para pagar a bem, findos eles, fogo à peça.

Não houve um só que não pagasse. *T.M. 24.4.73*

Há terras ainda renitentes. E já começam a aparecer nos Tribunais do Trabalho acções de trabalhadores contra Casas do Povo: elas a negar-lhes benefícios sociais e eles a pretender provar em tribunal a sem-razão da negativa. Ainda bem que tal acontece: significa que as ditas Casas estão a ser procuradas.

Pelo sul, começaram a cho-ver nos Tribunais 3 acções contra patrões rurais: acção penal (com multa) por não pagamento de percentagens legais às Caixas ou falta de entrega de folhas de salários pagos;

1) (Continua na pág. 4)

# Coisas de Longe e de Perto

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Pondo-se alguém a pensar, cismará como é que há pessoas a exigirem coisas e a afirmar factos que sabem serem impossíveis. Exemplos: como é que um patrão pode distribuir pelos operários TUDO quanto do seu negócio ou indústria ganha? Quem lhe paga a ele, patrão, o seu trabalho? Outra: como é que se sabe que além do que se vê, ouve, apalpa, seja, da matéria, mais nada existe? Como se atrevem a afirmar isso? É um desafio.

Mas é isso — e muito mais — o que certos socialistas afirmam a pé junto.

Vejo pela história: os socialistas de há uns 100 anos atiraram-se aos reis porque não defendiam o Ultramar. E os reis não tiveram coragem para os obriar a encolir as palavras. Pois os filhos e netos

desses atacantes, atiram-se hoje ao Governo porque ele defende o Ultramar. Chocante, não? Votem neles! E se quiserem elucidar-se, leiam o livro de César Oliveira, «socialismo em Portugal».

O problema não é sentir ou não sentir com os governos, mas de se agir como se deve. Sempre. Melhor se o Governo faz como deve. *T.M. 10.4.73*

Só pergunto porque é que, sendo o governo uma entidade colectiva, como a Nação, não apresenta participação criminal contra os que, de má fé, os difamam, deturpam, caluniam. É outro problema.

Há coisas que estão mal. Pois há. Há indivíduos que se servem dos lugares e nos lugares não servem a função. Pois há, e sempre houve. Guerra (Continua na pág. 8)

2. 3

1/2  
-Prague mas tem o complemento  
3. 8.96. 1973.

3-a)

1) Cópia de 12 pg. que segue a pág. 4  
Há correctura quando ....





2. 4

612

24. x123

24-X-1783

Jan

ii) false friends & false cognates —

(Continuação da pág. 1)

10X13

Francisco de Almeida

Exp. my records had to appear & identify a set of things upon which I'd a 75 Party.







# Cosas de Longe e de Perto

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Art. 178

Há por aí muitas pessoas para quem o maior prazer é «montar» o próximo. E dizem-se bons cristãos! Um exemplo: Antônio e Bento fundam uma sociedade limitada, como permite a lei comercial. A vantagem é que vão-lhe comendo os lucros, o capital, os dinheiros dos fornecedores e trabalhadores. Depois, fecham-lhe as portas e vão para longe, para se porem a salvo do «moch» da falência e outros desagradáveis sucessos.

Nem assim se safam, pelo que toca a alguns processos nos Tribunais do Trabalho: é que aí o gerente que «deu causa» a que a sociedade fosse multada responde, de seu bolso,

pelo pagamento da multa e outras quantias. Assim, a execução — por custas — pode seguir logo só contra o gerente, caso a firma já não gire por falta de bens e já se tem feito. É que a execução tem de seguir com base em título (sentença, escritura, etc.) e contra quem no título figure como devedor. Mas pode ir logo contra outros — aqui o gerente — por força de caso julgado. Nessa é que os gerentes «habilitados» não tinham pensado.

Quase sempre os Delegados se atiram só contra a sociedade, vindo a esbarrar com falta de bens. Invertem então a mar-

(Continua na Pág. 2)

(Continuação)

cha e passam a perseguir bens do gerente solidário, no mesmo processo, que não em novo, nomeando bens dele à penhora. Nem precisam de ser citados. Nem habilitados, já que não são herdeiros ou sucessores, mas devedores desde o dia da sentença que condenou a sociedade deles em multa (mas só a partir do dia da sentença). Se quiserem, chamem os outros gerentes à demanda, ou paguem e «regressem» contra os sócios ou ponham embargos. Um pô-los, mas foram-lhe logo sacudidos (dizia ele que não foi condenado! Pois não! É por ser solidário devedor que vai pagar!).

Na prática, tenta-se primeiro obter o pagamento pelos bens da sociedade, e assim o gerente passa a responder apenas pelo que faltar — torna-se subsidiário, como um fiador. E é mesmo de lei que se vá, primeiro, contra a sociedade se o gerente assim o exigir. Mas como exigir se a sociedade já «deu o berro»?

5.XI.73

Cautela, Srs. gerentes! Não é só fazer sociedades e os trabalhadores que trabalhem de graça para os vossos poderosos carros, ricas vivendas e colares à senhora. Não é não.

O padre Silva Araújo escreveu um ensaio com o título «actuação política do cristão». Diz que é para o povo ler. Não apresenta o pensamento próprio: expõe à sua maneira — e escreve bem — a doutrina oficial de Roma. Dos cristãos ortodoxos e protestantes nem se lembrou e foi pena. Quanto ao que seja «política» não diz e não é tão fácil de saber-se como é isso. Doutro modo, os primeiranistas de um Curso de Direito em Lisboa não teriam tido grande dificuldade para, em 3 horas, responderem por escrito ao seguinte tema, dado pelo então seu professor, Marcello Caetano: «Distinga entre Ciências Política e Direito Constitucional».

Política dos padres? Vejam o que diz o Cónego Luís Vaz, a fls. 225 do seu belo livro «O Cabido de Braga». Em 1834 era deão da Sé o Cónego Cunha Reis. Pois foi expulso por se meter em política (e nas más acções a que essa paixou o levou). Era um miguelista ferrenho, deu dinheiro do Cabido a D. Miguel; combateu e fez padres pegar em armas contra D. Pedro IV, meteu na cadeia e proibiu o exercício das ordens aos que eram por D. Pedro (liberais), etc.! Querem mais?

Desde 1910, o governo português declarou-se «separado», não aliado, do clero. Foi um clamor. Pois os actuais bispos de Espanha querem separar-se do Estado! Os cristãos da

Grécia — e outros ortodoxos — nunca fizeram nada porque se enfeidam aos regimes políticos que vão pisando o palco da história. Ao menos em Portugal os cristãos são livres: se querem os serviços paroquiais, sustentam os párocos à sua custa. Mal, Bem? Parece que os do Porto estão a encaminhar-se como deve ser: acabam as paróquias — benefícios — pobres e ricos. Tudo se recolhe numa caixa comum por onde cada pároco receberá um ordenado certo e igual para todos. E as paróquias grandes? Não que dão muito trabalho. Devem então ser postos melhor remunerados.

Francisco de Almeida







# Um punhado de notícias

862  
16.X.80  
O Jornal Badaladas — de Torres Vedras — há Torres Vedras e Torres Novas, Torres Vedras é cidade há 1 ano e fica a 45 quilómetros para norte de Lisboa. Já lá trabalhei. Pois não sei como tem um jornal semanário, que quase sempre atinge as 16 páginas. Então Torres lê mais que os Barcelenses? Qual é a divulgação que aqui têm uma Voz do Minho, o Barcelense, etc? Quem lê e como lê? Um investigador dizia-me há dias que, em Famalicão, um jornal tinha 1.000 assinantes, outro 1.500 e o maior,

2.500. É péssimo por ser muito pouco. Os Coloridos Cristãos — O Badaladas de 26/9/80 traz um manifesto «Uma Sociedade Justa e Fraterna» e começa: «Nós, cristãos empenhados...». Querem eles, como o coxo dos Evangelhos, «andamos, solidários com o nosso povo e com todos os povos...»; «não nos basta que todos falem de justiça...»; «Não nos basta uma justiça que seja apenas uma melhor distribuição da riqueza».

(Segue na 4.ª pág.)

## Um punhado de notícias

(Vem da 1.ª pag.)

za»; «Não nos basta uma democracia onde nos limitamos a escolher representantes e a votar...», etc. Pergunta-se então: que é que estes diabos querem? Nada lhes está bem, Isso eu acho natural.

Que pena a Rússia não lhes permitir emigrar para lá! Trocavam com os que de lá querem sair — e de que vos falarei outro dia.

Francisco de Almeida

e o pai da Isabel britânica, e a esta e Afonso Costa e digam lá mais! Bonda! Deve ser por isso que se fala aí terem os polacos

(Continua na 2.ª pag.)

CV. 25.X.75 894  
Há aí um livro chamado ABC da cibernética que comprei em 73 numa instituição militar. Apenas porque o tema me interessava. É de divulgação, orientação materialista (bem diluída) e suponho que o autor é russo. CV. 25.X.75

Começa assim: cara ou coroa? Conta uma história e demonstra que pode não sair cara nem coroa: há uma terceira possibilidade — infinitesimal, mas possível — que é a de a moeda ficar a prumo e não deitada. Chama o Autor a essa terceira possibilidade, caso se dê, «milagre».

Ora o milagre — o leitor sabe-o

2.6  
~~For Cuxar, senão me~~  
— não é nada disso: não é devido a forças da natureza a actuar por acaso. Mas como alguns vão na moda de negar quanto ser não apalpa, vá de dizer que Deus — e essas coisas além do físico — não há. Incoerentes e ilógicos: deviam negar também que o vigésimo avô deles não existiu. Porque não o viram nem podem provar que fosse. Uma aposta? Dizem eles que não interessa porque vão até ao fim da cadeia: eles vêm — cientificamente — do macaco.

Bô! Mas eu não. Como diz o povo: «ainda que me matem». Não convencem senão os que disserem — lá sabem porquê — convencer-se.

Disse moda. Sabeis o que é. Há-as hoje de todas as cores e feitios. Barbaças? — É moda. E o amigo Marx usava assim. Bigodas? — Por acaso até o Hitler gostava. E era democrata, dizia ele e os dele, «todos como carneiros». E ainda, como dizia meu pai, os homens são um sossego: nas mulheres então é que o vento das modas cresta a valer (e as carteiras dos consortes a querer divórcio sem poderem!).

Até na vida religiosa a moda impera. Não fosse ela vida! Um exemplo.

Havia aqui perto (fora do concelho) um morgadio poderoso. Seguindo as gerações vemos: o 1.º filho ficava sempre para a semente; o 2.º era muitas vezes «clérigo» para poder colher — sem ir lá — as rendas dos passais que o povo crente doava à igreja. Igreja para a qual o pai do «clérigo» tinha o direito de escolher o abade. E escolhia logo o filho.

Titular era o abade, filho do morgado. Uma côdea a um cura e pronto. Concluo com o Papa: muito pó se poisou sobre as coisas mais sagradas! Mas... lá está o Espírito que sopra. Onde, quando e como quer. A gente até chega a pensar — aí, mas deixemos essa quase herética filosofia de história a debater tais cousas — que uns quantos inspirados que «prai se vê» a bufar, berrar, mexer, não passam — aí se eles o sonhassem! — de gente que o Espírito fez carregar de vento para o tal pó ser bem sacudido. Quer dizer: o diabo no jogo com Deus sai sempre enganado. É tão estúpido que, velho, não aprende e recomeça sempre. Lá vai e tem cada escorregadela!

Encheu Otão e Ario e Fócio e Juliano que negou e Pedro, russo,



27



# A vida e a moda

(Continuação da 3.ª pág.)

dado aviso aos nossos: não se encham de vento contra os cren-tes! Estranho? Daí, um comen-tava: é que são a única socie-dade que vive há 2 mil anos. Eles caíram todos. Ela, não. Omessa! Mas vamos à tal moda.

Na família do morgado vê-se a certa altura: Martim casou com e tiveram: Pedro que sucedeu na casa, e Miguel que foi clérigo e abade de... E mais: Jerónimo que foi monge de S. Bento; Henrique, cônego evangelista; Cecília, freira de S. Bento no Porto; Joana que casou com... 01.25.X.75

Segue-se a geração do Pedro, o que sucedeu. Casou... e tive-ram: Martim, que sucedeu no morgadio; Cristóvão e João, mon-ges de S. Bento; Filipe, dos Pre-gadores; Gabriel, cônego evange-lista; Inácio, cônego regente; N. e N. freiras em Braga.

Das duas uma: ou o Espírito só então soprava — que agora não — ou então a moda contou muito para tantos manos profes-sarem cada um para seu lado.

Seja como for, os factos são esses. Explique-os, torça-os, levan-te-os ou enterre-os quem quiser. Também aqui eu não: deixo-os ser o que são.

Tudo isto faz lembrar o dito de um sociólogo que em seu Ma-nual, cá traduzido, fala assim (cito de cor): — dizem muitos au-tores que a intensidade do fervor religioso tem vindo a decair (em alguns chegou a zero e noutros passou a graus negativos, (digo eu); mas tal facto não está de-monstrado: o que se sabe não passa de impressões. E adita: há

outros autores para quem a visão dos factos é diferente; segundo eles, o sentido de um ser exte-rior e Absoluto é cada dia mais profundo e nítido, de tal modo que no futuro a religião terá uma importância como nenhuma outra instituição.

Não sabemos no que tudo isto vai dar. Nem precisamos. Até o povo o diz: — «Deus lá «stá» e sabe que nos tem cá».

Aí, meus senhores, eu que sou do povo — e por isso não pedi nem gosto de penachos; não fui jornalista cantando a favor de re-gimes; não vendi a alma (eu tenho essa coisa, sabem?) — aí, dizia, e se é o povo «quem mais ordena», de bom grado lhe dou o braço e voto com ele: Deus lá está...

Claro que se pode fazer rodar a dobadeira de novo: mas isso não é moda? — Seja, mas todos se-guimos uma. E como dizia o Régio: lá consigo é que eu não vou; «não vou por aí».

Acácio Torres

## À Atenção

Por volta do ano 1860 era moda literária em Portugal ser român-tico. E tal moda quebrou com o sopro da juventude de então: An-tero, Eça, e outros. Nos anos de 1974 foi moda política em Portu-gal ser comunista ou pelo menos marxista. E é assim que num dos jornais de Barcelos um ex-semi-narista, virado para os comunis-tas ou pior, declarava que já não bastava ser democrata, é preciso ser revolucionário (era o tempo do jornal da furiosa 5.ª Divisão, que o novo revolucionário bebia a largos goles).

20.18/X/80

POR

Dr. Francisco de Almeida

Uma pergunta: como foi pos-sível que alguns dos ex-semina-ristas portugueses encarrilassem pelas sendas do pior ateísmo—o da 5.ª Divisão? Só por aventura de jovens? Só por simpatia ideo-lógica? Comprados a peso de oiro? Isto porque os não vejo, nunca ninguém viu e decerto não verá, que tivessem, nunca, um gesto de amor para com os menos dota-dos, menos instruídos e com me-nos dinheiro.

## CASOS DO DIA

C. Seixas, no 2125 de 22.X.75

900

Dr. Francisco Almeida

Precisei de ir a um talho. Lá, umas 10 pessoas. Uma era cigana, de seus 50 anos. Diz ela à miúda que seria neta: —Vai ao café em frente, pede um galão e o mais que quiseres. Haverá quem pague!

Lá foi.

Uma mulher começa a dizer que aquele militar foi um bandido. Lá porque ia ser preso, por trope-lia que fez, foi-se a casa e zás: dois tiros na testa da mulher, que logo morreu, só com 19 ou 20 anos.

Mas porquê? —ciúmes; não ia ele ficar preso e ela à solta! E ela era mulher sem mancha!

Vem a cigana à carga: —tal homem trazia o diabo no corpo. E o do talho: Olá! Muito católica!

A cigana reage: —Então! Não se pode faiar do diabo? Só se po-de do que agrada a esses malucos? Deus fez as coisas para bem e o diabo envenena-as. Foi sempre

1/10.18.X.80

assim. Que mal fez Cristo para o matarem?

Ninguém ali estrebuchou.

Uma voz: «Ah, valente mulher». E o caso acabou.

Dos casos deve tirar-se lição. Seja.

1.ª) O pobre militar esqueceu um dever que a consciência dita a todos: Não matar!

2.ª) Por se esquecer essa ordem, morre muito inocente. Como é que um tribunal feito por povo, com juízo, castigaria o militar?

3.ª) Cristo pode gloriar-se de ser defendido por quem menos le-tras tem: uma cigana! O resto guardou a língua!

4.ª) Alguma certa cultura é falsa, maléfica, perversa: Não a usam para defender o Recto, o Justo, o Bem, que todos têm na cabeça.







Act. 3º

## COISAS DE LONGE E DE PERTO

V. Almeida

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Achegas para a

História de Barcelos

Dizia ela: «sou solteira, tenho 23 anos, vim de Viseu, ajudei os velhinhos — pai e mãe dele — a morrer, e ele, porque eu estava doente, abusou de mim quanto quis. Agora, voltar à terra? Aparecer lá assim? Ah, não! Mato-me, tanto mais que estou doente, não posso trabalhar, prometeu casar comigo dentro de 1 mês e não me dá nada. Já lá vai 1 ano e que: «botar-me» de casa para fora: o lugar a outra.»

Que há-de um fulano fazer perante tamanho descuido, cupidez, desgraça?! Nunca mais têm juízo!

«Eu cá, tenho 70 anos, sirvo naquela quinta há 26, ganho 40\$00 e minha mulher 20, e o patrão, que é médico — e ela professora do Liceu — despedem-nos agora! Não tenho direito a nada?»

Mas que lei lhe dará alguma coisa, amigo? Sim, sim! A bem pouco poderá aspirar, por ser do campo, um rural.

«Pois foi como digo: Devido à doença que arranjei no serviço,

andava fraco. Por causa da fraqueza, caí e parti uma rótula. Que ror de operações me não fizeram! Isto cada vez pior e não tem cura, me parece. Ai, eu preciso que me ajudem, que não posso ficar assim sem nada e doente».

E vem o relatório policial dizer que ele caiu, sim senhor, de joelhos, fracturou a rótula, por se ter envolvido em desordem com um tal XIII Nem ao diabo lembraria este arranjo!

«Eu, Maria da Graça, pretendo que o Sr. Castanheira me pague 100 contos e oitocentos, porque, durante 17 anos, lhe atendi o telefone para isto e aquilo. Ordenado: 600 por mês e do resto, o que tiver direito».

E vai o Castanheira descobrir que a Gracinha a ele dirigida só podia ser dirigida a seu pai, já que, com ele, é que ela teve «comércio».

Ainda é vivo e ela poupa-ol! Um nabo vê-se metido em cada púcarol

Francisco de Almeida

bém o «território Mainense (ler mainense). De facto, corre aí o rio Mena, nome (os nomes das terras e rios a custo mudam) que o Dr. Pidal faz derivar de Maina, palavra da língua dos antigos Celtas. Ora aí temos nós, possivelmente, a origem da palavra Mainhente: povoadores originários de Burgos.

(Cont. na página 9)

Uma vista de olhos pelo ... da Galiza mostra-nos haver aí, 2 povoados com o nome Suevos, no plural. Quem diria que os antigos conquistadores haviam de deixar rastros, encravados ali como duas ilhas entre os mais habitantes?

Nas Origens del Español, de M. Pidal, 5.ª edição, vê-se no que a Barcelos respeita:

A) No tempo da reconquista aos Árabes, houve enormes deslocamentos de gente: fez-se a partir do da Espanha um 1.º repovoamento e pelo ano 1088, um 2.º repovoamento. Por exemplo, Coimbra foi repovoada com gente da Galiza (Vago, Galegos — pág. 442).

Também na região de Salamanca aparecem 5 povoados com o nome de Galegos (pág. 444). E na de Leão, 2 Galleguillos e 1 vale de Gallegos (pág. 442), bem como uma Villagallegos (como essa de Santa Maria perto de Barcelos).

B) Pelo ano 1036 há documentos que referem a povoação de Cavaviello perto da cidade de Huesca, idêntico a Cacabilos na Galiza e Leão (pág. 147). E acrescenta que é derivado de Cacabêlu por laca-búlu (não parece).

Aí temos a origem do Cacavelos em Santa Maria de Galegos.

C) Em Lugo, Viladóniga (quinta da Senhora), como houve perto da fronteira entre Galegos e Mainhente (pág. 164).

D) Relaciona Barcel com curel e outras e dá testemunho de Barciela, na Galiza (pág. 180). Em Viana este nome, Barciela, subsiste como apelido.

E) Perto de Burgos existia o Valle de Mena (a norte) e tam-

(Huesca, Torres ... V. ...  
delos (do Mainhente))



804

8



## Comunista ou oportunista?

Este russo escreveu em 68 umas páginas que aí circulam sob o título: Progresso, Coexistência e Liberdade Intelectual, com dados da vida do autor que são estes: Nascido em 21 (Moscou), em 38 entra na Universidade. Vem a doutorar-se em Física. Não vai à guerra e não piou sob Estaline. Começou a falar com a primavera de Krutchchev e com este se afundou.

Foi há tempos expulso da U. R. S. S. Porque é que só uns são expulsos e outros ficam lá presos? Não será mais um espão mascarado?

Como é que o livro acima foi publicado-se na América? O autor não sofreu por isso? Advogar a coexistência depois de esta estar reconhecida por tratado desde 63? Louva Soljenitsine, mas apelidou-o de fomentador «isolacionismo e um romantismo patriarcal e religioso».

Sakharov fala com infinita menor convicção que aquele. É comunista e parece ou falso ou oportunista.

Em 1967, um rapaz de 21 anos, russo, escreveu: «A verdade absoluta é inacessível, a religião é por isso eterna, porque ela corresponde à maior necessidade do homem: a necessidade de comunicar com a verdade absoluta».

Por ter escrito isso foi condenado como Daniel e outros de que Sak. fala.

Que pretende Sak. com o livro? Apenas dar ao comunismo um rosto

mais humano, como Marchais, para melhor o darem a beber?

Ele sabe que a URSS mantém em 68 pelo menos 50.000 presos políticos, mas os seus são para ele a China, a África do Sul, a Espanha, a Grécia, a Albânia (não fala em Portugal... pg. 51). Ele sabe que Krutchchev foi um dos muitos colaboradores «no crime» de Estaline (60), mas é um filiado «inteligente» que só pede mais Humanismo: só na China é que há «demagogia, violência, crueldade e vileza» (64).

Quer julgamento revisito (o de Daniel) apesar de «condenado pelo público progressista de toda a União Soviética» — mas revisito porque desfale e prejudica «o sistema comunista» (75).

Ele sabia que os tártaros da Crimeia tinham seus direitos res-tringidos (tal de quem não for «russo») e que 46% deles foram

dizimados. Mas calou-se e ainda vem pregar os «grandes atractivos das ideias comunistas» (81).

Sabe que o da «camisola às riscas» (América) «abriu caminho através da neve» e que a URSS não faz mais que aproveitar (roubando projectos industriais e invenções) o caminho pela América, desbravado, mas vem dar conselhos a esta sobre os «22 milhões de negros norte-americanos» (91). Sabe que na URSS o homem de saber não manda nada, mas usa a sub-

## Achegas para a História de Barcelos

na 472018.X.75 (Continuação da pág. 8) (Ar.º 4º - cm. Timma)

Bem queria eu adquirir os 2 volumes do Barcelos Aquém e Além Cávado. Pois disse-me o Sr. José Luís Correia que não há: fizeram (os herdeiros) uns 300 exemplares apenas e recusam reditar a obra. É pena, mas deve estar a cair no domínio público.

tins Sarmiento na Revista de Ciências Naturais e Sociais, volume 3.º, págs. 62-69 e 186, pelo menos. Anos: 1889-94.

Robert Smith (da Gulbenkian) em A Talha em Portugal, refere o artista «Ambrósio Coelho, do concelho de Barcelos» (pág. 160).

A propósito: bem preciso era uma pequena monografia sobre o Cruzeiro e templo do Facho e do Autor deles, Padre Benjamim Sousa.

Veríssimo Serrão (Joaquim — Gulbenkian) publicou o manuscrito chamado Livro das Igrejas e Capelas do padroado real — do tempo de D. Sebastião. Refere-se às seguintes terras de Barcelos, pelo menos: Abade Neiva, Algosó, Alharis, Alheira, Alvelos, Areias, Barcelos, Campo, Carreira, Chorrente, Couto da Várzea, Faria, Lamas, St.ª Eugénia, Vilas Secas e Frescainha e Vilar de Frades.

Nota: Aparece Lamas (plural) e não Lama. Pode ser que não seja a nossa Lama. Algumas terras morreram (ver Ernesto).

O livro há-de ser valiosíssimo documento para monografias regionais. A fls. 75 aparece um Diogo Lopes de Azevedo (da casa da Lama, parece).

Francisco de Almeida

Na pág. 47 do Boletim do Grupo Alcaldes de Faria (n.º 1) refere-se o lugar de Mamoa — que significa Anta — na freguesia de Galegos. Desconhece-se ali tal lugar, mas tê-lo havido demonstra ser a aldeia de povoamento muito anterior a Cristo.

Refere também a Citânia do Facho como sendo a antiga cidade de Sanoana, bebendo, diz, em Pinho Leal. Ora o Pinho Leal fala de facto num «pata de cavalo» num penedo, de um objecto de bronze na posse (por 1870) de um Domingos José dos Santos Ferreira, «comerciante em Barcelos», etc., mas tudo referido à Roriz de Santo Tirso. Ou se enganou, porque há Facho — e citânia — na Roriz de Barcelos. Lugar de Mosteiro, condiz com a de Santo Tirso.

Ou houve mosteiro na Roriz de Barcelos?

Acerca da Arqueologia da Antiga Comarca de Barcelos (abrangeia Esposende) há estudos de Mar-

tileza de pensar que «o elemento... intelectual mais progressista... faz essencialmente parte da classe trabalhadora... e a classe trabalhadora está integrada na camada intelectual» (18), que ele bem sabe ser mentira. É o caso dos Muti em Portugal. CV 19.2.76

Se não é um ignorante, tem de saber que a Rússia foi derrotada diversas vezes, mas escreve: «A história tem demonstrado bem que o nosso povo e as nossas forças armadas são invencíveis quando urge defender o território nacional» (38).

Que homem é este? Um mentiroso? Um espião mascarado? Um que vai abrindo os olhos aos poucos como os gatos?

O que é na URSS «território nacional»? O Japão e a China que lho digam. Esta é capaz, em alguns anos, não sendo esmagada por aquela, de lhe mostrar que, de facto, não é «um tigre de papel» (29), só que disso havemos de ser todos vítimas por causa de intelectuais inchados e inconsequentes como Sakharov. São tão responsáveis como o foram os fanáticos e acarneirados generais de Hitler.

T. A.







# A ciência deve servir o homem

2. 10

v. F. G. G.

525  
Torres Vedras

21.X.76 - O Bada

- 1) Parece lamentável que tão pouco relevo se haja dado a algumas descobertas feitas desde há tempos. Ele é a feitura de automóveis eléctricos ou semi-eléctricos na URSS; é a adaptação de novo meio de transportes, por balão, na Alemanha Federal; é uma nova partícula do átomo na América; é a captação de

21/X/76 - O Bada

- energia eléctrica a partir das ondas do mar (Portugal e outros), etc. Por outro lado, mais descoberta, menos descoberta, já o vulgo se não impressiona: não liga.

- 2) Não é toda a gente, mesmo entre os cientistas, os historiadores ou outros, que se preocupa com a história das Ciências. Este estudou, descobriu, passou à margem, à história: que descubra mais! E essa história relata-nos procedimentos muito valentes: magicações tremendas, noites sem dormir, audácias, perseveranças. Muito se sabe hoje! Sejam as Matemáticas, cada dia a braços com novos problemas e até novas teorias; seja a Química, seja a Medicina, ele é um tal volume de saberes que cada homem sabe dia a dia mais so-

O Bada - 21.X.76

bre menos coisas: lavra menos terra e lavra mais fundo.

- A) Mas, quem é que é sábio? O que é ciência? São teorias de como se dão os sismos, por exemplo? Saber por saber pouco nos servirá. Diferente se o saber conseguir evitar os males que um sismo pode causar-nos ~~dele~~ a tempo de não nos caírem pedras em/

adidas cima.

- 7) O saber, sério, exige muitos trabalhos e esforços em o adquirir — que ninguém nasce ensinado. O saber é respeitado. Mas nem sempre o homem sabe o saber vivo. 8) É péssimo porque não se faz justiça a quem a merece. E fazer justiça pode ser castigar os que usem do saber para fazerem mal a outros homens. 9) ~~o Bada - 21.X.76.~~

- 10) Aqui está o sarilho do saber: pode ser utilizado — sem defesa — para matar ou ferir o homem. Vejamos o caso das armas: há ali muito saber aplicado. Para quê? Dizem todos. — para me defender. E de defesa em defesa se acumulam os arsenais: atômicos, terrenos, explosivos e o mais que não se experimentou. É possível limitar as armas. Era mais eficaz limitar o saber em homens incapazes de o usar para o bem dos outros. Queiramos ou não, todo o homem nasce inclinado para o seu bem — egoísmo — e mal dos outros: uns mais, outros menos. Porquê esta hidra em todo o humano, nunca extinta de raiz, e sem esperança de ser extinta?

Libertaram-nos de ter de marchar só a «pé»: temos comboios, autocarros, motos, carros, motorizadas — não falando já do velho cavalo, posto de parte. Viajamos hoje demais? Temos luz de botão, clara e limpa — e já era tempo de que todos a tivessem. Há luz a mais para ler demais, ver filmes demais, abusar da noite? ~~o Bada - 21.X.76~~

- A nossa geração é algumas vezes mais culta — em quantidade — que a de nossos avós, por exemplo. Eles o confirmam. Mas ainda há 73) 785 milhões de adultos que não sabem ler nem escrever — mais de 20 em cada 100

3ed. 21.X.76.

(alguns são mesmo incapazes). Contudo, será que não somos mais felizes que os antigos? Seremos até mais bombardeados de notícias e objectos a pesar-nos nos ombros? Como e com quê se constrói a felicidade?

A ciência tem servido imenso os homens. Mas já os tem oprimido também. Aos rios impõem-se diques, se necessário. É impô-los às ciências e às técnicas para se manterem no curso correcto: servir os homens e não vencê-lo. E mante-los no seu lugar depende de quê e de quem?

Pedro Afonso







# A Caminho do Socialismo

Como no tempo da outra Senhora os telecomandados repetiam: «Estado Social», agora — com a mesma falta de rigor — se diz: «a caminho...» Que grandes papagaios!

Sabe o leitor o que é uma palavra ambígua? É isso: aquela que tanto pode significar carne como peixe, couves ou uma mula. Pois: socialismo é na mesma. Basta dizer que se apontam as seguintes classes: pré-marxista, marxista, socialismo comunista, socialismo materialista, socialismo não materialista. E outras.

Que distingue entre si estes socialismos? Por exemplo: há

comunista que não seja materialista? Há marxista que não seja ateu? E por aí fora.

O Povo disse, repetem. Disse sim ou não ao materialismo? Dê o leitor a resposta. Mas não papagueada, que é feio.

## Os porquês disto

Procuravam dois sujeitos saber se sinceridade é, ou não é, o mesmo que franqueza. Isso não dá pão a um trabalhador. Mesmo assim, nem sempre vale o mesmo dizer carro ou carroça. A coisa ou é ou não é.

Politzer, filósofo marxista, escreveu o livrito que, traduzido,

— 4

## Caminho do Socialismo

03ad - 10.1.76

leva o título de «princípios elementares de filosofia» (Prelo editora - 1974).

Mas que rigor o de Politzer! Ele nem dá aos trabalhadores, a que se destina o escrito, a noção — ou noções — do que seja filosofia. Certo que aponta alguns problemas tratados por ela, a saber: «De onde vem o mundo?» «Para onde vamos?» (pg. 21). «Em que nos tornamos depois da morte?» «Qual é, da matéria ou do espírito, do ser ou do pensamento, o terreno mais importante?» (pg. 34).

Já na pg. 19, Politzer tinha escrito: «É, pois, indispensável estudar essa filosofia...». E adiante: «Lenine disse: «sem teoria...». Trata-se da «filosofia materialista».

Mas, seu democrata Politzer: a gente tem de fechar os olhos e comer só da sua doutrina? E porquê tal escolha assim à partida?

P. Afonso

# LEITURAS COMENTADAS

Iniciamos a  
Famulicão  
528  
13. 2. 76

Que negócio é esse? Então já desde há quase 1 ano o Governo do Mali disse que nos ia proibir de pescar ao largo do Cabo Branco e isso só agora se sabe? Que razões de Estado obrigaram a tal segredo? Se isto continua, era uma vez os pescadores portugueses... Os do Mali só agora proibem e no tempo dos fascistas, não?

## Uma Demissão

Sintomaticamente, um membro da Câmara de Barcelos demitiu-se estes dias por discordar, diz, da

orientação do 6.º Governo. Que diabo! E não discordou com a orientação do 5.º! E demitiu-se quando a Câmara de Vila Verde (que dizem afecta ao P. C., via H. D. P.) também se demitiu e atacou o Governo! Coincide de mais.

## Milho da U. R. S. S.

Não se entende. De facto nós importamos este cereal — milho. A Rússia não produz assim que possa vender. Como é a que

Vai ser bonito quando começarmos a ter oficinas equipadas com material soviético. Luta de galos. Mas o Governo tem de dar contas à Nação daquilo que compra e que negócios faz. Porque antes dos Bancos serem «nacionalizados, nossos», já o era o dinheiro que o Governo administra. E ainda agora se escreve que vão ser fuzilados na U. R. S. S. 5 bicos por desgoverno nos dinheiros públicos (é ver se os de cá se indignam!).

## Lugares vagos

Há-os no Vietnã do Sul donde o Governo expulsou

2p.12







há dias 20 missionários.  
Depois de lhes agradecer o bem que lá fizeram !...

Há-os em Moçambique: resignou o bispo presidente da assembleia de lá. Também resignou o arcebispo de Luanda.

Há-os no Luso (Angola) onde foram modelos os últimos três sacerdotes (2 brancos e 1 preto).

Há-os na Beira onde Machel não admite o pressuroso bispo Vieira Pinto.

Há-os na Checoslováquia onde das 13 dioceses católicas 9 estão sem bispo (que liberdade !...).

Aqui pela nossa região e arredores há, ao contrário, diversos missionários retornados.

N. de Elvas  
(Narciso) Narciso

# ACHEGAS PARA A História de Barcelos

Como prometido aqui no n.º 476 de 15-XI-75, trato hoje do livro de Benjamim Salgado, sobre Famalicão, ano de 1967. Título: Vila Nova Entre Dois Forais, onde vem o capítulo Famalicão e Barcelos págs. (87-95).

BIBLIOGRAFIA: a usual (Barros, Viterbo, Av. Costa, David,

PELO

Dr. Francisco de Almeida

P. Leal e outros). DOCUMENTAÇÃO: Leges, Vimarani, Chronica Gotorum, Tombo do Cabido de Braga, e muitos documentos expedidos pelas chancelarias de diversos reis. Parabéns: as bases são sólidas e a história, assim, não é de pagaios.

No Capítulo de Barcelos cita:

D. João I — carta de 8-XI-1401 (semelhante, e do mesmo rei, existe carta nas Fontes Mediciniais Torreenas). É carta de CONFISCO de bens (não se confisca só agora, como vêem).

As TERRAS que nos interessam são: PERELHAL e FARIA. Era senhor delas um D. GONÇALO que aderiu ao PARTIDO do adversário político de D. João. Referência: o Mancelos — Resenha, pág. 26, cita documento da mesma data a confirmar o DOTE que o Beato Nuno deu à filha para ela se tornar nora do rei. Em Barcelos era conde ao tempo do D. Gonçalo um D. João Afonso. Não diz Salgado qual a sede do condado de D. Gonçalo (ver Mancelos, pág. 18 — mapa) e foi pena não se ter apoiado no Mancelos, que é seguro.

A págs. 90 escreve Salgado:

insatisfação da sua ambição (refere-se ao Conde de Barcelos, D. Afonso, genro do Beato Nuno)...», confirma-se a ambição pelas ditas Fontes M. Torreenas: até conseguiu que o irmão, o rei D. Duarte, lhe doasse bens da Coroa — não pequenos — perto da vila de Torres Vedras (a Veiga de Pay Lepa). Sem qualquer ter coragem de lhe arredondar as unhas! Mancelos não confirma que D. Afonso «constrói uma ponte, ergue uma Matriz, como diz Salgado. Nem elevar a Matriz, já antiga, a «colegiada» se poderá ter por «prosápia».

## Ronda do Mundo

Quem tiver andado por esse Portugal fora repara que nos Açores, como no centro e sul do País, também os templos têm seus horários. É mau que tenham portas fechadas, mas razões de segurança a isso obrigarão.

Ao menos nesta nossa terra ainda não é assim.

Aqui não temos empregados permanentes, ao menos nas aldeias: são voluntários quem serve, ou somos igrejas pobres. Na de S. João de Deus em Lisboa foram pagos de ordenados e previdência, em 1975, menos um conto que 400. Segundo um dos boletins desta paróquia! Depois que acabaram as dedicações de pessoas a servirem no templo e nas tropas das ordens militares, é assim.

### TERRAS A ARDER

Uma das mais prestigiadas é Angola onde os migs da URSS já funcionam, ao que relatam, a favor do MPLA. É capaz de não ser nada como o Savimbi diz: que Angola vai ser o

(Continua na 3.ª pág.)



12



# Profetas e revolucionários

POR Francisco de Almeida

530

N. fam. 75/x/56  
Do cad. 271

A cada passo se ouve falar de uns homens que apareciam repentinamente, como loucos, a falar contra tudo e todos: contra o rei porque «filhou» a mulher do seu soldado mercenário e estrangeiro — o hitita; e contra o outro, que estendeu as unhas à mulher do próprio irmão, não ocultamente, mas à luz do dia — como ainda não há muitos anos fez um Delegado do Instituto de Trabalho: tão sujo que caçou a noiva ao irmão. Not. fam. 15-x-76

Esses profetas bem não queriam ter de atirar-se contra seus reis, mas tiveram de fazê-lo. Como paga, foram apedrejados, tiveram o pescoço no copo como o Baptista, etc.

A nossa época tem falta de profetas: de homens a quem a recta razão obrigue a chamar contra o erro, contra as actuações eróticas de uma estúpida sociedade de consumo: erotismo de 4 ou meia dúzia, em colectivo! Olhem-se a Rússia permite tamanhos desregramentos! Chegamos à conclusão bizarra de que são os Estados comunistas que melhor cumprem — apesar de ateus — as leis da Natureza? São cegos de um olho — só vêem de um lado — mas não são parvos.

Os profetas têm os dias contados porque é decididamente intolerável às mentes desregradadas do nosso tempo. Por 1870, o Papa pelejava com os nossos bispos porque se calavam: tinham perdido

(ou nunca tido) o rogo do, profetas. Não foram nenhuns Auditórios Barrosos, esse cuja luz bilha em Remelhe. É intolerável, ele sabe-o, e faz como os revolucionários: agir sem prejuízo de perder o umbigo,

já que perdido este, para que serve a luta?

Por vias diferentes, aparentemente os mesmos interesses. Mas o Revolucionário — o profissional — é simplesmente objecto porque é pago para destruir como o médico que se vendeu — tem uma desculpa: só vê de um olho por miopia de nascença. Impossível corrigi-lo; tem energia demais para ser travada. Só se pode canalizá-la. Que usem a cabeça para o fazerem.

Alguns profetas falam, todavia, e pelejam contra tantos males: sejam sacerdotes, cientistas, filósofos, historiadores, etc. É como soprar às águas do Tejo para que recuem. Não recuam. Seguem destruindo.

Mas o Revolucionário é também um profeta que pensa agir por si e afinal não age por si: age como, de algum modo, e para alguma coisa — predeterminado. Os ocidentais estão parvos. Atirem-lhes com liberdades e tereis o que Ducassé diz dos velhos Romanos: «As desordens, cada vez mais frequentes, o conflito entre as cidades e os campos, a destruição e pilhagem dos centros ur-

banos, a deterioração das estradas, ... a insegurança nos transportes... a descomposição política, a desorganização administrativa... provocaram... o abaiçamento da quantidade e qualidade de bens... uma indizível miséria se estendeu pelas terras do Ocidente... «História das Técnicas», pág. 57).

Isso refere-se aos anos 400, há 1.500 anos. Não é o espelho do que se está aqui a passar? São as bombas, os assaltos aos bancos, a um casal num automóvel, seguido de vio-

2 N. fam. 15, x. 762

lação da esposa pelos gatinhos, assaltos em autocarros em cidades, greve dos camponeses contra os alfacinhas, que só têm garganta, cinemas que só amolecem, juventude sem ter aulas nem oficinas e acenada para a droga, como todos os leitores sabem.

Ah, sim! Isto tem de levar uma volta!

Foram-se os profetas: duros, ao frio, sacrificados, rotos, mas especados no chão a dizer o que é e não o que ao grande convém: não aos Vieiras Pintos ou missionários fugidos a incenssar Samoras Machéis, de lá e de cá.







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Olhem à volta: só me falam de política. \*Um critica os partidos, todos eles; outro diz que nada quer «de seu» pois o tempo disso acabou; este fala contra os vindos das Áfricas, para quem aquilo é que era e isto não era por ser o «Prêto», uma miséria, onde nem há usque (lá uma miséria, onde nem há usque (lá havia e eu sei e que estive lá). Lá não são também portugueses. Um pasmava de em tantos milhões não ser possível arranjar um conjunto de ideias e projectos à volta dos quais se reuna a maior parte da Casa Portuguesa.

Mas não é: Suaristas, pêcistas pedepedistas, mesinhistas, cêdêssistas. E logo todos democratas! Muitos até gostam da ditadura e há trabalhadores que já sabem o que isso é. Até alguns doentes!

Elas? São umas porcas, dizem. Depois estranham as violações, os raptos, sei lá! Olha se o Movimento das Mulheres ergue a voz em protecção das violadas que ficaram sem pio! Ná! «É fazer o jogo da reacção». Camões, redivivo, diria «Desditosa Pátria que tais filhos tem». De muitos se sabe o que dizem, MAS NUNCA O QUE PENSAM, caso em que a língua vai a Braga por Prado e a cabeça, por Adães. Nem isso: o que parece é irem a Braga, quando vão mas é ao Porto: sempre manobras!

Que fica de tanto jornal, tanto manifesto, cartaz, edição da T.V., locuturas na rádio, livros de muita parra e nenhuma uva? Nada ficará. O homem é micróbio. Cada dia mais gordo ou esquelético, mas sempre enrugado. Comparando com a bactéria de que fala Boschke (7 dias da criação), com 320 milhões — milhões, fujam — de anos... A essas nem o Machel a buldozer destrói como faz — aprovado pelos de cá? — aos ossos dos pobres lusos (olha, lusos!) lá enterrados.

Até os do bispo Resende, na Beira? Sempre era bispo! Não pasmo, sosseguem.

Mas raro em toda a história houve outro Machel.

Que viva! Este povo louco, insensato, apóstata, de quem o célebre Paulo disse ser deus deles o umbigo. Mas do povo também dizem que NUNCA TEVE TANTO DEFENSOR. Não digam estar pior, senão o Dr. Zenha enfuna (e é de Braga, nosso. Nosso também o Menino LOURO). V. No. 7-496 4 10.4.76

Ai Sôr Marx! Tão ma' a Deus tens feito que é impossível não estares feito demónio. Judeu, filho de deicidos (factos são factos). Ainda hás-de fazer a terra dar um estoiro (os pequenos, judeus, têm aquela bomba que os de cá não querem se ponha em Peniche).

(Cont. na página 4)

(Cont. da página 1)

V. No. 7-496 4 10.4.76

Há quase 500 anos, um tal Bruno disse: «só um louco varrido diz... que existe só (céu e terra). É francamente ridículo presumir não haja outros seres vivos... além dos que conhecemos». Pois o Sôr Marx e filhaçada, que não. Mas a arqueóloga escreveu: «a Bíblia tinha razão» (agora não vendem livros desses, que a liberdade deu «práxim»). Ser feliz, em tudo e depressa, senão não presta. Para isso, outros deuses, não o Deus tradicional. Quero crer que o Patriarca, D. António tem razão: — Portugal há-de continuar cristão. E se não? Desastre pela certa. Mas nem tudo há-de ser desastroso — que o diabo não pode. Para não dar nas vistas irá dizendo, à mesa, a tudo que sim senhor. E por debaixo da mesa chutará os diabitos mandando-lhes que mordam forte. Ai os marotos, dizia o velhote cheio de humor!

Francisco de Almeida  
de um livro





# ACHEGAS PARA A História de Barcelos

Poiarses (V. do M. 517-4/9/76) A Servidão

A Biblioteca municipal de Coimbra tem organizado um ficheiro de livros e artigos dos quais nos interessam alguns. São eles:

— SUPERSTICIONES. 1955 — Separata da revista Douro Litoral — 77 págs. — Autor: Pereda.

## PELO

Dr. Francisco de Almeida

— A GALIZA E A PROVÍNCIA PORTUGUESA DO MINHO — Revista da Universidade de Coimbra — págs. 86-90 — Ferreira.

— EL LAGARTO — 1949 — Separata do Bol. do Arquivo Municipal de Braga — Brey.

— SUPERVENIÊNCIAS de Direito Consuetudinário germânico — 1960 — Sep. das Actas de Estudos Etnológicos — Trillo.

— ORA MARITIMA — Revista de Portugal — vol. IV — pág. 181 — M. Sarmento.

— UM CONTO ORIENTAL NA GALIZA — 1955 — Sep. de Quatro Ventos — Carre.

— RITOS DE IMPETRAR Choiva — 1956 — Sep. de Douro Litoral.

— DIOCESES — Revista Bracara Augusta — 1968.

— INSTITUIÇÕES SUEVAS — Brac. Augusta — Vol. XXVI.

Propriamente sobre Barcelos há escritos um monte de livros, revistas, artigos. Mas, segundo Mancelos em A Servidão, pág. 60, nota 2, «o arrumo provisório do Arquivo e modificações diversas da numeração dos livros...». Será que ainda hoje se não tem em Barcelos um Catálogo dos livros? Na pág. 38, nota, diz o mesmo Autor: «A História da Imprensa de Barcelos está por fazer...».

## Do 1.º Ponto

Está hoje muito em moda falar-se de superstições ou crendices. Nesta nossa região, todos sabem o que sentem quando de noite ouvem (os da cidade não sabem sentir isso) um mocho a piar de repente. Pior, se for junto ao cemitério como a um de Galegos já de madrugada aconteceu. Disse que sentiu os cabelos em pé. A CORUJA é outra ave esquisita porque só lhe dá de vir esvoaçar e piar para junto dos aposentos dos moribundos. A vinda dela é morte quase certa, dizem. E já Martinho de Dume se referia a estes casos.

ORA MARITIMA é uma descrição das costas do mar, da Espanha e Portugal, em verso, que data do 500 anos antes de Cristo. Foi escrita em grego. Autor: um tal Avienus. Foi traduzida para Latim.

(Continua na pág. 4)

## ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DE BARCELOS

843

(Cont. da página 1)

No que se refere à Lusitânia (mas Barcelos não o é) foi feita uma antologia de textos de 30 autores em 1962, por Arlindo de Sousa. Os ve-sos começam assim: «Post multa, serpens/effugavit incolae». Corria entre os Antigos que uma serpente espantara os habitantes cá do sítio. Povos daqui veneraram a serpente como se fora Deus.

ORIENTAIS cá (antes de Cristo); foi o escritor hispânico (do Portugal OU da Espanha de hoje) de nome Méla, quem escreveu na sua obra De Situ Orbis: «VIII — tum...sed a Durio, ad flexum grovi: flumque perfos Avo, CELADUS — Naebis... Limita». Falar dos Celtas que se estendem desde o Douro ao Vouga seguido do CELADO (Cávado), Neiva etc. E o nosso Pedro Poiarses, em 1647, escreveu seu Dicionário de nomes próprios... que dá Tui fundada por um Grego. Poiarses merece mais carinho.

(Tratado? Continua)

gratias... (1647...)





# CARTA DE LISBOA

Carta de Lisboa de 31-1-76

## Jornais. As paredes da Igreja

Por começar novo ano façamos balanço. De Jornais: além dos que já havia, — e eram todos democratas, salvo a Época, que ardeu, criaram-se mais uns tantos. Os velhos foram parar (segredos de tática!) quase todos à mão das esquerdas. Os agnósticos Século e República andam ainda em bollandas. Os novos O Jornal (Esq.), Luta (do Rego), Tempo, Dia, etc. Não sair O Diário (P.C.) e O Diabo (anti-P.C.).

Se os velhos não dão para o papel, como se vão aguentar os novos? Mas certos velhotes — dizem eles que por estarem habituados — só lêem os velhos. Dos jornais de partidos grande público não compra: que não acredita em partidos porque o que eles querem é sanear os que estão para irem outros ao poleiro. E o Zé que lhes pague!

## ACHEGAS PARA A HISTORIA DE BARCELOS

(Cont. da pagina 1)

paróquia civil. Refere o «movimento de expostos» (n.º 5), o Padre Antonio Pais na quinta de Quirás, benefícios (lugares vagos) eclesiásticos (n.º 13). N.º 19 — é o último em 27/11/1867. Que efémeros jornais! Já se referia à Folha da Manhã.

— JORNAL DO POVO — de Ramires de Vilas Boas. N.º 24. 1.º ano, aos 9/10/867. Editor: João Ev. Lima. N.º 71: que arderam os arquivos. Refere os Estatutos do Senhor da Cruz. Foi até ao n.º 123. Era sociedade por acções. Que finol

— FOLHA DA MANHÃ: 7/8/879 — Regeneradora. Do J. B. Lima. Editor: J. d'Oliveira. Refere a Banda de Barcelos e Monte dos GODOS (pedras ou povo) em Rio Covo. Já sabemos que foi pelo menos até 1901.

— IDEIA NOVA — (é republi-

Doutrinas que ensinam: geralmente, como por encanto, todos se mostram sábios em Marxismo que normalmente é também anti-religioso (não só anti-católico). Quase só nos jornais das terras (provincia) a orientação superior é de espírito cristão. Estes, da provincia, cobrem uma área geográfica às vezes grande e chegam a quase todos os continentes.

## Transcrições

Na parede da igreja de S. João de Deus (Praça de Londres) lê-se: «oh mamã, é preciso ter a 4.ª classe para ser do M.F.A.?» — «Deus não existe» — «Não queremos nem Deus nem chefes». Não há igreja nenhuma que não tenha as paredes crivadas de dizeres bonitos!

Revista Economia e Finanças título: «1.º ano da nossa Pobreza e Esperança».

Um jornal: «Lacaios do Cunhal procuram um Pinochet». Seria uma tática certa para o PC tomar o poder.

Outro: «O Vaticano fez a alteração do modo de eleger os Papas para tentar (a ver se consegue, vejamos!) evitar que o KBG ou a CIA lá entrem». — Sempre gostava de saber porque tem Portugal meia dúzia de bicos em Moscovo e Moscovo tem na embaixada de Lisboa mais de 300. Logo, maiores que a URSS?

Nova Terra: Há ainda no mundo (sobretudo entre os Arabes) um milhão de escravos. Livros: é muita a gente que já leu o Arquipélago Gulag. Pelo que alguns jornais têm relatado, fizeram-se cá, após o 11 de Março, torturas muito mais refinadas que as relatadas no Gulag. A nossa originalidade! De Sakarov ainda se não vê. Gaiola Aberta: esta Figueira: campo pequeno (praça de Touros — Lisboa). Um soldado de mãos nos bolsos (com o camuflado os de Angola chamavam-lhes maçaricos). Empurram-no, que vá: FUR, FSP, MES. A todos, empurra-os o PCP, vestido de soldado estranho: — porquê sempre eu a ir para os cornos do touro? — A caricatura é mais que exacta (há quem tenha panfletos de grupos PC, de 26 de Novembro a vitoriar a revolta da noite anterior. E logo o Melo Antunes: sem PC, nada! Então força, «camarada Zé», diz a Revista do Parque.

Natal-pastoral dos bispos: denunciam, além do mais, que a História esteja a ser expulsa dos programas do ensino.

Os evolucionistas! Como na faculdade de Direito, só Marx e Lenine — os novos messias! Porquê? Mas poucos são tarados. Ainda há humor (anedota): — a Avenida Almirante Reis vai mudar de nome para Pinheiro de Azevedo. — Porquê? — Ora, porque leva direitinha ao Chile! (praça).

O jornal o Dia é dos poucos que trata do tema Religião. No de 9-1-76 diz que os católicos no mundo são 18,31 e aumentam tanto como cresce a população. Então não descem? Que desilusão!

o cano revolucionário). Refere o Barcelense Alves da Veiga Luis de Airó, Viana (proprietário) e A. Fogaça.

— JORNAL DO POVO — só o n.º 45. Pais V. Boas.

— GAZETA DO POVO — António R. C. Pinto. Cita o n.º 140 do Tirocinio.

— BARCELENSE — (referido pelo Mancelos). Em Janeiro de 1927 ia no n.º 827 (Semanário, monárquico). Há nele uns Estudos de B. A. da Cruz de que vale a pena fazer livro.

Francisco de Almeida

Arquivo: Folha e 15 pág.







# Sugestivo, mas real, não

POR Francisco de Almeida

N. fam - 7264 - 24/9/76

888

Não podem se lhes fale em Metafísica, mas é isso o que, sem querer, empregam todos os dias.

Reuniu em Lisboa a Associação Hegel. Em congresso. Porquê se os progressistas repudiam Hegel? Rejam lá!

Filosofia é o estudo do ser em toda a sua extensão (Hegel). Esse ser tem duas

faces: Absoluto, é Deus; como não-absoluto é evolução (mudança) contínua; por um lado, esse Deus é a única realidade que há; por outro, é de todo indeterminado. E ser e é não-ser (nada). Querem mais disparates juntos?

(Continua na 5.ª página)

(Continuação 2.17 na)

Continua Hegel: essa evolução tem fases. Todas elas são um processo (caminho), mais ou menos às curvas, com avanços e recuos. Tudo para fazer determinado o indeterminado; ali, clarinho como a água, e concretização em diversos modos de estar no mundo. É isso a *evolução dialéctica*. Mas isto vê-se? É assim? Não é isto pensar para além do dia a dia? Não é pura metafísica? Como estudá-lo em congresso? Fitas!

No tempo de Hegel, que já morreu vai para 150

N. fam - 24.9.76.

Até aqui os absurdos do patrono dos congressistas. Passados mais de 100 anos sobre a morte de

anos, estas teorias foram a última moda. O nosso Antero também nele bebeu. Compreende-se: Hegel foi do seu tempo: falou em Antropologia, Filosofia da História, Filosofia da Religião. Tudo novidades. Aí teve mérito: foi sugestivo. Disse mais: ao contrário do dito pelo seu contemporâneo Schelling — para quem a história eram as lutas (conflitos) entre a razão e o desejo — Hegel proclamou que a história dos homens é nada menos que a execução de um *grande plano*, grande projecto. A história é também um modo de Deus se revelar (Hegel o disse!). Só que... o tal absoluto não passa, diz ele, da união no mesmo ser do que há de objectivo e de subjectivo. Mira-se a si próprio? É teoria de Arte. Representa-se a si próprio? É Filosofia de Religião. Sem creença, nem Deus existia.

ivo; mas real, não

Hegel, razão teve Marx para afastar Hegel. Não o fez: como diz, voltou-o de patas ao ar. E aí temos o marxismo (que dizem científico antes que lhe chamem metafísico ou pior, imaginário). Assim, ensinou Marx, além do mais — também bastante sugestivo embora irreal:

— O que de facto — e só — existe não é nada a Ideia do Hegel (o Absolutismo), mas antes a *associação dos homens e suas forças* (sociedade); por isso, o processo evolutivo dá-se não na ideia, mas na vida: económica (bens) e social (ricos, pobres, senhores, escravos, etc.).

A prova, diz ele, é que, antigamente, as terras eram de todos (comunismo). Era um sistema, serviu. Depois estragou-se e veio a propriedade de cada um (individual): Serviu. Mas a evolução é implacável: o sistema do futuro é um comunismo novo, a impor.

É porque isso não vai assim com duas tretas — e tem que ser — é precisa a revolução: é que os preços, a exploração, os salários, a produção, todo o económico muda, evolui em acelerado. Mas as ideias, o pensamento, a ideologia das pessoas, não aceleram.

A certa altura, a organização do Estado, a Constituição, os costumes, estarão 2 séculos atrasados do económico. É preciso forças as mudanças, o que não se consegue senão à força (violência). Aprofundam-se Sociologias das Revoluções. 24.9.76 —

Não é isto metafísica? Ou é só imaginação? Como teoria não deixa de ser sugestiva.

A esta famosa teoria de Lenin um novo jeito. É claro que hoje se quer o menos de teoria e tudo da práxis. Mais: práxis, mas nas mãos de uns quantos. Que nem toda a revolução serve.

Os povos estão nisto de vai, não vai, que foi no que deram as tais filosofias sugestivas. A realidade delas é proporcional a forças com que se defendem.

Francisco de Almeida





# Repensando a Liberdade de Expressão

538

CV. 14.7.77

Vem este apontamento a propósito do artigo «Freedom of Expression: too much of a good thing?» publicado na revista da universidade de Havard, The American Scholar, Primavera de 1977, pelo Dr. Sparrow. O problema é o de saber se há ou não há liberdade a mais no que toca à expressão do pensamento. Refere Sparrow que os militantes da liberdade afirmam:

1.º — Os conceitos quer de obscenidade quer de indecência mudam de lugar para lugar e também pelos tempos fora;

2.º — não há uniformidade sobre o que seja, hoje, quer obscenidade quer indecência (cada cabeça sua sentença);

3.º — quando alguém diz isto é obsceno, isto é indecente, não o faz por motivos racionais, por um dado critério de julgar, mas antes por simples reacção.

Sparrow disserta longamente, mas não tem bases filosóficas para o fazer. E o tema é actual e é grave, como graves são as divergências acima apontadas — e que se traduzem noutros campos como mostra o livro que a revista anuncia, de Haseler, com o título *The Death of British Democracy*. Quando na Inglaterra a democracia morrer, que será do resto do Mundo? Mas Haseler profetiza-o apesar das controvérsias que suscitou. Lá se vai então a nossa *democracia!*

Mas retornemos ao tema da liberdade de expressão.

(Continua na 2.ª pág.)

# Repensando a Liberdade de Expressão

CV. 14.7.77

(Continuação da 1.ª pág.)

Para se saber do que estamos a falar: o que é Liberdade? O que é Expressão? O que é Liberdade de expressão? Observo a facilidade pasmosa, incrível com que uns e outros falam de liberdade e quejandas sem uma vez sequer terem aberto um dicionário. E se falam! Vamos por partes.

1.º — Quem não conhece as coisas, como a criança ou o adulto louco não tem liberdade (estamos de acordo). Concluo: só quem tiver um pensar suficiente pode ser livre. Ora como as teses sobre o modo ou processos pelos quais aprendemos as coisas são várias (Lembrar Kant, Aristóteles, etc.), começa aí a divergência. Na prática: em geral, todos

2. 18

CV. 14.7.77

somos capazes de conceber ideias como homem, sem pensar em nenhum (sem imaginar qualquer um). Se para falar tivéssemos de imaginar tudo, cada frase demorava-nos 5 minutos. O pensamento voa de ideia em ideia, direi, em seco, abstractamente. E uma das ideias que todos temos é esta: a do nosso bem, ou felicidade, nossa e de qualquer. Bom, bem, não já este objecto ou aquele, que nos serve, agradável, solícita, mas Bom, Bem, em geral — e não é soma de todos os bens e bons que há.

2.º — Mas não há ser algum cuja estrutura o não empurre para a que lhe falta e ele *apetece*; a criança procura a mãe; o homem faz namoro à mulher, etc., tudo casos e coisas concretas. Só trato do homem — só desse se pode falar em liberdade. Mas António sente, experimenta, vê, reconhece que é ele quem se move para aquela pequena: ninguém o empurra. Ele vê, ele gosta dela, ela é bem para ele e o que é pior é que, se lhe não vir defeito,

CV. 14.7.77

António e tal que não pode não querer estar com ela.

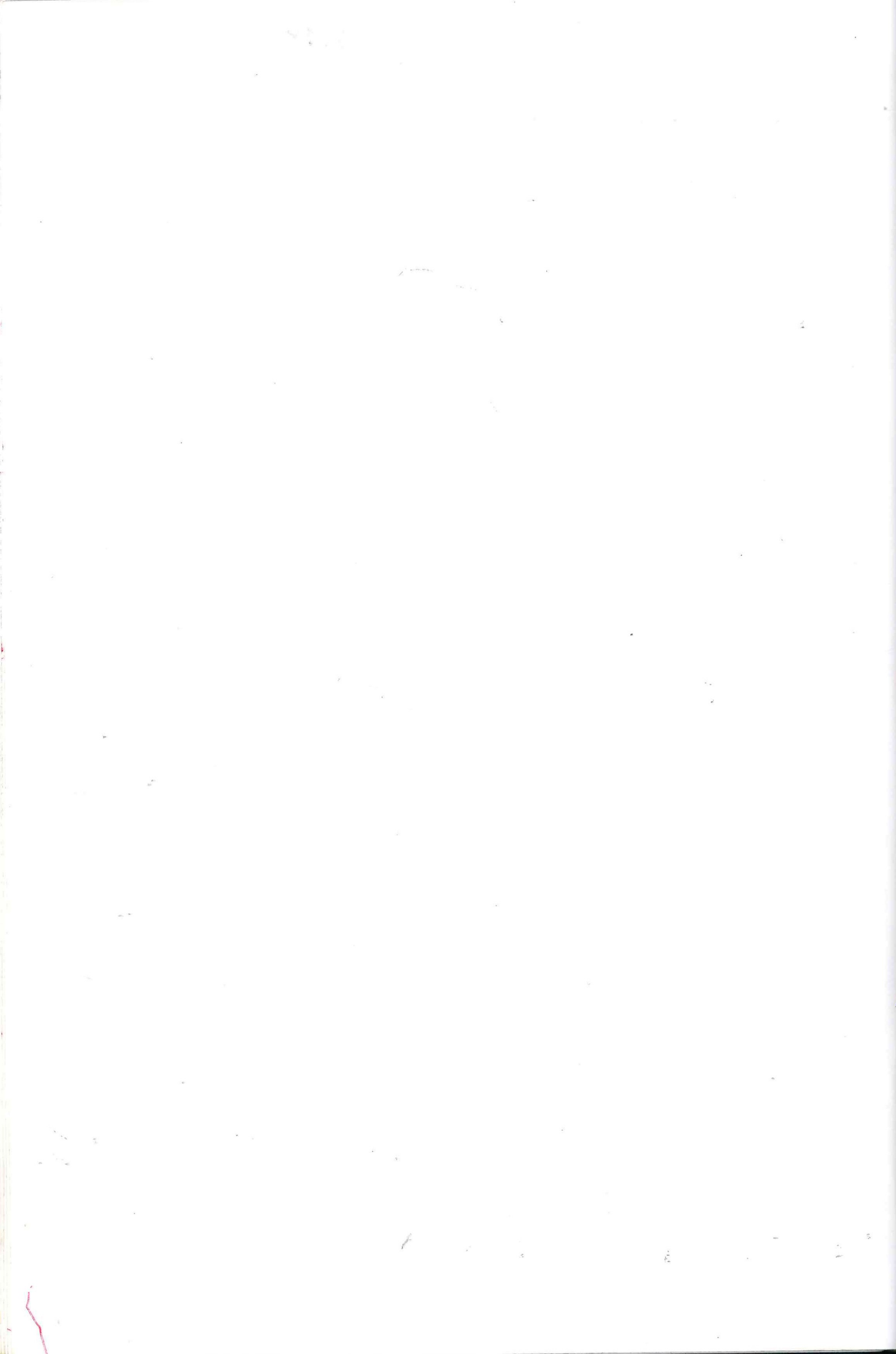
3.º — Este querer é só interno — virá a actos ou não. Esta energia, força, capacidade de dizer ou fazer «vou — não vou» ter com ela (ela é casada, por exemplo) é que é a nossa, minha liberdade. A minha é poder concreto; a ideia deste poder é liberdade em abstracto.

## A Expressão

O sentido da palavra é muito lato: o núcleo é «botar fora» o pensamento, o que se faz pela palavra, pelo gesto, pela escrita, pelos desenhos, pelo filme, pelos códigos (morse, etc.). Aqui surge a encruzilhada. Acima caracterizámos liberdade — po

(Cont.)







# Repensando a Liberdade de Expressão

(Continuação da 2.ª pág.)

der individual, espera pessoal; aqui temos «expressão» que por natureza é social, para publicar, transmitir, comunicar a outrem o pensamento. Objecto: o pensamento (a corrente); meio: a fala, etc. (expressão).

## ~~Liberdade de Pensamento~~

Foi célebre nos séculos XVII e XVIII a atitude de se guiar apenas pela sua cabecinha: a razão foi ao pedestal como deusa. Eram os «espíritos fortes» a que levaram atitudes de Livre Exame com Lutero (e já desde Ocam), Descartes, etc. Demonstrou-se que a Razão humana mais arguta se pode enredar em tremendos erros. É ver em quantas correntes filosóficas, divergentes e antagónicas, vieram a dispersar-se os pensadores modernos. E já não há pensadores, há *movimentos* que cilindram tudo. E lá foi a liberdade!

Mas queria-se a liberdade de pensar sem rédeas, quer dizer: de dizer sem obstáculo. E o problema social, e logo, político, é este — que é no que vem a dar a pergunta de Sparrow: podem os homens e mulheres de uma nação permitir que A ou B ou C exprimam, digam, tudo quanto pensam? E aqui começam a divergir: uns permitirão mais e outros menos. O certo é que ou a sociedade limita a A, B ou C e a sua vontade de dizer ou ela se destrói. E se A advogar que não devemos deter o invasor castelhano? Ou se B advogar que o furto não deve ser castigado? E por aí além.

A conclusão é: o homem só deve poder exprimir pensamentos que concorram para o bem da sociedade a que pertence. E ainda: por mais facilidades que se queira dar a quem quer falar nunca se lhe pode permitir falar sem quaisquer limites, em qualquer tempo e sejam quais forem as circunstâncias.

Os limites marca-os a lei que há-de ser o menos longa possível e a nossa lei — e não copiada como uns papagaios aí fazem — porque se a lei do vizinho o levar ao charco, eu recuso-me a ir com ele para o charco (de estúpido o menos). Logo não é possível viver sem repressão porquanto ou se castigam os desobedientes à lei ou ela é revogada pelo não-uso: é então a anarquia em que ninguém se entende, sociedade sem rei nem roque. Mas isto é impossível. E quando um ministro como Almeida Santos defende que o crime aumentou por haver democracia, é de perguntar-lhe se ainda há democracia (porque não se castiga o culpado) ou se o castigo dos culpados implica não haver democracia ou ainda se esta e o castigo são necessariamente coexistentes. Doutro modo: se uma Democracia implica ou não certo grau de Ditadura. Mas esta gente abdicou de

2.19

raciocinar (os de Leste, não, só que apertaram o cinto da lei dos pensantes em demasia). E parece, a ter por boa a tese de Haseler, que o futuro vai dar razão às ditaduras.

## ~~Expressão (alargada)~~

Querem então liberdade de desenhar o que quiseram e expor os desenhos onde queiram, como a de filmar e projectar, etc.: tudo vem a parar no rio do sexo, das acções sexuais — direitas e esquerdas ou invertidas, nas fitas de assaltos, assassínios e o mais que já aí se vê. De facto o atirador oculto «exprime» a sua cobardia; o homossexual ou a lesbica exprimem seus vícios e degraus de indignidade; o militar expõe e exprime o apunhalar pelas costas dos que o pagam (traição); a prostituta expõe e exprime a indignidade do seu «comércio»

como se descreve (e exprime) o maquiavelismo dos políticos e a sem-vergonha da adúltera. Tudo em nome das liberdades (um bem precioso) de que, por sofismas pegados em cadeia, abusam.

Liberdade sim, mas na justa medida; sim, mas não demais; sim, mas não que se volte contra si própria; sim, mas sem mitos e essa monstruosa confusão de ideias que por aí andam semeadas. Pode um povo inteiro enganar-se no caminho a seguir ao estabelecer as leis? Não seria a primeira vez e tudo por se ter perdido a correcta ideia de liberdade. Há que repensar ideias velhas.

Acácio Torres







# A Situação do Cristianismo

(ant. - sem 11 -> 1) - O Badalar da Travena - 28/7/77  
em Portugal

Esta observação talvez explique as atitudes tão pagãs acima descritas e em resumo: quantos dos que foram velar aquele morto eram cristãos?

## Atitudes ante a morte

Ainda há dias se lia num semanário nortenho esta afirmação: «agora que os cristãos estão em minoria...». Acho que a afirmação é falsa quer referida ao Norte quer ao Sul. Tudo depende do que se entender por cristão. Explico-me. Se for formação doutrinal capaz, mais prática dos preceitos, os cristãos são poucos. Se for só por adesão a Cristo, são muitos. Constatase até que nos Tribunais serão aí 50% os que juram por Deus (a outra metade jura por sua honra). Não se vá contudo, inferir que quem jura pela sua honra é descrente — a conclusão seria falsa.

Tais atitudes são, como aquelas perante a morte, um reflexo da vida cristã. Servem-nos por isso de indicadores.

No tal livro «Limites da Medicina», que vale mais pela bibliografia que cita do que pelo problema que foca, podemos ver como se foi encarando a morte através das épocas (na Europa): como trânsito da cidade das dores à das alegrias; como companhia que desde o berço nos persegue; como mensagem do Alto; como castigo para Adão (e filhos); como companheira da nossa dança (a dança da morte); como termo de quanto somos; como momento supremo de decisão ante nós mesmos, etc. E daí os estudos sobre iconografia da morte, o infanticídio antes do ano 1000, o estudo dos testamentos, etc.

## Uma pequena estatística

No dia 18 de Maio de 1977 trouxe um jornal parte de uma página com relatos necrológicos, muito resumidos. A observação dele concretiza a resposta ao tema. Alguns números.

São 21 relatos. Sexo: 12 dos mortos são homens. Idades: 1 de 30 anos, 5 de 50, 3 de 60, 5 de 70, 5 de 80 e 2 de 90. Quer dizer: todos os mortos, salvo 1, tinham mais de 50, 60, 70, 80 e 90 anos. Portanto, de idades em que é bem frequente pensar-se que a vida está no fim. Naturalidades desses falecidos: do Distrito de Lisboa, 10 e os restantes eram de Idanha, Tarouca, P. Novo, Seia, Elvas, Mértola, Almodovar, Braga (Avelede), C. do Sal, Tomar e Lamego.

Os cadáveres saíram para a sepultura deste modo: de Igreja, 11; sem ser de igreja, 10. E repare-se, quanto aos do distrito de Lisboa: de Igreja saíram 6. Tem isto algum significado acerca do cristianismo, hoje, entre nós?

## A burocracia da morte

Como a Igreja em Portugal vive só das esmolas dos fiéis, em terras como Lisboa, o baptismo, o casamento e o enterro ficam caros. Somando as despesas civis... Há-de haver po-

bres que, por economia, dispensam a igreja.

Depois há o mito do tratamento e a vontade de não morrer: ainda há dias andava um casal aflito à procura de sangue para uma velha de 87 anos (mãe dele) que queria por força ser operada! As pessoas, à custa de afastarem de si a imagem da morte — como aquela outra aí em Lisboa que nos Fiéis Defuntos têm medo de visitar a campa — da mãe — andam agarrados à vida como carraças. E o certo é que o potentíssimo Homem é impotente para vencer a morte.

Ainda: entrado no hospital, o doente já não manda em si nem a família nele manda. Mesmo sendo cristão, é quase certo que morrerá sem sacramentos. Ir para o hospital, onde os enfermeiros e médicos estaduais só cuidam de doenças e não de doentes, é meter-se em sítio onde quem cura é a injeção ou operação e não Deus. Se não tem cura, para quê chamar um padre? E a quem o pedir? E quando poderia vir sendo tão poucos? Porque o hospital é do mais secularizado e paganizado que temos.

## Conclusão

É inegável, como reconheceu o Patriarca de Lisboa em homilia da Páscoa, que muitos se declaram ateus ou pelo menos, não crentes; é verdade que já no Ciclo Preparatório há discussão entre os pequenos sobre se o homem vem de Deus ou do macaco (como a T.V. se tem fartado de ensinar); é verdade que temos uma Universidade Católica, mas poucos são os párocos que falam dela ao povo, mesmo em Lisboa; como é verdade que alguns leigos, teólogos, nada sabem do resto e os padres vivem confinados à sacristia como quisessem os maçons desde 1800. E, contudo, a grande maioria do povo continua a aderir a Cristo.

Evidente que a aderência se traduz em diversísimos graus e daí essa desconformidade nas atitudes dos cristãos portugueses perante qualquer problema.

NOTA: — para uma análise completa haveria que fazer o apanhado em todos os jornais de um certo dia e repeti-lo vários dias.

Em 21-6-77 (mesmo jornal): de igreja saíram 70%; em 22-6, de igreja saíram 66%. Pergunto: daqui a 10 ou 20 anos — dada a apatia dos cristãos portugueses e as adversidades à prática cristã — que peso terá o cristianismo nesta apregoada «Nação fidelíssima»?

Francisco de Almeida

## Compra-se Quota

De oficina de automóveis até 200 000\$00 c/ lugar de gerência ou de chefia.

Escrever a Emanuel Rodrigues Oliveira - Moreira de Baixo - Nelas

2. 20

## REFLEXÕES SOBRE

# A Situação do Cristianismo em Portugal

O que se segue é apenas um breve apontamento que me foi sugerido por três vias: a 1.ª — leitura de um estudo-análise sobre a arte nos noticiários necrológicos, saído na revista The American Scholar, Primavera de 1977; a 2.ª — a leitura de «Limites para a Medicina», de Ivan Illich (Livreria Sá da Costa - 1977); a 3.ª — a morte de um meu amigo.

O meu amigo era um minhoto que bem pequeno deixou Viana do Castelo, onde nascera, para ir ganhar o pão em Braga como ajudante de Farmácia. Daí seguiu caminhos vários — trabalhou entre outros locais na farmácia Lamela em Barcelos — vindo a falecer no hospital militar em Lisboa, cidade onde vivia há décadas. Fiquei impressionado com o modo de se estar na capela mortuária desse hospital. Ainda há crucifixo (até dois). Era Domingo à tarde pelo que não foi difícil juntarem-se a velar o cadáver umas 10 pessoas. Do meu lado havia uma velhota que não teve mais que falar senão de

partilhas e coisas assim, bem deste mundo. Outros vi e ouvi que tagarelavam de tudo como quando se espera dum ministro: se a vivva ficava ou não com pensão, onde ficava isto ou aquilo, se o morto pertencia à Liga dos Combatentes. Uma mulher houve que chegou, ajoelhou na alcatifa e rezou.

Existia divisão quer a nível de ideologias quer a nível de formação técnica quer ainda a nível de crenças.

Red.

28/7/77

Cal. 57. At 9.24

Red. 28/7/77







# Viager

Quase já findou o uso das peregrinações, sobretudo aquelas que por longos dias, meses até anos se faziam sempre a pé ou a cavalo. Portugueses de outrora deixaram-nos livros a contar o que viram na chamada Palestina que se visitava por devoção, como o fez Santa Helena pelo ano 300. É pena que só os Franciscanos organizem levás de portugueses de visita às terras por onde Cristo andou. Porque é que as Dioceses não organizam? Nem as paróquias? Certo que um só não terá dinheiro, mas a comunidade devia mandar lá, de tempos a tempos, um representante.

Pode-se ir daqui a Barcelona, por terra, daí embarca-se para Alexandria, no Egipto, passa-se ao Cairo, Ismaília e está-se na Palestina.

Os lugares são visitados por gente de todo o mundo. Por isso são de interesse internacional: russos, como mostra a Enciclopédia Judaica, de 1971, americanos, etc. É uma terra algo semelhante a Portugal por ter mar a poente e sul, havendo todavia lugares onde hoje ao meio dia pode haver 40 graus e logo à meia-noite estar-se a zero graus, muito pior que o clima de Coimbra, como o leitor pode ver em Daniel Rops — A Palestina no tempo de Cristo — e nisso pouco mudou, salvo para pior porque os turcos deitaram abaixo quanto bosque havia: como no Alentejo, tudo pelado.

Aqueles judeus que lá vivem, nasceram na Rússia, Polónia, América, Portugal, Iémen, Paquistão, etc., ao todo 70 nações. E entendem-se! Outrora o governo fez tudo pela agricultura, até no deserto. Há um, o Neguev, que é atravessado por auto-estrada desde a capital — Telavive — até ao sul, no golfo de Acaba.

Por incrível que pareça, até o deserto fizeram dar laranjas. O condutor do autocarro é ao mesmo tempo guia turístico (até parece Portugal, não?). E diz aos turistas: — Agora vamos ver um milagre de Israel. Pára junto de uma pequena casa, a meio do Neguev. Ali estão 20 por 20 metros de terreno arrancados à areia e já com algumas ervas como os ralos pelos dum careca. A força de água que extraem de um furo

de muitos metros de fundo, vão regando, habituando a areia a florir. É isto que alguns anos depois se há-de converter em pomar.

Nem sempre havia água. Foram-se ao rio Jordão que passa a nascente da Palestina, abriram um rego e parte da água começou a correr para o lado da Palestina em vez de ir parar ao Mar Morto (Sodoma e Gonorra) onde toda se perde. Nesse canal havia ao mesmo tempo 5000 homens a

trabalhar. Os árabes estiveram ali, mas nunca se lembraram de abrir um rego de água, fazer um acude, plantar no deserto. Qual a razão porque o judeu vive bem, apesar dos elevadíssimos impostos, e os árabes vivem tão na miséria?

Ol. 19/77  
Era ali perto do Hotel Hilton no Cairo onde ao lado se erguia um prédio. As 8 menos um quarto — e não dava frio nenhum — um grupo de pdereiros aquecia-se à fogueira! Que frio! Perto do Nilo, donde saía um canal com água, havia alguns campos cultivados. E para os regar andavam 20 mulheres de púcaro à cabeça levando a água do canal até ao campo e lá chegadas, atiravam-na ao chão como quando se rega um cebolo. Pior que no tempo dos faraós, 1800 anos antes de Cristo. Estupidez ou preguiça? Assim o árabe não anda e daí enorme inveja contra Israel, como se dá com os vadios entre nós: trabalha tu que depois eu ocupo!

Os mais cultos que a Israel chegam vêm da Alemanha; apesar de todos judeus, não é tão culto o de Marrocos (20 mil deles) e pior ainda o que veio do Iémen, quase negro como o do Paquistão, e às vezes com dez mulheres. É o termómetro internacional que avisa esta diáspora: em Marrocos os novos já não ficam — e em Portugal pouco mais há de 400. Aqui não dá faisca.

Modernamente Israel enveredou pela indústria: já constrói aviões e bombas atómicas. Porque é que um povo tão dotado — só em Londres metade dos advogados de há 30 anos eram judeus — tem tantas dificuldades em estar no mundo?

Têm em Lisboa sua Sinanoga e seu cemitério privativo. Você pode casar com um judeu ou judia que ninguém lhe irá à mão. Pou-

cos são os judeus praticantes. Há católicos e católicas casados com judias e judeus. Para o judeu muda de religião. Mas o nosso católico muda. Uma mudou por

2.21

533

esta razão: — Miguel, quero ser da tua religião. — Mas porquê? — Porque quando morrer, quero ficar ao teu lado no cemitério (e se continuar católica, não entrará lá).

Há-os por aí bem ricos — e de libras, que não de escudos. Por isso até em Londres requerem em certos dias, a comida «ritual». Caríssima porque o animal tem de ser morto a cutelo, tem de perder o sangue, tem de ficar duas horas em sal que lhe absorva os restos, etc. etc.

Apesar disso, porque é que nos dias que correm tão poucos praticam? Para os do Iémen, os vindos de outros lados eram simplesmente descrentes. Então não os queriam fazer embarcar no avião ao Sábado? Certo que há pressa, que estão a ser perseguidos, mas a resposta foi que quem esperou dois mil anos podia esperar mais 24 horas. E não embarcaram. Há-os que nem reconhecem o Estado de Israel porque só reconhecerão o chefiado pelo Messias, ao que Ben Gurion dizia: Eu, com estes cabelos, sou o Messias. Há-os que nunca saem da terra onde moram, não se dê o caso de o Messias vir precisamente quando estejam fora (e perdiam a festa). Há bairros onde ao Sábado nem o carro do ministro entra: seria apedrejado por violar o sábado.

Criaram a lei do «Regresso» para os que pretendam ir para Israel: terão casa ainda que seja no deserto (e às vezes é, embora seja confortável), comprarão tudo por metade do preço e se for velho terá lá sempre uma reforma e pagará o que compra por um quarto do preço.

Até parecemos nós a acolher os que no Ultramar abandonámos às feras! Mas nós não entramos em Entebe nem vez alguma teríamos cabeça e o mais necessário para essa proeza que abalou o mundo de espanto.

Eis a gente, a terra e algumas coisas da Terra Santa.



# Misteriosa

## a Sé de Braga? 400

Nas minhas andanças por esse mundo de Cristo, veio a ser-me apresentado um homem, bancário de profissão, muito lido e curioso que, a dado passo, me disparou: — já leu O Mistério das Catedrais, de Fulcanelli? Racionalista, como sou, disse logo que sabia do caso, mas não embarcava nessa dos significados ocultos nos desenhos dos séculos XIII e XIV — góticos. Pois o bom do homem, teve o cuidado de me fazer chegar às mãos o livro de Fulcanelli.

É um livro que foi escrito em francês, com a 1.ª edição em 1925 — só 300 volumes — a 2.ª em 57 e a 3.ª em 64. É desta que A. Carvalho fez a tradução portuguesa na desvairada metrópole de Lisboa.

No final há um índice, a jeito científico, das principais palavras do livro tais como Água da Vida, Bolo Rei, Cordeiro Místico, Estrela da Manhã, Pai Abraão, Torre de Babel, Virgem Mãe, etc. O dr. Lucanelli, abusa do sentido das palavras, dá-lhes significados in-críveis, o que o levou a dizer que Arte Gótica significa nada menos que uma linguagem especial dos antigos architectos e por isso a Sé de Paris (Notre Dame) é um livro aberto, escrito em pedra.

Estuda o figurado das Catedrais de Paris, Amiens e Bourges. Na de Paris, a figura de uma

(Continua na 7.ª pág.)



# É misteriosa a Sé de Braga? 22

(Continuação da 1.ª pag.)

mulher, que diríamos N. Senhora, é para este autor dos «mistérios» o símbolo da famosa Alquimia. E por aí fora! Cita autores e autores como se fossem infalíveis.

Ao menos incita ao estudo daquelas pequenas figuras desenhadas nas nossas igrejas românticas (Sé, Matriz de Barcelos, Abade Neiva, Bouro, etc.) figuras que hoje, por incúria, não sabemos ler.

Mas porque tal preocupação em ver por todo o lado coisas ocultas, escondidas, herméticas? Uma revista americana acusava há tempos um novo despertar para ideias «supra sensível».

Que presunção é essa de considerarem os Fulcanellis que só eles — os Bem-Aventurados ou Iniciados — entendem os segredos do Mundo ou Grande Obra?

Que faz estes fulanos tomarem as aparências por realidades, ao arrepio de toda a experiência, senso comum e lógica das coisas?

Nem na Sé de Braga nem nas de França há Alquimia ou ocultismo nenhum: estão lá, isso sim, cenas bíblicas que o tempo corrompeu e em que a nossa dis-

tracção nos não deixa repousar. Como mensagens não têm hoje significado — e deveriam ter. As interpretações de Fulcanelli são arbitrarias, mas o Sr Carvalho bem podia estudar as nossas figuras em vez de traduzir. É mais fácil!

O livro divulga ideias da chamada Franco-Maçonaria, lê-se no prefácio.

Retoma símbolos cristãos e volta-os de pernas para o ar, misturando-os com a mitologia grega, egípcia, etc. Pois bem: ainda há tempos saiu o livro

Maçonaria e Comunismo. Que podem eles ter em comum? O chefe dos maçons franceses deu há dias uma entrevista ao jornal A Luta do Sr. Raul Rego. Rego é maçom?

Nas relações com o Cristianismo, os maçons votam com Lefebvre? O prefaciador da 3.ª edição francesa escreveu em 1964 (livro citado, página 31):

«A Igreja universal (Katholikê), que possui esse Verbo, está em vias de o abandonar no ecumenismo do diabo... O mágico ritual da missa latina, profundamente alterado, perdeu o seu valor e agora caminha, a par do chapéu mole e do fato completo adoptado por certos padres felizes com o seu travesti, em prometedora etapa fora a abolição do celibato filosófico...».

Mas que se contente com o nosso padre Manuel Pinto que tão mal se retratou no opúsculo «O Casamento dos Padres».

Em conclusão 1.º — há que tornar vivos os símbolos em pedra; 2.º — há que compreender estes desvairados pensadores; 3.º — mas saber que o ensino deles é pessimo.

A. Torres

## A Câmara

Texto no Verso

Foi no sábado que a Câmara Municipal, representada pelo seu presidente, sr. José Carlos Mar e vereadores srs. Dr. val Ferreira e Tavares, e ainda com a presença do Presidente da Assembleia Municipal, sr. Bacelar, elucidou a imprensa e os seus le-

## Sobre os Tribunais

Cad. 8

Vol. II - 15

por Francisco de Almeida

Not. Fam. 21.X.77

Foi para a Assembleia proposta de lei sobre o caso. Zenha viera refilar contra ela (eles nem entre si se entendem). P. S. jogou com o P.C. e eis a lei aprovada. O caso é tão melindroso que devia exigir-se os 2/3 dos votos a favor. Logo, Eanes não a devia promulgar à primeira.

Mas lei destas interessa ao povo? Em geral, não. Conta mais que haja ordem, paz e trabalho para se evitar a inflação e os males decorrentes. Os empréstimos de fora são a nossa vergonha e a prova provada da nossa incapacidade. Que País! Que gente, que de-

(Continua na 2.ª página)

(Fam.)

## Sobre os Tribunais

clona. E o povo há-de ter os julgadores e a justiça que quiser.

Só mudar as leis não basta. Isso já o Marcelo sabia fazer e foi o que se viu: falava ao contrário do banco mais que aos licenciados do liceu por exemplo. E agora anda a escrever livros a justificar-se. Mas leiam de Silva Cunha o livro há dias publicado: Marcelo por certo traiu.

(Continuação da 1.ª pag.)

sânimos aí se notam! O que aos povos interessa, que os magistrados saibam do ofício (não se nasce a saber) e sejam sérios, honestos, incorruptos, sem dar favores, cumpram, que é o que aí se não vê. Tribunais e finanças, diz-se, é do pouco que ainda fun-



informação

→ 4.22.0=

f. 21.X.77  
feia) e o 2.º médico. Nem  
um nem outro é jurista.

Ouve-se aí falar de que  
vão saindo decisões que por  
serem puras anedotas até  
circulam fotocopiadas. Me-  
recem passar a autos como  
passou o Saraiva de 1600:

Nisto de Tribunais não  
há pedagogias. O que os  
povos precisam é de julga-  
dores que sejam homens ho-  
netos e só. Porque as leis,  
ainda quando justas — e po-  
dem ser iníquas — nunca re-  
gulam todos os casos que aos  
técnicos são postos. Aí é  
o senso jurídico e da justiça,  
a ponderação, a bondade e  
o mais que os povos reco-  
nhecem num bom juiz hão-  
-de fazer que as decisões  
correspondam ao que devem  
ser, aos ideais de justiça  
que todo o homem traz na  
cabeça e no coração.

De modos que, com a no-  
va ou velha lei, a justiça  
dependerá mais dos homens  
que julgarem que das leis.  
E nos homens é que vão  
estar os perigos de você ir  
para a cadeia sem dever ou  
de aquele outro ficar à sol-  
ta apesar de perverso.

2.22II

Vem de  
22/12.1.X.77

Substituição



# SOBRE A PONTE DE BARCELOS

V.M. 6/8/77 405  
O benemérito Mancelos — que não nasceu na nossa terra (porque é que os melhores trabalhos sobre Barcelos os fez gente de fora?) — escreveu na sua Resenha acerca da ponte, a pags. 11, 13 e 34 para dizer que Cardoso se enganou ao falar de uma pedra romana refe-

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Anes  
rente à nossa ponte que, diz ele, «não é de origem romana (nem afonsina...)»

Não? Mas parece que em 1325 já ali havia ponte. Refere-o A. de Castro em Evolução Económica de Portugal, IV, pág. 218 nestes termos: «em 1325, MARTINHO ANES, cônego de Braga, contemplava com um legado A PONTE DE BARCELOS». Em nota refere que esse testamento se pode ler em DOCUMENTOS INÉDITOS relativos ao Mosteiro de Souto — de J. G. de Oliveira Guimarães. Este mosteiro situava-se na freguesia de Souto — Guimarães.

O Cônego Anes é um nome a acrescentar ao livro O Cabido de Braga. Fez-se religioso em Souto para ir doar bens a esse mosteiro?

É capaz de ser um barcelense. Se não, como ia ter o cuidado de beneficiar os nossos deixando-lhes bens para a conservação (ou construção?) da ponte?

Sobre T... (27/2/22):  
Houve aí por 1600 um Auto das Regateiras de Lisboa que o catedrático brasileiro Silveira Bueno publicou com largo estudo. Não entendeu esse auto. A linguagem ainda hoje se usa por exemplo em freguesias de Barcelos, estilo Gillete.

No auto temos duas Regateiras, cada uma tendo sua criada, cada uma atraída pelo marido e uma de-

# VILAR DE FRADES E O LIVRO ANO HISTÓRICO

V.M. 26-XI-77  
O ANO HISTÓRICO foi publicado há 263 anos (em 1714), dedicado a D. João V que lhe deu privilégio real — defesa do direito de Autor. Escreveu-o o padre, muito sábio. Francisco de Santa Maria.

O Volume I vai de 1 de Janeiro a 30 de Abril, descrevendo pessoas e coisas mais importantes para cada dia.

Exemplos: 18 de Janeiro — As 9 irmãs, Santa Marinha, etc. e é com Didimo Mesquita — Forjães; 28/2 — S. Romão e é com os da Ucha; 8/3 — S. João de Deus e é com os da Quinta do Galo; 15/4 — D. Jaime, Cardeal e é com o Dr. Belard da Fonseca, autor de Mariana

las zangou-se e «coçou» a criada Natália — em tempos que quase não se curava de Direito do Trabalho cuja história, em Portugal, está por fazer.

Bateram-se, insultaram-se, levantaram saias com «traseiro e vaso» à mostra, etc.. Por tudo, o auto não foi publicado senão em 1919.

Foram as três presas e de mãos atadas, apresentadas na Casinha ao juiz Miguel Saraiva. Três acusadas, só uma se defende, só a criada é condenada: a andar de traseiro descoberto, etc., (é comédia).

O juiz não sabia a lei reguladora do caso pelo que uma lhe diz que vem no livro mui pardo «lex de regateiris iratis andantes cum clericalis», lei que nunca existiu. E Saraiva sustenta que a sentença é sem erro por fundada na lei e apoiada em Sanches, Galeno e outros. Ora o 1.º foi filósofo (estátua em Praga, bem

23 860  
Alcoforado de que escrevi no Notícias de Famalicão Um Amor fora de Série em Maio/77; 20/3 — S. Martinho de Dume que referi na Monografia Galegos Santa Maria; 16/4 — S. Frutuoso (de Braga) de cuja Vila escrevi Algumas Notas para a revista Presença e Diá-

PELO

Dr. Francisco de Almeida

V.M. 17.4.1950  
logo; 17/4 — Tomé de Jesus, famoso escritor, etc.

Ora, no dia 1 de Janeiro vem a história de um Santo Abade que foi do Convento de Vilar — este de Barcelos, do tempo em que ali viviam beneditinos, diz o Autor.

Não é muito conhecido este livro. Na Municipal de Beja, está mal conservado — a traça não perdoa. V.M. 26-XI-77

Dos nomes e episódios cuja memória é nele conservada, tais como batalhas, nascimentos, lutas e até sacrilégios também as enciclopédias falam, mas por ordem alfabética, não por dias.

Tal livro só por acaso alguém o apanhará em alfarrabista. E dado o interesse histórico dele, que, apesar disso, graves historiadores o desconhecem e ainda que o Autor foi dos Cônegos de Vilar e trata do tal Santo Abade de Vilar, pergunto se o povo de além Cávado não quer honrar-se mandando editar de novo o Ano Histórico. Digam então.

Do Santo Abade tratarei para outra vez.

Nota: Na minha Galegos há algumas linhas sobre Vilar e os Evangelistas que lá viveram.







# Aquela Vila chamada Belém

no 126

jornal que dá notícia

Not. Fam. 30-XI-77

[Odia a Belém por 24/25]

(Atrasado na Redacção)

escreveu Jesus Passou Por  
Aqui—agradou aos Judeus.

## Biógrafos portugueses de Jesus

v.g. Ens. A. Mendes

Das muitas povoações por onde Cristo andou interessá-nos, agora que é Natal, a de Belém por ser onde Jesus foi dado à luz por Sua Mãe. E logó a questão: César não dispensaria as grávidas de viajar? Ao menos, não prorrogaria para elas o prazo de se recensearem? Foi o parto prematuro?

O certo é que em Belém, não longe de Jerusalém, foi nascer em circunstâncias muito difíceis para uma parturiente e um recém-nascido. Tinha de nascer ali, assim o destinara Deus.

### Belém espalhou-se

Nos tempos em que os responsáveis — ou os povos — sabiam a Bíblia, Belém estendeu-se: a Portugal — freguesia, em Lisboa; aos Estados Unidos-Bethelmy; ao Brasil-Belém do Pará, etc. Jerusalém e outros nomes, não, porque não tinham a simpatia das crianças.

### Belém e as Vidas de Jesus

Corre aí um livro do escritor Daniel-Rops, da Academia Francesa, traduzido em Português: A Vida quotidiana na Palestina no tempo de Jesus — mais de 500 páginas. Basta para dar ideia segura de como então as pessoas se vestiam, que comiam, em que e como trabalhavam, como casavam, plantas e animais que lá havia, o sol, a chuva e o frio, etc.

Eu só pergunto porque é que os técnicos portugueses não escrevem que se traduza lá fora. Bom: alguns nossos têm sido lá traduzidos, poucos. É certo que Guedes de Amorim

Se falarmos deste ou daquele episódio da Vida de Cristo, temos alguns escritores a quem Cristo impressionou: Por exemplo: A Paixão — poesias recolhidas por António Salvado. Lá vêm: João de Deus, a Natércia Freire e até Sebastião da Gama, pasmem! Até impressiona que tendo os nossos sido quase todos mais ou menos agnósticos desde 1850 até 1920 — e depois ateus — Cristo os toque. Porque raro se vêem loas a Max ou Lenine.

Mas homens que descrevessem toda a Vida de Jesus poucos tivemos. E até um Papini e um Chesterton escreveram a Vida de Cristo, cada um a seu modo.

Todavia, em plena era macónica, nos adventos do Socialismo e do republicanismo em Portugal — como se pode ver até pelos títulos dos jornais que então se publicavam — houve um esquecido escritor que nos deu a História de Jesus Para as Crianças Lerem. Chama-se ele Gomes Leal, escreveu-a em 1883, após a morte da mãe, tinha ele 35 anos. Disse: «declaro que me retrato, repito, abjuro de todos os escritos...». Converteu-se.

Sau há pouco a 7.ª edição dessa História de Jesus — de que algumas Histórias da Literatura também falam.

É composta por 34 poesias sobre os temas principais dos Evangelhos, tais como no Presépio, os Pastores, o Baptista, etc.

Certo que Leal era poeta, mas estava mal preparado para a História de Jesus:

por Francisco de Almeida

Era uma vez uma Virgem em Nazaré, branca aldeia.

Pensou ele que era no Alentejo... Fala do «seu casal» de espinheiro, do rouxinol. Do mal, o menos. A Virgem «fiava, cantando, / sentada, à porta do lar». Não se pode garantir que fosse assim. Nem era uso dos judias. Ficamos a saber que Maria era morena (as judias são em geral triqueiras e já o eram ao tempo do Cântico dos Cânticos, como nele se lê) e de cabelo castanho (decerto, preto).

(Continua na 7.ª Página)

## Aquela Vila chamada Belém

(Cont. da 1.ª página)

Not. Fam. 30-XI-77

Leal cometeu exageros: até os marinheiros paravam os barcos para verem Maria, solteira, passar.

Seja como for, Leal merece que a sua História seja melhor conhecida, mil vezes divulgava e, melhor estudada porque teve a inaudita coragem de assim biografar Jesus após as sacanices e ignorâncias dos livros de Eça de Queirós o outros mais.

Leal foi mais um dos que se enamoraram de Belém. Que o nome dele surja com o do Biógrafo, Cristo, neste Natal de 77.







# EM TORNO DAS NOSSAS FREGUESIAS

pelo Dr. Francisco de Almeida

30. 29. 4. 78

382

Há um moço que se licenciou na universidade do Porto e se deu ao estudo do mosteiro de Tibães: a história dele, durante 50 anos, salvo erro desde 1600 a 1650. No livro que escreveu, há referências a diversas freguesias de Barcelos, referências que não deve esquecer aquele que se devote a fazer monografia da sua aldeia.

Em Forjães, apareceu estes dias, no adro, uma sepultura coberta com uma tampa de pedra, mais larga que o arcaze e com um desenho semelhante a uma espada. Ao pároco, padre dr. Moreira, se pede que dê notícia do que apurar.

Disse-me o Dídimo Mesquita que tem entre mãos o estudo para uma monografia de Balugães. Esperá-mo-la com alvoroço.

Precisava Barcelos de publicar, à parte, os documentos da Beneditina Lusitana que referem terras barcelenses. Mas se as câmaras nem para fazer cantar um cego, têm «guita»!... Boa descentralização!

SANTA EUGÊNIA: e se os desta terra publicassem um livreto com o Martírio de Santa Eugénia (Passio Eugeniae), padroeira da sua terra?

GUERAL (S. Pelágio): diz um documento transcrito na revista portuguesa de história religiosa, chamada Lusitania Sacra, no n.º 9, ano de 1952, que Gual, em 1258, não tinha pároco, mas vivia lá um eremita de Rio Covo (Santa Eulália). Também Fragozo era

(Continua na página 4)

Francisco de Almeida

leves.  
um Sousa e refere-se ao dr. Es-  
so no Porto, refere-se ao criado de  
mo volume a pgs 94. Estava pre-

Oil de Barcelos: vem no mes-

lhazes.  
bre Villa Seca e outro sobre Mi-

Rate volume traz documento so-

o nosso da casa junta à Matriz.  
dr. Pedro Riteves—que pode ser

bém lá vem a pgs. 241 e 255, um  
VI—1974, pg. 229. Notas tam-

aparece referenciada no Cartula-

Fonte Coberta (S. Romão):

biografia.  
—são suídicais—e apresenta bi-

a composição química das águas  
«Mosqueiro e Galegos...». Indica

1887, volume I e diz a pgs 727;  
Lusitania e da Ibéria, ano de

por José Bonança na História da

queiro aparecem referenciadas  
ali?); as águas termas do Mos-

tando ao Mosqueiro (moças,  
a auditoria administrativa Vol-

decide, o tribunal eclesiástico ou  
etc). No caso de litígio, quem

tações (do norte entesta com...  
citar porque só dão as contron-

tombo não servem para nos elu-  
lidos), mas isso alterou-se. Os

ava o rigor (passavam em ba-  
as freguesias. Dantes não intere-

sempre claras as estremas entre  
Mosqueiro (Lisb): não serão

se entrecruzou. 29/4/78

ser, a vida das freguesias sempre  
mosteiro da Junqueira. Quer di-

anos) apareceu entre os papéis do  
gos (ano de 1081) vai fazer 900

vez, o 1.º documento sobre Gale-  
refere Galegos. Porquê? Por sua

teiro e o Tombo da Junqueira  
ge de Rates (Macleira), foi mos-

Continuação da 1.ª página

EM TORNO DAS NOSSAS FREGUESIAS







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

v. n.º 6/5/78

325

I

Bula

Está à venda um Roteiro do Minho de José Crespo — que reside em Viana, publicado em 1978. Refere-se e resume o que há nas diversas terras e também de Barcelos (pág. 13 a 17).

Diz e é: «Fundação cartaginesa (230 a. c.), via romano, reino suevo, cortes dos godos,

PELO

Dr. Francisco de Almeida

reduto árabe, fortaleza medieval, foral de D. Afonso Henriques, 1.º condado português (1298), centro agrícola, comercial e industrial, de 89 freguesias (o maior concelho do país em 1867, com 319 freguesias e a cidade mais recente)».

É pena fazer tantas afirmações sem prova e pior de todos, é a de ser a cidade mais recente! É simpático, não verdadeiro e escreve godos e país erradamente, o que é de lamentar. Traz um mapa e 2 gravuras (uma feira e uma barcelense). Aborda a Situação, Co-

municações, Património, Passeios, Excursões, Festas e Feiras e Desportos e Recreações.

Interessa bastante aos de Barcelos e por isso dele fica a anotação.

II

A minha Galegos só está à venda em 2 casas de Barcelos, 2 de Braga, 1 de Viana e outra de Lisboa, além de em Galegos. Estranho que até de Lisboa a peçam, mas há gente assim.

III

Teve ela o mérito de lembrar a algumas pessoas, ao que ouvi dizer, os documentos que têm em mãos. Assim: que um de Manhente terá um livro referente a Galegos que a ninguém ceda (e faz bem); que se dá o mesmo com um de Roriz.

IV

Um dos mesários da Confraria do SS. mo de Galegos tirou dos gavetões os papéis que dela há. Já fiz a lista deles (não os

(Continua na pág. 4)

## Coisas de Longe e de Perto

(Cont. da página 1)

conhecia): são 78 livros, cadernos, etc., um cesto de papéis, agora cópia de 2 bulas — Paulo III e Gregório XIII.

Resumidamente informam:

a) as confrarias paroquiais foram modeladas pela dos Dominicanos erecta na igreja deles em Roma, de Santa Maria de Minerva; 6.v.78

b) foram eles quem passou cópias à Confraria de Galegoss. E outras coisas que ficam para outro dia.

Francisco de Almeida

## rara a história económica do Minho 453

por Francisco de Almeida

É possível constituir pelo menos em parte qual fosse o estilo dos negócios, contanto que se levantem dos arquivos os documentos que a traça ainda não roeu. Um deles é um Livro de Assinados de Galegos: manuscrito de 190 folhas encadernado a pergaminho.

I

Relata que entrou a funcionar em 1769, embora na última folha se leia 1777, por iniciativa dos então mesários do Santíssimo, Francisco Martins, da Aldeia (Juiz), João Francisco Coelho (secretário), Manuel Francisco Coelho (tesoureiro) e Domingos da Silva, da Portela (procurador).

II

Quer isto dizer que os papéis ou títulos de dívidas eram já imensos pelo que o Martins decidiu com os outros organizar relação deles. A Confraria extraviou-se no seu espírito, que era puramente de devoção, e tornou-se

burocrática como um banqueiro. Depois empobreceu e perdeu os bens por vias diversas — até por subornos como acusaram os mesários de 1769 ao reformarem os Estatutos (fls. 26 v dum manuscrito que... vai de 1733 a 1769 por sinal assinado pelo mesmo Martins).

III

O devedor mais antigo é do ano 1704: João Martins — fls. 6, de Casa Nova, 4 mil réis. O juro foi sempre de 5% (bons tempos). Ora em 1769, desses 4000 só tinham sido pagos 2.000. Logo, houve 2000 em dívida por mais de 65

(Continua na 4.ª página)

→ f. 33







# SOBRE MONOGRAFIAS REGIONAIS

I o sem o 372

C. Soc. 5/5/78

■ por Francisco de Almeida

DECERTO que não tem graça nenhuma andarmos a estudar a História de Portugal e deixar para trás a da nossa aldeia. Também é gente e diz-nos mais. Só que raríssima é a freguesia que tem escrita a sua história por pequenina que seja. Ora tal história só pode ser escrita com base nos arquivos paroquiais. E' que outros não falam, ou raro falam, dos nossos avós.

## II

Já não é mau haver uma história do concelho. E de concelhos, por exemplo, Ponte de Lima, há vários que têm até mais que uma monografia. Geralmente não falam senão da sede do concelho. Uma excepção honrosa foi a que escreveu há uns 40 anos o Dr. Teotónio da Fonseca sobre Barcelos: traz umas 4 páginas sobre cada uma das 89 freguesias. Assim, sim.

## III

De Ponte de Lima aparecem diversos nomes na História Abreviada do Seminário Conciliar de Braga que é de 1937.

Eis alguns:

— Francisco Pacheco (beatificado) dita obra, página 95.

— Gaspar de Caldas e Sousa que se formou em Roma (pág. 190 e 191).

— Cônego Dr. João Afonso da Cunha Guimarães, pág. 478.

Aparecem nessa obra outros homens que da lei da morte se libertaram, «convém a saber» (como diziam os antigos): de Viana, da Barca, de Monção, Barcelos, etc. Como a obra corre mais de 1500 anos, haver só 3 nomes a falar por Ponte (o Pacheco, o Sousa e o Guimarães, acima) é inegavelmente um mau índice de cultura. Terra estéril não o é Ponte. Porquê então tão poucos?

## IV

Desta ou daquela freguesia, quantos médicos houve e outros que se cultivaram? E militares, artistas, poetas, escrito-

res, fundadores de obras úteis, inventores, etc.? Para responder a isso, há que percorrer os arquivos da Câmara, o Arquivo Distrital em Braga e os registos paroquiais:

— De óbitos, baptizados, casamentos e das chamadas. Visitações que são curiosíssimos. E também os arquivos de associações religiosas se as houve e que andam geralmente por aí aos pontapés.

## V

Tais livros podem ser abordados por este ou aquele ângulo: biografias dos principais homens da terra; evolução dos preços (através dos quitos ou anuais e das primícias e das pedidas); estudo da pobreza do povo (que tudo devia, como passavamos dívidas até de avós aos netos, que juros pagavam, que documento provava a dívida, que confraria era o banqueiro); como se vivia no século de 1500 (há 400 anos), coisa a que os Tombos respondem — muitas casas cobriam o colmo, raras eram as latas (ramadas) porque a vinha era de cava, cada freguesia dividia-se em umas tantas agras e as devesas (bouças) mais que os retalhos cultivados. As festas não metiam música, mas por 1700, sim (viva o luxo).

E' quase um crime que tão pouco saibamos da nossa aldeia. Como se ela fosse obra apenas dos que agora lá vivem! Ora na vida (e na história) há 3 dimensões: antes de nós, o nosso tempo e o que há-de vir. Com o passado devemos aprender para o que há-de vir.

Não lhes parece?





# Camões, os Lusíadas e o nosso tempo 7.98

Card 21/0/98 ■ por Francisco de Almeida

ACONTECE haver sujeitos que por uma espécie de saca se deleitam em desfazer nos feitos do vizinho, desdizer no que o próximo disse e enxertar má fé onde nunca alguém a suspeitou. E' destes o Dr. António José Saraiva como o mostra o volume I de Para a História da Cultura em Portugal.

Aí tratou ele dos Lusíadas e o ideal da epopeia. Para quê? Porquê? Disserta longamente — umas 90 páginas — sobre a feitura da obra de Camões e, colhendo nos camonistas como José Maria Rodrigues, vem à conclusão de que os Lusíadas são uma manta de retalhos tais como comédias entre divindades do Olimpo, uma história em verso dos reis de Portugal até ao seu tempo, outra história de alguns vultos lusitanos, outra ainda (profética) do que há-de acontecer nas Índias, uma descrição de continentes, episódios romanceados, vidas de santos e ainda comentários, exaltações e queixumes do Po.

Muito bem. E daí? Os fios que fazem a manta são eles a manta?

Reconhece ter Camões inventado artisticamente a história de Adamastor. Cita Carolina Micaelis a dizer que tem de ser genial um povo de que saiu Camões — logo, genial. Reconhece que tanto Barros como Policiano, como Tasso, como

Chastelain, todos anteriores a Camões ou do tempo deste, são unânimes em proclamar que o «peito ilustre lusitano» que Camões exalta, foi às Índias sobretudo por ganhar gentes para lhes ensinar os Evangelhos, etc. E vem, dileitante, investigar qual fosse o ideal de Camões ao inventar e escrever os Lusíadas.

Ora Camões deu testemunho do porquê e para quê do poema, mostrou-se um criador genial; soube unir os fios da história, da vida transcendente figurada que Saraiva detesta, subiu a cima da simples canalidade física como a do raio ser gerado por descargas eléctricas, utilizou com cabeça quanto no seu tempo era sabido e nem assim agradou a Saraiva. Só que nem ele nem outros foram capazes de criar uns Lusíadas, essa é que é essa.

E não se vê em que possa o tal estudo adiantar para melhor se conhecer a Cultura em Portugal.

## ENTÃO A RAÇA PORTUGUESA É ATLANTE?

pelo Dr. Francisco de Almeida

Ao que me relatam e pelo que no Barcelense tem escrito o Padre Herculano, Galegos é terra muito antiga. Barce. 30/12/98

De louvar é a correnteza pena do Padre Herculano que vejo todo dedicado a compulsar enciclopédias, a examinar o registo cadastral (matrizes) em Barcelos, a sustentar que o sítio descoberto não é Pena Grande. Certo: em História não se inventa. Já na minha Galegos e outros artigos provei o que fosse casal em 1518: um assento (casas e instalações agrícolas), centro de 12 a 20 e mais parcelas (campos e leiras, vinhas e matos ou devesas).

O que é Monte? É isso: matas para além do povoado a subir para serra. Em Galegos, para o Facho.

O assento do Casal do Monte situava-se na casa do Frade (os Martins). A zona do Monumento nunca foi lugar, só sítio: como tal pode chamar agora as Bouças (a designação não existe nos arquivos), mas se se quer integrar em lugar, mais cairá na área de Pena Grande: isso logo nos orienta para nordeste de Galegos ao passo que Casal do Monte nos orienta para norte e era errado.

Voltanto agora ao tema.

Sustenta João de Almeida (general) no obra O Fundo Atlante da Raça Portuguesa e a sua Evolução Histórica, 1950, 182 páginas, que os Portugueses, contra a ideia dos apátridas republicanos da jantarada de Badajoz (1884) são principalmente do mesmo sangue que os famosos Homens de Muge, terra ali perto de Salvaterra de Magos, 42 kms a Leste de Lisboa. Relata o caso assim:

(Continua na página 4) 22







# ENTÃO A RAÇA PORTUGUESA E ATLANTE?

a — Já aqui viviam os de Muge quando se deu o dilúvio de que Deus salvou Noé (24 séculos antes de Cristo);

b) — Os 1.<sup>os</sup> que para cá vieram de fora seria arianos descendentes desse Noé e viriam da Ásia Menor subindo pelo rio Danúbio — os Ibérios;

(Continuação da primeira página)

c) — Portugal e Espanha eram separados da França por mar e ligavam-se à Inglaterra e Berlengas, até aos Açores e Canárias e Marrocos, e que tudo era um todo — a Atlântida de que Platão já falou (350 anos antes de Cristo);

d) — Os rios Lima, Douro, etc., corriam na Atlântica para Nascente e foi um cataclismo que levantou os Pireneus, as serras da Estrela e outras e fez tais rios dar volta de 180 graus e correr para Poente, como correm;

e) — Ainda agora a beira-mar se esfá a afundar lentamente no mar — logo daqui a séculos Esposende pode estar afogada;

f) — Os Portugueses têm em média o sangue seguinte: Atlante (Mugem) — 23, 1%, fenício — 1%, ibero — 1,6%, celta — 6,1%, grego — 0,6%, suevo — 11,4%, árabe — 5,5% e o resto (50,7%) sangue misto (mestiço).

Até estudou concelho por concelho (através do exame Pignet dos recrutas) o caso há a Barcelos a seguinte composição (pg 71 — Quadro III): 5% atlante, 6% celta, 25% suevo e 54% mestiçado. Sem fenício nem ibero nem grego nem árabe. Mas Esposende é 17% fenício e Braga é 2% grega.

As diferenças de freguesia para freguesia, vêem-se a olho nu: reflexos na cor dos olhos, cabelos, postura corporal, etc..

## COISAS DE LONGE E DE PERTO

Se alguém tivesse escrito uma história dos cristãos portugueses que a gente simples pudesse ler — porque, quem se interessa de grandes cavalaria? — Veríamos como nos tempos passados nem tudo foi cristão. vm. 27.5.78 (27)

Ainda há dias noticiava um

PELO

Dr. Francisco de Almeida

enterro civil. Pena porque essa mulher não teve culpa. O informador é da vila onde o facto ocorreu.

Estão a aparecer crianças portadoras de enorme pioqueira e em terras muito afastadas. Dizem que é epidemia. Mau sinal.

(Continua na pág. 3)

jornal de Torres Vedras que foram a uma igreja de lá e profanaram o sacrário. E o que mais gostei de ver foi o que por esse facto saiu da pena de um homem sem grandes letras e o jornal publicou. E os aqui do Norte não podem gabar-se como os de Torres: que nunca ali fora cometido um tal desacato.

Contam-me que numa vila alentejana se passou o que segue:

Morreu uma anciã de 94 anos e foram chamar o pároco para presidir ao enterro. No dia, o pároco viu lá em casa bandeiras do P.C.P. para acompanharem o cortejo. Os das bandeiras não desistiram e o pároco, consultado o Prelado, decidiu não acompanhar a morta: teve

Num liceu da Capital um fulano de 16 anos não conseguiu que a colega-estudante lhe aceitasse a conversa. A sério ou a brincar, cortou as veias e encheu-se de comprimidos. Resultado: está em coma.

Aqui perto da cidade — Galegos — apareceu uma fulana (talvez ele, disfarçado) prometendo tais coisas que as 2 mu-

lheres contactadas (uma casada e outra jovem, solteira) lhe deram vários objectos de ouro. Pior: uma delas nem se cuidava do que lhe deu ou porquê? A burlona desapareceu sem rastos. Ela hipnotizou as vítimas?

E da nossa Terra: GALE-

GOS: há um manuscrito que descreve a capela de Santo Amaro há 200 anos e não refere lá a Senhora do Bom Sucesso. RORIZ: há uma certidão das terras que a Igreja de Galegos lá possuía, na Leiroinha é perto do Barrio e ainda em Contriz. E parece-me que um legado (capela) dum abade Miguel de Azevedo. VILAR: há certidões das terras que o Convento tinha em Galegos e em Roriz. UCHA: há 2 inventários de maiores da família dos abades João de Macedo e sobrinho, António, por 1820 e 1824. QUIRÁS: Azevedo renunciou a nomear o pároco em 1821 por 60.000 reis durante uns anos — há Bula a aprovar.

Francisco de Almeida







# A Extinta Freguesia de Fornelo

*na freguesia?*  
Ainda existia em 1518, porque o Tombo de Galegos diz: «Título do Casal de Gallegos que está na freguesia de Fornello, que ora trás a viúva» (título n.º 21). Tinha este casal 25 itens ou parcelas e, pelos nomes destas—que

Pelo: Dr. F. de Almeida

nem todos devem ter morrido — é possível saber onde a freguesia ficava. Lembrar que Barcelos de Ernesto de Magalhães a não refere e o Dr. Teotónio também não, apesar de se referir às extintas Regoufe e Ginzo. Os itens são estes, resumindo:

## Da Moralidade nos Rurais há 200 anos

*R 33*  
*Vem da 1.ª pág.*  
ficaria infamada para sempre e sem casar. Quer dizer: 1.º) era então uma vergonha ser uma mãe solteira ou até só desonrada; 2.º) ninguém mais se atreveria a desposá-la. Deve ser verdade porquanto o número de fêmeas era então proporcionalmente maior que agora e ou casava com quem lhe devia casamento ou a mercadoria só passava coberta de bom dote e se não casasse tornava-se presa de dessegramentos como ainda hoje se dá tanto com solteironas, viúvas e sobretudo divorciadas.

### IV

Como foram os nubentes conhecidos nem suspeito, mas o facto existiu. Os de agora dirão que eram parvos porquanto por 3 quedas — só devido à fragilidade humana, disseram eles para Roma — não valia a pena tão grandes cuidados e é verdade que as chamadas relações pre-nupciais estão na ordem do dia. Mais: sustenta-se que isso é moralmente correcto (sem ofensa à lei da natureza), é retrógrado quem tal condene, os indesejados frutos se destroem, com pílulas ou o aborto, ser virgem é estupidez, etc.

Temos de concordar que o instinto sexual, nelas como neles, é um violentíssimo motor hoje em aceleração

*Barc. 17/8/78 803*  
1.º) Item... casas colmadas boas e altas que servem de cozinha repartidas pelo meio em que vive a dita viúva com seu filho, e tem seu Rocio». — 2.º) Item — ...um pomar, que é pegado... com uma horta e mais uma água... que nasce em Vilar de Monjos»; — 3.º) Item — ... Campo da Eira». — 4.º) Item... Vinha Nova; — 5.º) Item — uma lata. — 6.º) — Item — no Carregal, uma leira... entesta com São Tiago (terra de); — 7.º) Item — Ribeira do Souto. — 8.º) Item — Chouso da Eira, porte do levante com o rio... entesta do aquíão (norte) com um salgueiral que foi de João de Araújo (antigo dono em Alvito, S. Martinho). — 9.º) Item Bouça... parte do aquíão com cômaro (Monte). — 10.º) Item — Beçada (campo), dentro deste o Roncal (leirinha). — 11.º) (Item — Campo do Prado — jaz em um lameiro de juncal. 12.º) Item — devesa... dará três carros de madeira de talha. 13.º) Item — Campo do Pigeiro... metade dele é muito ruim Terra e não dá pão e jaz abaixo de Guião.

14.º) Item — devesa ao redor da Veçada. 15.º) Item — Campo dos Gairos de

*J. Barc 31-8-78*  
agitada por causa dos filmes, etc. Mas não exagerem: o mal não vem do instinto mas da desordem no pensamento e não foi porque Moisés não o recatassem logo com 2 regras: uma a regular actos e outra a vida mental, o que demonstra que Deus é um grande psicólogo.

### V

Do caso relatado podemos então induzir que os rurais barcelenses de há 200 anos tinham uma vida sexual muito de acordo com a moral; que quando se desviavam da norma, e raro era, só 3 vezes — tratavam logo de corrigir o erro casando-se pois se o não fizessem eram mulheres perdidas.

Mas hoje gabam-se dos desvios morais. Ora como a natureza não perdoa, sem nos deixarmos alarmar pelos males que aí há, segue-se que os corpos e almas dos desatinados vão pagar caro tudo isso.

Francisco de Almeida

Cima (há este nome na Lama) — dentro leira de Maria Fernandes.

16.º) Item — vinha da Porta de Britolo (um talho que leva 2 alqueires): ao poente, cômaro, entesta no ribeiro.

17.º) Item — Campo do Souto (também há em Galegos), atravessa o rio por uma ponte e chega até à carreira da devesa do Souto.

18.º) Item — no cômaro de Agra Couto — leira do Poço, tem a norte o Bouro (terra de) e a sul a Igreja do Couto (terra de), a poente os herdeiros de João Alves de Fão (aparece um Alves em Galegos).

19.º) Item — outra leira com Manhente (terra de) a sul e Banho a norte, entesta do levante no rio e do poente na carreira.

20.º) Item — Poça de Agra — parte do abrego (sul) com Calvalo... entesta de levante no rio, e do poente no caminho — acima desta poça tem uma devesa que são 70 carvalhos que dão 4 carros de madeira.

21.º) Item na dita agra — leira com Bouro a Sul e Manhente a norte, entesta do poente na carreira e do levante no rio.

22.º) Item — logo além — da banda de cima do caminho, leira... com herdeiros de Fão, entesta do poente com o rio de Fornelo (será Fontelo? ver Dr. Teotónio sobre Alvito, Ginzo e Regoufe).

*5-8-78*  
22.º) Item — talho — vai até ao Rego da Agra do Couto — é de 10 margens em ancho (ver Benjamim Salgado — Tombo de Antas).

23.º) Item — mais abaixo — leira das varas — entesta no dito Rego de Agra Couto — entesta de baixo na Carreira.

24.º) Item — mais abaixo, leira — tem a norte Calvelo, entesta do poente no rio da Agra.

25.º) Item — Campo das Lamas tem um moinho que moi todo o inverno e é ruim terra.

*12 fev 33 - cad I*



2000-EE in 84



# ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DE BARCELOS

## Santa Eulália

3are. 21.1.78

Sabem os leitores que Barcelos teve, até 1855, mais de 200 freguesias e, após os novos concelhos de Esposende e outros, ficou com 89. Já referi um monte de freguesias com São Tiago por padroeiro e concluí serem tais paróquias fundação dos cavaleiros de Compostela. E São Jorge, São Paio, Divino Salvador, Santo Estêvão, S. Veríssimo e outros, além de Santa Eulália, que poderão denunciar-nos quanto à antiguidade das terras de que são oragos? Parece que as chamadas Veríssimo e Eulália serão mais antigas; mais vetustas que as de S. Paio. Deixemos isso.

Eulália é padroeira de 4 terras em Barcelos (e muitas também

em outros concelhos), a saber: Negreiros, Oliveira, Panque e uma Rio Covo (geminada, como Galegos). Ver Ernesto Magalhães — Barcelos, 276.

Esta Eulália foi a Goreti de há quase 1 400 anos: de 12 anos, filha de aristocratas, deixou-se matar, o que evitava se renegasse o Cristo, a que aderira ao fazer-se cristã. Deu-se isso em Mérida, cidade no sul de Espanha, não muito longe da nossa cidade de Elvas, e por ordem do governo daquele tempo. Assim, Oliveira e as outras 3 estão fundadas sobre uma mulher, cristã provada. São essas paróquias já de há 1300 anos? Sabem essas freguesias a história da sua padroeira? Pena, se não sabem.

pelo Dr. Francisco de Almeida

Vê-se em La Vida de San Frutuoso de Braga, de Diaz e Dias, Braga, 1974, que o antigo arcebispo Frutuoso era grande devoto de Santa Eulália. Frutuoso descendia de reis, era grande proprietário e teve educação esmerada: até sabia nadar bem nas ondas do mar, como uma vez provou ali no Alto Minho ou já na Galiza. Não era de cá, mas veio para bispo de Dume donde passou a arcebispo e morreu cerca do ano 665. Túmulo em Real, perto de Brãga.

No capítulo 11 dessa Vida (passagem que nunca foi traduzida em Português!) lê-se que um dia, já mortos os pais e ele feito religioso (pobre e o mais), decidiu ir desde a Galiza a Cadiz. Não era difícil porque assim como havia estrada empedrada de Lisboa a Braga, havia outra de Astorga a Mérida, lugar onde estava o túmulo de Eulália e ele era um famoso andarilho — sempre a pé, diz a Vida. O texto diz só: «Também outro milagre... Certo dia... dirigindo-se para a célebre cidade de Mérida por devoção à ilustre virgem Eulália — de modo a poder cumprir aí votos sagrados de seu espírito com os sacratíssimos afectos do seu coração...». Portanto, mera referência a Eulália no meio do relato de um milagre havido perto da actual Idanha-a-Velha, que fica ali perto de Castelo Branco.

Será que Oliveira, Negreiros, Panque e Rio Covo datam do tempo do arcebispo S. Frutuoso? Ai aqueles Mouros que nos devem ter queimado as antigas provas!

Aí fica do problema a pedra no sapato.

Francisco de Almeida

## OS DOIS EVANGELHOS DA NOSSA ÉPOCA

A cada passo os jornais noticiam os campeões dos livros editados que são de um lado, a Bíblia e do outro, as obras de Lenine e se a primeira é mais que os Evangelhos e vence em número de edições as obras de Lenine, qualquer desses escritos são de longe os que mais se publicam.

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Conta um autor russo, exilado que no ano de 1891 um museu bíblico escrevera às autoridades russas a perguntar se na Rússia havia traduções da Bíblia em línguas dos povos que a integravam. A resposta foi a remessa de um cesto de livros contendo traduções da Bíblia em 60 línguas diferentes: línguas do Alasca, Coreia, China, Japão, Pérsia, Altai, etc. Se hoje nos países comunistas houvesse a liberdade de religião que havia em 1891 e não se impusesse a circulação do Lenine, é evidente que as obras deste não teriam as edições que têm: porque lá, como cá, não basta

a mascaragem de dizer que a Constituição estipula a liberdade religiosa — é só para inglês ler.

No livro que escreveu há anos o recentemente falecido bispo americano, Fulton Sheen, e que corre aí traduzido com o nome de Âncoras Sobre o Abismo há o capítulo A Rússia e a Igreja e diz: «O Comunismo é uma ideologia que desaparecerá sem destruir o povo russo». E depois: «Possuem uma tal delicadeza de sensibilidade a respeito dela (Dousha, alma) que distinguem entre pecar com o corpo e pecar com a alma. E por isso uma mulher russa pode dizer... «Tu tens o meu corpo, mas a alma é minha». Ora num povo assim, o evangelho de Lenine pode ser decorado mas não cria raízes. Nem opera senão por interesse e à força e ao primeiro sinal de liberdade, a dousha quer mas é ler a Bíblia e a K. G. B. sabe disso melhor que nós. Que terra de liberdade é essa onde um homem não

(Continua na pág. 4)







## OS DOIS EVANGELHOS DA NOSSA ÉPOCA

(Continuação da pág. 1)

pode sequer ter os Evangelhos? E são os governantes soviéticos que não são reaccionários, não senhor!

Relatam os Evangelhos, mesmo em russo ou ucraniano, ou lituano ou altaico, etc., que no 1.º dia útil a seguir à festa da Páscoa judaica, um vulto que os soviéticos daquele tempo tinham assassinado na Sexta-feira anterior, ressurgiu dos mortos, coisa de que mais ninguém se pode gabar. Quê? O facto ou se deu ou não deu. Mas se deu, que razões levam o evangelho de Lenine a negá-lo? Como o fizeram os corifeus judaicos e à custa do suborno infame dos que o presenciaram? E se não deu, que razões levam Lenine a combater com tanto dispêndio de tempo e dinheiro a um cadáver?

O certo é que ao Evangelho do Ressuscitado aderem por suas livres vontades 750 milhões de católicos, 200 milhões de ortodoxos e 270 milhões de protestantes. Ao todo, 1.220 milhões de pessoas. Ora Lenine não o segue livremente sequer 50 milhões.

Francisco de Almeida

Francisco de Almeida  
de Braga, Galegos, Barcelos?  
cartas de Braga? Havia correio  
notava em S. Martinho? Três  
E seguia para Braga ou per-  
Domingo à noite».

Esta paróquia fica a seguir  
a Santa Maria para o correio  
que ia de Barcelos para Braga.  
Disse o Reitor — que na data  
era emprestado por Manhente,  
João da Silva Coelho, ficar  
S. Martinho a 2 léguas de Bar-  
celos e a outras 2 de Braga;  
que o correio era o de Barce-  
los, acrescentando: «chega ao

A memória de S. Martinho  
(de Galegos)

Em rigor, não sei o que isto  
quer dizer. Talvez, que no dia X  
da semana saia o tal cavaleiro  
ou carrinho de Barcelos e ia  
recebendo pelo caminho, até  
Braga, quanta carta lhe dessem  
para levar. E quanto se pagava  
pelo frete?

Correio de Barcelos

## ACHEGAS PARA A História de Barcelos

### O Correio em 1758

Não me interessa fazer uma história nacional dos caminhos que as cartas seguiam para irem daqui para acolá. Cabe isso aos investigadores dos correios. Mas já interessa saber como um

PELO

Dr. Francisco de Almeida

homem de Barcelos fazia chegar uma carta a seu irmão em Braga (que os havia assim). Como era?

Defendo que o método de se estudar a História Nacional tem de ser alterado: em vez de irem às cartas dos reis, têm de pegar nos factos regionais, metê-los à forja, compará-los, para deles se tirar a moda geral de cada época. Mas o regional, local, está um tanto por descobrir, apesar de todas as terras (concelhos) terem já sua monografia. Ainda é pouco. Adiante.

### Número de Cartas

Neste jornal, escrevi a 25-8-73 (Galegos) que «mais de metade (dos irmãos da Confraria do Santíssimo — e eram

todos proprietários) — assinaram os Estatutos de Cruz». Quer dizer: dos adultos de 1780 só 1 em 4 saberia escrever (25%). Já que rara mulher sabia. Logo, as cartas eram infinitamente menos que agora e era por isso — e pelo peso da tradição — que o serviço dos correios estava entregue a um sujeito, da família dos Matos — que até fez grande palácio rente a Loures.

### Os meios usados

Há em Lisboa um pequeno museu dos correios. Havia uns carrinhos de cavalo que levavam as cartas. Sem tirar, de certo, a vez a uns recoveiros particulares e até aos almoçaves. E em Barcelos? Talvez só o homem do correio, a cavalo. E não inter-freguesias.

### A Rede

Nos livros das Visitações — de que aqui tratei em 9-9-72 e 10-3-72 — ficaram copiados quer decretos e portarias dos reis quer circulares e pastorais, dos arcebispos ou vigários capitulares. Uma circular saía do

(Continua na pág. 4)

Na Memória de Galegos (está na Torre do Tombo como as de todas as outras paróquias de então), disse o abade Bal-tasar acerca do correio: «Ser-ve-se do correio da Vila de Barcelos/que dista meia légua e da cidade de Braga duas e de Lisboa sessenta» (actualizei a escrita, grafia). Dr. Almeida

guias de 1758  
na Memória de Galegos

pago e seguia o Roteiro, como os livros dizem. Desta forma: o paroco A recebia-a e escre-via nas costas dela o dia e hora em que recebeu; copiava e logo mandava entregar ao paroco B, que recebia e anotava dia e hora a que recebeu, etc. Havia correio, mas feito pelos pró-prios. Qual a 1.ª freguesia a receber do arcebispo? E a til-tima? E a este Roteiro que chamo rede. Mas havia, de Vila a Vila correio público.

(Continuação da pág. 1)

Achegas para a História de Barcelos







# Para a história económica do Minho

(Continuação da 1.ª página)

anos, 3 gerações, o que denota estagnação enorme: passavam dos avós até aos netos.

## IV

De facto há vários devedores assim morosos como se vê por uma Nova Relação deles (fls. 29 a 111) a saber:

— Apolinário Martins, fls. 30, ano de 1736—4 mil e 200 réis;

— Manuel Francisco Ribeiro (fls. 37, 1759—9 mil.

— Bento de Sousa Azevedo (abade)—fls. 38, 1748—80 mil (os herdeiros faliram).

## V

Uma grande parte dos devedores teve de ser levada a juízo como o Ribeiro (fls. 4). Pedro G. Lomba (fls. 7), Maria da Silva (fls. 7 v), Francisco Lourenço (fls. 72), o Apolinário. Daqui as perguntas:

Que necessidades levavam os devedores a recorrer aos empréstimos? Investimentos? Tornas? Ser fácil por ter banqueiro à porta? As construções de casas grandiosas que no século XVIII se fizeram? Despesas com a formação de algum dos filhos?

## VI

Há um processo — o do Apolinário — que é típica demonstração

de como os empréstimos corrompem primeiro e acabam por jogar com as famílias na falência. Foi assim. Em 1795 estava em dívida o pedido pelo Apolinário em 1736 (assinado a fls. 5 do processo que diz: «Digo eu Apolinário... e minha mulher Maria Francisca... que é verdade que nós confessamos dever...» Foram testemunhas os padres João Luís, abade Bento, Macedo — todos na minha galegos — e o padre João Carvalho de Manhente). E mais dois assinados do filho, Francisco Martins, o juiz da Confraria em 1769, datados já de 1756.

E outro de sua mulher, já viúva — Ana da Silva — que noutro documento aparece cabeça de um casal da Igreja — datado de 1766. Pois bem; em 1795 a Confraria afirmava ser preciso demandar também os fiadores porque os herdeiros «estão muito pobres que já

não têm com que pagar nem a metade do que davam» (fls. 3 verso)

C.S. VII 7.2.78

Já nem sabiam os da Confraria quem eram os herdeiros (riscou-se a relação de fls. 20 e deu-se outra a fls 21). E' aí que vemos haver descendentes do lavrador Apolinário que são assistentes (criados) em S. Romão, Madalena, Barqueiros e Martim. Certo e honra lhes seja que nada ficaram a dever como se vê de fls. 30 do livro de Assinados: renovou uma dívida sobre si próprio o neto do Apolinário, João Manuel Martins (fls. 30 — que remete para um desaparecido Livro de Contratos). Mas estava por pagar ainda no ano de 1817, ou seja 81 anos depois do Apolinário. Há mais: o João Martins de 1704 era talvez pai do Apolinário e se o era, a dívida tinha 113 anos!

Um rapaz da Lama chamado Manuel José Fernandes perdeu-se de amor por uma cachopa de Galegos de nome Maria Josefa de Macedo e daí sucedeu terem dormido um com o outro 3 vezes. Se fosse por 1500, iam ter com qualquer padre que ele sem papéis logo os casava; mas estava-se em 1781 e havia maior burocracia nomeadamente o registo do casamento que se des- tinava a que, depois de casar, ele não pudesse vir a dizer que não casou com ela. Havia um obstáculo contra o casamento do Manuel com a Maria Josefa: é que descendiam do mesmo tronco em 2.ª e 3.ª graus, quer dizer, um era neto e outro bisneto, da mesma mu-

II  
algunhas achegas.  
arq. paroquial de Galegos que nos dá precederam, mas há um processo no prática sexual das gerações que nos Não é muito conhecido qual fosse a Bíblia está certa.  
que a ciência vem demonstrar que a var que o relato é lenda e o certo é Ninguém com juízo é capaz de pro- nha de estar nus.  
tanto Adão quanto Eva sentiram vergo- Todos conhecem o relato da Bíblia:

J. MANCLOS SAMPAIO  
em Barcelos-Alessanha  
(1924)

derosamente expansivo do povo-rei núcleo povoado sob o domínio po- celos se convertesse em verdadeiro ses, só é porém verosmíl que Bar- acção colonizadora dos cartagine- Devendo a origem e o nome a

## A ORIGEM DE BARCELOS

Estado dispensar em tais casos e se mento entre parentes? 2.ª) se pode o e logo Deus — é contrária ao casa- 1.ª) Até que ponto a lei natural — Aqui surgem observações como: que, no caso, foi Roma.  
da competente autoridade religiosa ther e em tal caso é precisa dispensa

(Segue na 4.ª pág.)

Alegaram o Manuel José e a Josefa para Roma que se se não casassem, ela

## III

quanto possa.  
que Roma fez e faz bem em proibi-los mais uma vez a Ciência vir confirmar ou casamento entre parentes donde, ainda crianças. Há portanto consenso João III perdido os filhos quase todos rentes muito próximos e daí ter D. foram acusados de casar entre si pa- via a Casa Real de Portugal e outras mãe quer dos do paio 4.ª) que toda- sangue real quer dos cromossomas da uma irmã para que os filhos tivessem por exemplo, o rei casava sempre com poderes; 3.ª) que entre os Egípcios, disserem sim, quem lhe outorgou tais

anos

200

Da Moralidade nos Rurais há 200 anos

344







# Quem são os Limianos? 266

■ por Francisco de Almeida

A procura de elementos para a história da minha aldeia, fui em tempos ler um roteiro que aqui tenho visto citado: Itinerário de Antonino. E li o comentado por Parthey e Pinder, publicado em Berlim em 1848. Os autores citam os portugueses Barreiros. — Corografia de alguns lugares, ano de 1561 e Resende (Antiguidades da Lusitânia — também por 1500 — Quer dizer: já há 1700 anos havia uma lista de terras e suas distâncias, em milhas, como nós ainda não temos. Aí vemos: De Lisboa a Braga, de Braga a Astorga (3 caminhos diferentes). Destas estradas, uma ia até Tui passando nas seguintes terras (estações): Bracara; até Limia — 6 milhas; a Tude, 7 e seguia por Burbida, Turoqua, Aquis Celenis, Pria, Asseconia, Brevis, Maciae, Luco Augusti (Lugo) etc.

Pergunto agora: em que sítio exacto estava plantada a Limia (povoação) daquele tempo? Prado provou que a estrada dita no Itinerário passava lá. As freguesias Carreira (entre Prado e Ponte) demonstram e conservam o nome daquela antiga estrada dos Romanos — a Carreira (ver o que sobre isto diz Miguel de Oliveira no estudo De Talábraga a Lancóbriga — no Itinerário de Lisboa a Braga).

A Resposta não pode dar-se sem a Arqueologia de Ponte Quanto aos Castros: deu lista deles o militar Cristóvão Aires (História do Exército Portu-

com frequência, aquando de mais alguma exposição sua, o que sucede de momento

Fomos vê-la, há dias, no Palácio Galveias (camarário), ao Campo Pequeno. São quase três dezenas de maravilhosas telas, óleos e aguarelas, perspectivando a sua e nossa «Lisbonne la nuit». E ficámos a pensar — depois de com ele mais uma vez falarmos — como é possível que este homem quando desapaqueado das suas constantes crises (que, evidentemente, não têm horário e ocorrem tanto de dia como de noite), espilatais chispas de talento artístico, de tal modo que não há quem o iguale nos seus «nocturnos» admiráveis, de cambiantes de cor tão naturais e «verídicos».

Afinal, insondável mistério do humano criador, dádiva sublime de Deus, que concede a Arnaldo Ferreira a lucidez momentânea, não muito fugaz assim, que tantos milhões não têm em toda uma vida... É que, falando com ele, nos bons momentos, esquecem uns e ignoram outros que este artista da paleta diâmbula pelas ruas lisboetas feito um... manicómio ambulante!

C. Sax. 4/8/78  
guês) que refere para esta zona os de Caminha, Ancora, Amonde, Santa Luzia, Afife, Areosa, Lima, Neiva e no curso do Lima: S. Silvestre Riques (V. de Punhe) e outros. Refere-se a Correlhã, V. de Piães, etc. Isto significa que anda disperso e muito que já se investigou sobre os Limianos Até as Enciclopédias Luso Brasileira e a Portuguesa e Brasileira estudam as nossas aldeias — nem sempre dizem certo. Xavier Fernandes em Topónimos e Gentílicos estuda os nomes: por exemplo, que quer dizer Estorãos ou Correlhã ou Limia? Porque tem o rio esse nome e o de cima Minho e o de baixo Cávado?

Ora bem: escrever sobre o Itinerário é perder tempo se nada se adiantar ao já dito — por outros escritores. As dificuldades nascem de aqui haver gente há milhares de anos. E ver por exemplo a História de Portugal do esquerdista Oliveira Marques, 1.º volume, ao falar sobre o Povo (a População), mas do Pitecantropo é o Marques quem deriva, não nós. Outro assunto que a Arqueologia tem de esclarecer é o das nossas Antas. E como há Castros estudados em Ponte, também há Antas estudadas. Ver Abel Viana em Manual de Arqueologia Prática e Santos Farinha em Pré-História de Portugal (belíssimo trabalho). O que interessa é fazer a lista de quanto se estudou sobre Ponte. Por exemplo: que estudos houve nos jornais que em Ponte se publicaram? Os interessados podem estudar esses jornais em Imprensa Bracarense de A. Lopes Oliveira Os Acórdãos da Câmara, que há dias vi citados, isso sim, interessa e devem ser transcritos.

Fica por responder a pergunta porque hoje já disse demais.







## De Pessoa e não só...

Findou há dias um Congresso sobre o falecido escritor Fernando Pessoa. A primeira ideia que a muitos há-de surgir é a da estranheza. Há bastante tempo que um grupo o vinha rotulando de maior que Camões e, todavia, Pessoa é bastante mal conhecido. Que razões levaram a dispender cabedais em um congresso sobre Pessoa? Posições de estética, ciência ou mais que tudo ideológicas?

De facto, Pessoa foi um português de nível superior que interveio muito na vida literária do seu tempo, entre 1915 e 1936 como o demonstra a Colectânea «Páginas de Doutrina Estética» organizada — mal, em meu parecer — por Jorge de Sena.

É que por ser espírito superior, andou à procura do que de permanente haveria nas coisas: «buscar o que poderemos chamar a explicação central...» (carta a João G. Simões); tomou posições filosóficas: «o Freudismo é um sistema imperfeito...» (mesma carta); roeu no pedestral de vários autores consagrados, Nobre, Antero e chega a ser estúpido ao chamar estúpido a outro, mas não roeu com tanta confusão mental como A. G. Saraiva na colectânea desigual «Para a História da Cultura em Portugal».

Precisam em suma de estudá-lo os filosofantes (Metafísica, Moral, Psicologia racional) e também os historiadores do Cristianismo português (se é que os há). Deste

escreveu: «O Catolicismo... tem a singularidade notável... de ser ao mesmo tempo que universal, particularizado em cada região onde existe...» Até parece que adivinhava o Vaticano II. Mas «entre os portugueses... o Catolicismo assume... o aspecto franciscano...». É assim? Digam-no os sociólogos.

Com estes temas se liga outro da Seara Nova (revista de orientação ateia). Foi ela perguntar a Eduardo Lourenço se afinal Marx e Cristo são ou não avessos. Isto é uma farsa porque o Lourenço não entende nada de Teologia (de Marxismo, sim) e por isso não tem competência para falar sobre o Cristianismo. Mas esteve no Congresso de Pessoa: considera-se letrado.

Ac. Torres

## ACHEGAS PARA

GALEGOS: do século XVI, só se conheciam 2 párcos (ver m/ Galegos, pgs 13 e 14). Encontrei um 3.º: foi outro Manoel de Azevedo, do tempo do arcebispo D. Frei Bartolomeu e portanto

abade cerca de 1575. Consta dum manuscrito do arq. paroquial, de 1 página (incompleto). Pediu autorização para emprazar um casal em Portela (galegos).

UCHA: É estranho que tantos abades tenha dado a Galegos a família Macedo, a qual, por 1790, dotou uma filha, Maria Teresa,

## A HISTÓRIA DE BARCELOS

pelo Dr. Francisco de Almeida

cos de abelhas foi o que deixou.

RORIZ: no século XVIII, houve aqui o Padre Francisco de Miranda que teve a posse de um casal da igreja de Galegos com as parcelas seguintes (antes dele, teve-as um Bento Lopes Pedrosa): leira do Raundo, leira na Agra da Senta, outra sem nome, cortelho e mais 2 leiras e ainda um campo, tudo nessa Agra. Sementes que levavam: a 1.ª, 1 alqueire; a 2.ª, 1/4 e meio; a 3.ª, 2 alq.; a 4.ª, 1 alq.; a 5.ª, três quartos como a 6.ª e o 7.º, 9 alqueires; o que soba umas 15 rasas de semente e podiam dar por ano 450 a 600 arrobas de pão.

Era também em Roriz que se situavam as terras que um abade Miguel de Azevedo (séc. XVI) alectou a um legado pio ou capela (ver Bárbara Maciel, m/ Galegos, pag. 20). No séc. XIII já existiam o Gião e o Ventoso. Em 1518 já existia o Castelhan (espanhol). Sempre Tonebo de Galegos. Por 1750 chava-se ao párcos de Roriz: «Padre de Vilar, abade de Roriz» (polémica sobre limites das freguesia).

Por 1600 e tal um padre, Marias Pais de Roriz, tinha sido párcos em Parada de Gatin (Vila Verde).

Francisco de Almeida

para casar com Francisco Xavier Forte, também da Ucha. Os Macedos eram abastados e a M. Teresa exigiu ao pai, Francisco, inventário de «maiores» que se fez em Prado (processo no arq. paroq.). O pai distribuiu quase tudo: ficou só com 1 leira que foi dada sem valor, por ter encargo (pensão) de 2 rasas. Dividiu e foi morrer a Galegos em casa do filho abade (João). Vivia lá muito modestamente: um capote, 1 fardeta azul, uns sapatos, uns botins e 9 corti-







# GE E DE PERTO

página 1)

ménia: os 4,5 milhões de católicos de rito oriental estão no saco dos ortodoxos, patriarcado de Moscovo: bispos e exilados, depois de anos de prisão. Dos católicos de rito latino, quase nada se sabe (havia outrora para eels 3 dioceses com 980 igrejas).

14 — POLÓNIA (comunista) — O governo não deixa fazer igrejas, apesar da grande insuficiência delas. Isto, num país onde a maioria da população é católica. Há um movimento que pretende fazer política. Os bispos polacos não confiam na seriedade do movimento. Anote-se que é a Polónia quem dá um dos maiores números de missionários em cada ano. Como a Irlanda. Por exemplo: para a protestante Suécia.

AVISO: é impossível que não haja contrerrâneos mais informados que eu sobre este tema. Os leitores pedem-lhes que dê notícias.

F. de Almeida

## Um punhado de notícias

*Ideologia* — Estive há dias na minha aldeia. Aquela gente vive só para ganhar dinheiro, dar nas vistas, nada para problemas de pensar. Não lêem nem jornais. Porquê agora o «leio jornais» na Televisão? Assim o povo vai mal porque se está a materializar cada vez mais. E não só de pão nós vivemos, não é? Cristo disse-o e sabia muito, muito.

*Família* — Marx e Engels escreveram há 100 anos contra ela. Muita gente os acreditou. A Rússia quis acabar com ela. Em Moscovo, 1922, houve um desfile de mulheres nuas — queriam liberdade. Hoje, quando lá se casam, quase logo se

divorciam. Os maridos dizem que ir para a cozinha é anti-natural. O governo soviético mete na cadeia os exibicionistas e outros menos púdicos, reprime a pornografia, a prostituição, etc. Então, hoje, é a URSS a defender a família? Passem, mas é verdade: puseram o marxismo de lado (nesse aspecto). É preciso reparar que a família é sagrada, começa com um sacramento — o casamento perante Deus e os homens. O do civil é obra dos maçons de 1910 e mal dos tempos que correm! Ver *A Vida sexual na URSS*. Recordar o Sínodo dos Bispos em Roma.

FRANCISCO DE ALMEIDA

## CARTA DE LISBOA (3)

São hoje 25-3 e recebi há quatro dias «A Guarita» de 14-2. Vejo que o escrito «Tudo Muda» confirma o que já há muitos anos disse um Clássico dos nossos: «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades». Portanto, nada é estável (até o governo, pior o de Mota Pinto). Razão tinha o quinhentista Heitor Pinto em pôr o Eremitão a dizer que nada «está» ou permanece e também Bertrand Russel, há anos, ao recusar que alguma coisa «é».

—xXx—

Recuso escrever grandes tiradas porque a nossa gente não podia entender-me, é de poucas falas e de muito entender e senso. Por isso lastimo que Alves De-Lin não demonstrasse a sua tese de que a mudança agora seja que é a fêmea

quem escolhe — começou como quem diz a falar do Cávado e acabou na reforma agrária. Haja tesouras porque até escreveu algumas observações que são pérolas.

—xXx—

Para a Demografia tomei nota de quantos foram de Curvos, Perelhal, etc., anichar-se em Vila Cova. A ciência é das causas. Porquê essas aterragens em Vila Cova, sr. De-Lin?

—xXx—

Um livrinho de Rychlowsky, decerto polaco, publicado na Argentina e cá traduzido: Qual será a minha vocação? — interessa muito aos nossos mocinhos e pequenas que nem sempre conhecem suas aptidões, jeitos, dons, qualidades.

(Continua na 4.ª página)

## CARTA DE

A Guarita de Dez./78: também quero protestar contra quem enterrou «os braços da cruz... no cemitério! Analfabetos!

Matos da Costa pensa bem: é preciso estudar os significados dos nomes de lugares das freguesias e é mais difícil explicar Samo e Enchate (lugares) que Cova e Vila (a freguesia) porque dos grandes há estudos, não daqueles. Água Branca porquê? Que resta do Paço? Porquê o nome Godinhos? Banho vem do latino balneum ou é latinização da palavra indígena? Muito se lucrará na leitura de Machado — As Origens do Português.

Temos aqui ao lado vilas: Vila Chã, Vila do Conde. Aqui não foi julgado (pertencia ao de Neiva) nem couto nem honra. Porquê o luxo de Villa que esta Cova mantém quando ou-







## Introdução

Vi com agrado os Temas Barcelenses do Jornal de Barcelos de 4/2/82: os nossos jornais. E vai já um aviso à Biblioteca da Câmara: seria bom que se obtivesse fotocópia de O Barqueiro do Cávado de 13-X-1853 aí referido. Melhor ainda: que a Câmara compre, para a nossa Biblioteca, esse número que a família Antero de Faria possui, honra lhe seja!

É isso que precisamos de fazer e que não é assim fácil: ao menos descrever quais os Temas ou Assuntos que os nossos jornais de 1850 a 1900 trataram. É imprescindível para conhecer a nossa História. Venham essas descrições, pessoas faladas, partidos, eleições, regedores, cartas de fora, etc.. Andei uma vez às voltas com a Folha da Manhã, em 1900. Parabéns a C. B. pela sua dedicação e esforço pela cultura dos Barcelenses. Oxalá o secundem!

Os anos 1850 a 1900  
no Dr. Teotónio

Para alargar o «Terreiro» da vida dos jornais, fui ver o Dr. Teotónio (Barcelos — Aquém e Além). Reza assim, o que é muitíssimo pouco (volume I):

Abade Neiva—pg. 55: biografia do jacobino Padre Valério e do jesuíta, Padre Pereira.

Aborim—nada. Aguiar (67): Padre Maciel, que foi arceprestre (e encomendo a biografia dele aos Macieis que ainda aí há).

Aldreu (77): deixou cair de ruína a igreja paroquial, mas fez nova (1853-62). Teve o benfeitor Araújo, Cruzeiro de 1891 (outro de 53), o Fernandes (1871).

Alheira—nada. Alvito (S. M.): a biografia do abade Pais faz falta (pg. 98), mas em Galegos teve má fama. Alvito (S. P.): como é que o Magalhães Varela, virou a casaca política? (1850). Perduram os Neivas Pinheiros (nova igreja, 1884). Arcozelo, nada, salvo um Almeida. Quem foi ele para ter dedicatória em livro? (118).

Areias (S. V.): 1893 era o tempo de até párcos serem Conselheiros (honorários, já se vê—pg. 124 e 127). Como tantos outros legou bens à Misericórdia. Para quê? O Estado expropriar!

## HISTÓRIA

(Continuação da 1.ª página)

Balugães: como tantas outras, cemitério fora do adro só em 1888 (pg. 135). Era escusada tanta luta contra a boa medida. Conselheiros e Doutores, só os com «posses» para ir a Coimbra estudar. A percentagem dos nossos formados foi mínima. E o pior é que Barcelos continua a marchar culturalmente subdesenvolvido.

Barcelos: Cónego—cerca (1859). E onde residia o pároco titular? 1869—perde-se a Colegiada (de resto, as nossas freguesias já em 1758 andavam a pagar para as peneiras de o Duque ter Colegia-

1850

da em Vila Vicosa). É preciso saber como foi possível a esses senhores das Câmaras deixarem apodrecer o espólio documental que veio de Vilar (escrevi aí um apontamento sobre alguns livros de Vilar que a Câmara ainda tem). Também aqui cemitério apenas em 1877? (p. 165). D. Maria II nem tem aí uma placa (1852-pg. 170). Em 1888 já a Misericórdia tratava dos da 3.ª Idade, honra lhe seja (pg. 178). Decerto que, em 83, os Bombeiros não-de fazer publicidade uma brochura com algo da sua história de 100 anos. (pg. 179). Como era antes de haver Bombeiros? Também esta instituição tem sofrido rombos.

Associação Comercial em 1890, atrasado do Porto 40 anos. Teatro, em 1893. Assembleia (era a moda), o militar Vila Chã (1882). O Conde Daun (1858) que tem com Pombal? O historiador P.º Pereira (não é o de Ab. Neiva), anti-miguelista, mas a Câmara nem lhe faz reeditar a obra. Mal conhecidos também os escritos de Jaime Seguer (1887) como os de Vilas Boas (1873) e os do Dr. Rodrigo Veloso (1863).

### Conclusões

Não sei se vale a pena continuar a análise da 2.ª metade do

século 19 para as restantes freguesias.

Em Galegos poucos documentos há para esta época. Cito alguns: a) mesários de S. João para 1870—e a confraria andava bastante à deriva; b) processos de abade contra os fregueses (um, especial, de primícias que o bondoso abade de Alheira, Coelho, ajudou a conciliar); c) processos contra exploradores dos moinhos (que eram da Igreja, havia séculos; como é que eu não sei dizer); d) várias crianças que iam parar à Roda, (os da Câmara Leite) que Barcelos dava a criar por essas freguesias; e) 1º testamento em que aparece (1.ª vez) o regedor de Galegos a presidir à abertura de 1º testamento e pouco mais.

Ora houve aqui profanações, lutas de caciques (em Galegos, um mandou cortar a prisão de uma ramada a outro!). Isso tudo se noticiava. Nos jornais. Pelo menos há ecos. Que podem os erros e virtudes dos de 1800 ensinarem-nos? Nada, já que são desconhecidos.

Por outro lado: que pasmaceira foi a dos barcelenses para só terem jornal desde 1853? Não percebo.

Francisco de Almeida







# SE AS FESTAS EM BARCELOS SÃO AS CRUZES

I—O facto é o seguinte: no programa de festas das Cruzes, a comissão organizadora não incluiu número nenhum em honra do Senhor da Cruz. Não sei as razões dessa não-inclusão ou melhor, dessa exclusão mas quero crer que não-de ser muitas e de peso. De resto na UKSS também há festas mas nenhuma tem tinte sequer de religiosidade e quero

crer que se fora o P. C. a elaborar o programa, haveria nele bastante de religioso. Sim ou não?

II—Fosse pelo que fosse, o facto aí está; o Senhor da Cruz já não tem festa pública. As festas já não podem chamar-se «das Cruzes», que estas são apenas pretexto para umas festas seculares, concelhias, hoje devem chamar-se apenas festas de Maio ou barcelenses. Das Cruzes não, que é abuso.

III—Eu nem sequer estranho muito o facto da tal exclusão. Provavelmente a autoridade religiosa em Barcelos nem quis a mistura do Senhor da Cruz nestas festas populares e daí resultaria para a comissão apenas o soldo de as fazer «civilmente», seculares. E não estranho porquanto esta hoje em moda a separação da jurisdição política face à religiosa. Mas vejo que então andam em erro todas essas terras que fazem festas de nome religioso tais como a Povoa com as Dores, Viana com a Agonia, Braga com o S. João e essas outras como a Nazare, Senhora da Guia, S. Mateus, etc., p., que se não erro eu, todas incluem algo de religioso no programa.

IV—Ora a meu ver, a comissão decidiu sem razões: porque

(Continua na página 4)

## SE AS SÃO AS CRUZES

(Continuação da página 1)

ainda quando me venham dizer que já nem todo o barcelense é católico, isso não basta para privar a maioria das populações sobretudo as rurais, de ver o esplendor público da religiosidade que a antiga procissão ditundia. Digo mais: a comissão desconhece a psicologia do nosso povo porque lhe retirou o de que gosta—o brilho da procissão—para lhe dar o que não liga: gincanas e coisas assim. Ou então sou eu quem está em atraso.

V—Eu bem sei que os hábitos dos povos mudam. Ainda bem. Mas também leio, por exemplo em *Teologias do Nosso Tempo*, que aquela chamada da Morte de Deus, inventada por americanos blasfemos, passou, que aquela da Esperança—que partiu da doutrina do marxista alemão, Bloch, faliu e que outras há dias na moda, passaram e se regressa ao princípio: afinal a aspiração reli-

giosa renasce contra tudo e contra todos e os que, como os da freguesia de Belém, Lisboa, que acabaram com procissão no tempo em que o ex-padre Felicidade Alves ali era pároco, as reintroduziram após a saída dele. Mas a boa lição vem-nos de Barcelos. Concluo que a comissão tomou decisão de enorme responsabilidade mas discuto se justificada. Mas também se o não foi, fácil é corrigir o erro e dizer à comissão se é o povo ou é ela «quem mais ordena» aqui na cidade que se reclama com direitos a universitária.

Claro que a Comissão nos vai explicar aquilo tudo muito bem explicadinho, nem é caso para menos.

Francisco de Almeida

N. DA R. — Também, a princípio, estranhámos a omissão mas depressa concluímos tratar-se de um lapso involuntário, pois, embora tarde, foi remendado o programa, incluindo nele a referência às festas litúrgicas a que assistiram as autoridades máximas e que até foram muito solenes.

6  
2



# Carta de Lisboa -- Templo a Alá

17.89

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Os jornais noticiaram que os Árabes iam construir em Lisboa uma Mesquita, quer dizer, uma igreja. Como em árabe Deus se chama Alá, o templo é também em honra de Deus. Porque Deus tem tantos nomes quantas as línguas.

Nesta data, a tal mesquita está quase pronta no que toca a paredes e cúpulas. Situa-se perto da conhecida Praça de Espanha (cuja Embaixada sofreu rombo após o 25 de Abril).

Custa milhares de contos — nada para os homens dos petróleos (Argélia, Líbia, Iraque, Turquia, Pérsia, etc.). Nenhuma outra religião ficará aqui com templo tão vistoso (nem protestantes nem ortodoxos russos já implantados após o 25 de Abril). Então, quantos e quais são os muçulmanos (de Alá) em Lisboa ou mesmo em Portugal? Judeus, só uns 300, disse-o há tempos o Embaixador de Israel. Árabes, penso que nem tantos, salvo contando com os paquistaneses vindos de Moçambique em 75 e 76 e dos quais consta dominarem já cadeias de cinema e outros negócios.

## MAOMÉ E CRISTO

Têm de comum o seguinte: ambos nasceram no Médio Oriente, um na Palestina (ver o livro A Palestina no Tempo de Jesus) e o outro na Arábia, terra de areias, quase deserto,

cujos fundos dão petróleo, rodeada pelo famoso Mar Vermelho e Mar da Índia; ambos, na aparência, meros homens.

Diferenças: Maomé é mais novo que Cristo quase 600 anos; deu-se a si o nome de profeta ou anunciador das coisas de Deus; leu o Antigo e o Novo Testamentos (Bíblia). Pasma-se de como se atreveu a proclamar que Deus lhe Revelou coisas.

## IV

A vida de Maomé segundo o livro O Islamismo. Defende ele que o Deus Único dos Judeus e Cristãos não seria na ideia de Maomé, o mesmo que Alá (p. 24); que além do Único (mono-teísmo) da Revelação exarada por Maomé se extrai uma doutrina de «Justiça económica e social». Por partes.

Revelação: é mostrar o que estava oculto, escondido. No caso, doutrina, leis, etc., saídas da boca de Deus. Nisto, Maomé quis por-se ao nível tanto de Moisés como de Jesus.

Textos: se lerem a Bíblia, não-dever que lá se diz que foi Deus quem mandou escrever. Ora os Árabes têm sua «biblia» a que chamam Alcorão — que mais parece, a quem o ler, um Diário de Maomé que outra coisa.

História e Crítica do Alcorão: assim como a mais pequena frase da Bíblia foi penetrada pelos adversários dela — e resistiu (a ponto de) (Continua na 5.ª página)

Igreja — a que chamam Comunidade dos Crentes (dito livro, p. 12);

4.ª) Não têm uma Filosofia e teologia — por isso só recentemente a incluíram no Currículo do Curso dos ulemás;

5.ª) Os filósofos que tiveram de-

há neles tradição unânime.

## V

Cristo, o pacífico; Maomé, o guerreiro.

Bem podia Deus exigir, à força, que todos se baptizassem, etc. Foi exactamente o contrário que Cristo mandou fazer e é por isso que nem 50% do Mundo é ainda baptizado.

Maomé fez assim: a) vivia na cidade comercial de Meca, tribu dos Curaiçitas, que era uma das muitas que lá havia; b) em Meca já havia (ano 622, pós Cristo) muitos cristãos e também judeus; c) aparece o Maomé com a novidade de que Deus lhe falou, etc., mas rejeitam-no; d) a ideia dele era tomar o governo de Meca e que todos o acreditassem; e) como não conseguiu, ficou furioso — mas já tinha organizado sua tropa; f) aparece refugiado com os sequazes na cidade rival, Medina, onde consegue o governo — e a todos faz obedecer ao novo credo; g) atacado pela tropa de Meca, várias vezes, derrotas e por fim sítio Meca. E foi expulsando ou massacrando cada uma das 3 tribus de Judeus a viver em Medina; h) o mesmo fez depois em Meca.

Os sucessores fizeram o mesmo: conquistar e colonizar (islamizando).

(C.Sax. VI 7/v/82) CONCLUSÕES (82)

1.ª) Os árabes copiaram os padres cristãos e fizeram os chamados Ulemás;

2.ª) Copiaram os fundamentos da crença;

3.ª) Copiaram o que chamamos

ram naufrágio no campo religioso (é conhecido cá um Avicena e um Averróis);

6.ª) Falta-lhes uma autoridade central, um «papa».

7.ª) Reconhecem que muito do que creem (ou as massas creem) é superstição (pg. 3.19);

8.ª) Andam aflitos com o problema de renovar a doutrina islâmica (criaram Instituto no Paquistão para isso).

9.ª) Não sabem o que é de conservar e o que é de desprezar (como se o que vem de Deus se pudesse abandonar; ou sabem que não vem de Deus o que Maomé disse ou se lhe atribue?).

10.ª) Têm medo dos ocidentais (p. 338) por causa do «materialismo» de que dão provas (devem referir-se aos Americanos, Franceses e Ingleses).

11.ª) Admiram a Técnica ocidental e essa pagam-na a todo preço.

12.ª) Apavoram-se com o comunismo e vêem a população dividida em conservadores e modernistas.

13.ª) Para os Árabes, o Dogma (doutrina) evolue (como é tese do Modernismo).

14.ª) Reconhecem que entre eles há os correctos (ortodoxos) e os sectários.

15.ª) Pasma-se como um punhado deles conquistaram tanta terra cristã: Egipto, Norte de Africa, todo o Médio Oriente, etc.

16.ª) Só há Muçulmanos onde o governo é islâmico (impõe o credo de Maomé à força) e islamizados, não mais abandonam tal doutrina (no Afeganistão há 99% de Muçulmanos).



acimanto e  
na Faculdade



# ARA A HISTÓRIA DE BARCELLOS

## Quirás e Galegos—Bula Apostólica

# Quirás e Galegos--Bula Apostólica

Continuação da primeira página

Quero dedicar o que segue ao ilustre investigador Sr. Sousa Bastos de quem há tempos recebi a gentil oferta de 3 fotocópias, extrahidas do jornal barcelense de 1882, dos dias 6 de Julho e 3 e 10 de Agosto: todas sobre um «cara» que lá houve, muito rico, político e que fez ruir toda a sua casa —que era a actual Quinta do Cônego. Dava pelo nome de José Coelho. Fica aqui o meu agradecimento desses textos, que desco-

### Da Bula

Termina assim: «Datum Rome apud Sanctam mariam majorem... Milesimo Octingentesimo, vigesimo nono chalandis Decembris, Pontificatus nostri vigesimo primo». Portanto, de 1820 (tem 162 anos).

Continua dizendo: «Concordat cum originali Franciscus Polla (?) officialis Deputatus coadjutor, Josephus, Cardinalis... Carolus Baraglia notarius apostolicus».

Donde ficamos a saber que a pensou o cardeal, a minutou Baraglia (o original está portanto em Roma) e o Polla foi quem desse original fez a cópia que remeteu a Braga e está no processo (hoje decerto no Arquivo Distrital, não vi). É dessa cópia que há certidão em Galegos donde extrah o texto supra.

Começa assim a cópia remetida a Braga: «In nomine Domini Amen... Pontificatus autem Sanctissimi Domini Pii Pape Septimi... ego officialis deputatus» (é o Polla, que fala).

A seguir dá o original que começa assim: «Pius episcopus Servus Servorum Dei Dilecto filio António Josepho de Macedo cle-

rico Bracarense nos inducent ut... Tibi Pensionem annuam... Scxaginta duorum Ducatum quinqauri de Camera et Juliorum quindecim monete Romane super omnibus... abbatienuncupate Sancte marie de Galegos... cum ei anexa Santissimi Salvatoris de quiraza».

Ora Pio VII foi aquele sacrificadíssimo Papa que foi Papa desde 1800 a 1822, tempo também de Nelson, das sectárias Cortes de Cádiz, independência do Brasil e outras terras americanas, do famoso Congresso de Viena da Áustria, do nosso Regente e rei D. João VI, etc—época de maior agitação ainda que esta nossa de 1982, quando o Papa João Paulo II está entre nós (15-5-1982).

E já que falo disto: vejamos lá que Lisboa teve bispo desde há pelo menos 1682 anos e só passado esse tempo todo é que um Papa veio cá! Maravilhas da Técnica! Há 200 anos as Visitações faziam-nas os Cônegos de Braga; até aqui o bispo ou seu auxiliar visitavam as freguesias; agora sucede que é o Papa a visitar a grande Paróquia dele que é este velho Portugal. Adivinho que no século XXI raro será o Povo da Terra que não tenha tido a Visitação de um Papa, quer dizer: o Mundo ter-se-á tornado uma grande Diocese com sub-dioceses de todas as raças e milhares e mi-

(Continua na quarta página)

lhares de paróquias, se muitas delas não tiverem desaparecido, anexadas, como sucedeu à de Quirás, do texto supra. Exige-se um re-dimensionamento civil e paroquial. Os de Vizela estão a andar como o carangueijo, para trás.

### As Origens de Quirás

A Bula continua: «(Quirás) que, sicut accepimus de iure patronatus, laicorum nobilium, ex fundatione vel dotacionem exit». Traduzo e anoto que fui eu quem pôs as vírgulas: «Quirás, a qual, segundo nos informam (de Braga, claro) nasceu por Direito de Padroado, (e este de) pessoas laicas

da nobreza, seja por a terem fundado ou por a terem dotado».

Os bens pertencentes à paróquia de Quirás (padroado) foram desfeitos em pensões de que já dei notícia em O Barcelense de 27/5/78—O Ruir de um Padroado. No Tombo de Galegos (de 1518) relacionam-se bens em Quirás porque já então esta era In Perpetuum Anexa a Galegos. E des-de quando? E porquê, se tinha seu dote para sustentar pároco? No tempo de que Arcebispo? Por qual texto? Isso nos explicará muito do que foi a evolução económica e social das nossas freguesias. 04.04.29/5/182

Ora nem Padroeiro nem o Reitor de Quirás (o abade de Galegos)

de 1820 sabiam já desde que tempos começou o padroado em Quirás—ou em Galegos porque esta também era terra de padroado.

O texto da Bula só nos informa: a) que Quirás é pertença de leigos (no aspecto de lhe escolherem pároco); b) leigos da classe da Nobreza; c) o direito de padroado nasceu por os tais leigos entrarem com terras para a paróquia de Quirás—quer ela já existisse e só lhe dessem (ou ampliasses o dote-bens paroquiais), quer fossem esses leigos nobres a criar ali a paróquia dando para tanto os bens. Quais bens? Os do dito Tombo? Parte deles? Outros? Não sei. Mas os de 1821 também já não sabiam os nomes dos seus beneméritos antepassados, fossem fundadores ou meros dotadores ao espiritual em Quirás.

Mais informa a Bula que a Pa-trone (Padroeira) era, em 1820, a «dilecte in Christo filie marie emilie Lopes de Azevedo Pereira Pinheiro e Sá», quer dizer, os da Casa de Azevedo, na Lama, que ainda doou grande biblioteca à nossa Câmara, já após o ano de 1900.

E era o que sobre as nossas origens hoje vos queria dizer sem vos fatigar. Não sei se o consegui.

Francisco de Almeida

*Dr. Galen Zula*

2. 40







# A MULHER E O TRABALHO

2.41

102  
Não é aos da nossa região que se vem ensinar que a mulher há-de trabalhar fora de casa. A mulher minhota sai de casa para o campo labutando ao lado do marido e dos filhos. E não só no campo como também no monte. A nossa valente mulher faz feiras, vende na praça, é industrial em sua casa. Querem que a mulher saia, isto é, que o marido vá para um lado e ela para outro, seja a fábrica ou o escritório. V. 11. 24. I. 81

Quem leia, mesmo com olhos pagãos, o célebre relato bíblico sobre Eva, há-de reparar em alguns tropeços: ela nunca se sentiu só, mas o homem, sim; ela deriva dele — mas ele não deriva dela; ela foi trazida a ele e por ele baptizada, não ao contrário. Também ela deixará pai e mãe para com seu Adão fundar sociedade a dois, e não a três, como logo inventou o curioso Lamech (que teve 2 mulheres). Para onde iria o Mundo se os homens de hoje durassem até 930 anos, como Adão, e tivessem ainda filhos aos 130 anos ou aos 500 como Noé? Não me venham dizer que aquilo é treta. Tal afirmação é indemonstrável. Naquele tempo, não era como agora em que a mulher fica estéril pelos 45 anos e ele, pelos 85.

A mulher trabalha fora — é a moda e é também a prática das desgraçadas que vivem nos países de Leste, tão mal pagam já aos maridos. Ora as estatísticas dizem que em Portugal as percentagens de empregos foram assim, dos 20 aos 24 anos: em 1970 eles eram 92,9% e elas, 46,3% (cerca de metade); em 75 eles

7m361  
foram 90% e elas 49% e prevê-se: para 80 — 89% contra 51%; para 85 — o mesmo e o mesmo ainda para 1990. A manutenção desta percentagem (89-51%) tanto tempo parece ser o limite em liberdade. Mais, só à força.

Porque a mulher casa; porque a mulher fora de casa continua a ter dono sem deixar de

PELO

Dr. Francisco de Almeida

ser bonita (e cobiçada). Afinal, quem é o prejudicado com um divórcio, ele? Quando essa toleima do marxismo passar — e nos de cabeça fria já passou — acabará também o que de exagerado há nas feministas. Sem abdicar do salário justo, ela poderá ser menos sacrificada do que agora é: operária, esposa, mãe e criada de todos. e nem sempre reconhecida.

Falámos atrás de que até aos 25 anos, elas são 51% face aos operários seus irmãos, pais, filhos ou maridos, que são 89%. Mas a partir dos 25 anos, elas começam a ficar em casa. Vejam: em 1970, dos 20 aos 24 anos, eram 46%. Dos 25 anos aos 29 anos já só 33% aos 30 — só 25% e aos 35 só 23%; aos 40 só 25% e aos 60, quando eles eram ainda 79%, elas já só eram 13% a trabalhar. Em 75 passaram a 14,2%, em 80 a 14,3%, em 85 deverão passar a 14,4% e em 90 a 14,5%.

Razões fundas e de muito juízo levam as mulheres de Portugal a estar cada vez menos na rua à medida que a idade delas aumenta.

v. 11. 24. I. 81







# O Papa e a Suíça

976  
pelo Dr. Francisco de Almeida

2.42

João Paulo foi convidado a visitar também a Suíça e porque esta é um curioso país, pareceu oportuno rever um pouco da história dele.

Nas Geografias aparece como pertencendo à Europa Central, o que não é bem verdade, estando a Suíça, como está, logo à cabeça, norte, da Itália. Falar da Suíça recorda-nos que nas bordas dos muitos lagos que lá há, vivem povos há milhares de anos em casas sobre estacas espetadas na água. Assim, nem as cobras nem os lobos lhes invadiam as casas. Ainda hoje há chineses a viver assim. Recorda-nos aquele famoso general Aníbal que passou ali perto, ido de Portugal, pelos Alpes, para invadir a Itália. Lembra-nos o famosíssimo livro do general César a descrever as guerras de extermínio que pela França e Suíça geriu—cenas patéticas que a cultura portuguesa mal conhece. Esse território, com montes sempre brancos, de neves eternas, onde os rios têm cheias não no Inverno mas no Verão, que é metade do de Portugal e alimenta 2 terços da nossa população, que é dos mais agrestes da Europa, que é habitado por 3 raças—italiana, francesa e alemã, que fala 3 línguas, que é quase meio por meio protestante e católico, que tem 1 só governo para os estrangeiros, mas entre eles têm 22 governos ou Estados, que todavia é tão rico como 12 vezes a renda per capita de cada Português.

Importa quase todas as matérias primas. Como é tão rico? Nas guerras declara-se neutro. Como o consegue? Tem turistas como poucos—porquê? Olha o Reno e os Alemães a Norte e para ver Roma, volta-se para Sul. Tão per-

to de Roma e Milão, como é que o veneno luterano e pior, calvinista, a corroeu por 1520? Proibiram as missas, as procissões, queimaram os Santos, expulsaram monges e bispos. De 19 cantões ou estados, apenas 7 permaneceram fiéis a Roma. 5 bispos tinha então e agora tem 6. Sem 1 ar-

0 Bate 23/5/81  
(Continua na quarta página)

## Carta de Lisboa

Carta de um barcelense. Escreve-me ele assim: «Melhor seria que se transformassem num só, melhor trabalhado e com mais informação». Refere-se aos jornais de Barcelos.

Na nova cidade de Torres Vedras há um só jornal. Tal jornal, que dá pelo nome de Badaladas traz sempre 16 páginas e uma enormidade de anúncios. É certo que só é único porque nele até o Cunhal pode escrever se quiser.

Fazendo as contas para Barcelos: 4 a 4 páginas dava um semanário de estalo.

Acontece que se V. Verde só tem 1 quinzenário, Ponte tem semanário e quinzenário, Viana, um recula deles (o último é O Vianense, muito doméstico, de Matias de Barros) e até Braga tem 2 Diários contra o que em tempos sugeri para o Diário do Minho—melhor seria fazer dele um brilhante semanário.

Explica o meu barcelense acerca da fusão dos 4 em 1: «Mas isso não deve ser possível, pois os ohios

o seguinte: leio que o Japão, que tem 114 milhões e dos que mais jornais lêem, tem 108 diários—logo, cerca de 1 por milhão. Logo, Portugal não poderia ter mais que 8 a 9 diários—e tem quase 20! Porque somos mais ricos que o Japão?

Já agora, vejamos outras nações: Argentina, com 26 milhões, 297 Diários; Brasil, 114 e 72 grandes e 300 pequenos diários; Índia, 600 e 82 diários apenas; Inglaterra, 55 com 111 Diários; Suíça, 6,5 com 116 Diários; Itália, 56 com 78 Diários. Des-tes números podem-se tirar conclusões: cada grupo quer ter sua folha às ordens e muitas vezes manter honrosas tradições. Mas a verdade é que sou pela fusão de alguns jornais sem prejuízo do plu-







# PARA A HISTORIA DE BARCELOS

POR  
Dr. Francisco de Almeida

## À ATENÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS

Parece que os Monárquicos (P. P. M.) andam preocupados com os pequenos tamanhos dos cambarcelenses. Fizeram comunicado a denunciar temores. Ora isso dos campos barcelenses tem uma história—pouco estudada—traduz uma resposta filosófica a

cíclica, mas não tenho tempo.

Quem um dia estorram. Cabiam aqui 2 palavras sobre a nova En- que deva ser modificado.

De modo que é preciso ser—se coisas vingam-se.

Mas se o nosso sistema de leis a Rectidão, a Honestidade, isso mesmo, são contra a Moral, e dos barcelenses pobres—e, por

contra a Natureza da propriedade, gras ou leis, são contra a Razão, se justificar, então as nossas re-

habito adquirindo? E que, se não é? Justifica-se ou só é assim por

Porque é que o nosso é como Propriedade.

Visto o caso africano, pergun- ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

ta-se se devemos conservar em

umas tantas necessidades e materializa-se em Regras de Direito compendiadas no Código Civil: os Direitos Reais (não do Rei, sim das coisas).

O lavrador X, de Panque ou Barqueiros, manda seu filho cursar Direito. Pode fazê-lo em Coimbra ou Lisboa (Faculdades de Direito). Um dos grupos de Regras (leis) que ele vai ter de dominar é isso das leis das Águas, dos Caminhos, da Terra, das Casas, etc.. O Professor, Catedrático, Lente, não falará das mudanças que essas leis sofreram de século para século até agora—a História da Propriedade. Nem irá aprofundar se aquelas regras deviam ser outras porque então caía no campo da Filosofia (os porquês de a lei dever ser tal e tal que não esta). Ou, como às vezes por aí dizem:—se eu mandasse, faria assim e assado. Mas iria fazer bem? Faria o justo, o que deve de ser?

### A Nossa História

Barcelos foi outrora uma Terra, uma região, contraposta às de Braga, de Viana, etc.. De quem era ela? do Rei—que a dava a quem queria dar. Dava? Não dava o torrão, só o governo, a administração. E isso incluía o direito de colher-lhe os frutos, que eram os impostos pagos pelos barcelenses. Esse senhor era o Conde. Podia deixar o condado a um dos seus filhos ou filhas.

E o povo, os governados? Esse

dividia-se assim: os sem eira nem beira e os proprietários. Estes ainda se dividiam em donos do torrão (da raiz), donos do torrão e do uso e fruto, donos só do usufruto. Mas lá em Galegos quase só havia donos da raiz e donos de usufruto. O sistema durou pelo menos 800 anos—até 1834 e 1910. E serviu. Saber por que mãos andou a quinta tal ou tal é que já exige vasculhar arquivos e arquivos. *Barcel. 12. X/1. 81*

Vou-lhes mostrar que a filosofia dos Africanos era diferente.

### As nossas Regras, as Regras africanas e o futuro

Mas o bicho—homem, sempre, sempre insatisfeito, pergunta-se (e agora está-se a alterar a Constituição): cada um tem tido seu campo; no futuro, deve continuar a ter?

No livro *Usos e Costumes dos Bantos*, II volume, pg. 9 a 12, descreve-se o sistema de Propriedade da Raça que habita Angola e Moçambique. Diz assim:

«Por direito, o solo pertence inteiramente ao chefe. Ora em Portugal, o solo, por direito, pertence não ao chefe, que é o Estado ou Governo, mas ao indivíduo X, Y ou Z.

O sistema africano era, praticamente, já em 1880 (e muito antes), igual ao dos países comu-

(Continua na página 4

um pedaço de terra—um campo Minhotas, tinha de me demarcar fe, representante do governo, em ver entre os de Minhotas, o chefe. Portanto, se eu quisesse ir vi- gião».

que venha estabelecer-se na re- o Gratuitamente a quem quer compra o terreno. Este é distri- Continua o livro: «Ninguém sistema vigora.

e nos de Leste, só a coronhada o África, o povo aceitava o sistema nistas. Com esta diferença: na

(Continuação da 1.ª página)







## PARA A HISTÓRIA DE BARCELOS

# Um condenado de há 500 anos

Ali perto de Portalegre há uma vila quase deserta que se chama Marvão. Perto de Marvão, onde pelos matos se criam castanheiros espontâneos, fica uma terra que se chama Galegos — e é fronteira de passagem para a Espanha.

Entre Galegos e Portalegre fica a freguesia de Aramenha que pelo tempo de Jesus Cristo, foi terra de fama. E na área de Aramenha fica um lugar ou povoado que se chama Porto da Espada. V. M. 12. XI. 81

Deste Porto da Espada foi publicada em 79 uma monografia de 155 páginas por uma curiosa senhora que se chama D. Maria Tavares Transmontano.

Pois bem: na monografia, transcreve-se uma carta do Rei D. Manuel I que se refere ao barcelense Gonçalo Álvares Sapateiro, «mórador na nossa vila de Barcelos». Nela, o Rei autorizava o Gonçalo, que estava em Marvão a cumprir uma pena de Degredo de 1 ano, a mudar-se para a Vila de Caminha — que fica bastante acima de Viana, fronteira à Ga-

*Dr. Almeida*  
liza — para cumprir lá a pena de degredo.

Razões que o Gonçalo invocou para a mudança: a) ser doente de cólica; b) ser doente dos olhos (às vezes ficava cego); c) ser pobre; d) estar em Marvão havia 1 mês e não conseguir trabalho para seu sustento; e) não

PELO

**Dr. Francisco de Almeida**

o conseguia porque do que os sapateiros de Marvão faziam não percebia ele pataвина.

O Rei autorizou e deu-lhe o prazo de 1 mês para se apresentar ao alcaide-mor de Caminha, que o havia de registar no livro dos degredados: durante esse mês, ninguém o poderia prender (a carta era também salvo-conduto).

Quanto é de Marvão a Caminha? Pouco menos de 500 quilómetros. Mas a carta é de 23 de Janeiro e o nosso Gonçalo só a poderia receber por Fevereiro. Ora 500 quilómetros, a pé (de-

(Continua na pág. 6)

# Um condenado de há 500 anos

(Continuação da pág. 1)

façanha — como a História do Direito demonstra (e o caso do Gonçalo, também). Há 500 anos, nem por ser pobre se lhe suspendia a pena. Nem por ser doente.

Ora isso vai tudo muito mudado. Porque os legisladores nunca esperam ser vítimas dos criminosos pouco castigados. E por que dizem, o Direito Penal se humanizou. E porque a Europa castiga pouco e nós somos Europa. E porque alegam a pena não resolve e o culpado do crime é a sociedade.

Por este caminho, não tardará que se revogue todo o Código Penal. Aborto? Revoga-se. Infanticídio? Também. O furto? Alguns ensinam que é só uma lícita transferência de fundos que as leis capitalistas ainda (ainda) condenam. Mas sem Código Penal a sociedade corrompe-se, os Mandamentos são como se não existissem e os ofendidos têm de voltar a rachar cabeças — fazer justiça por suas mãos. Como faziam há 1.000 anos.

De facto as forças sociais são

certo não tinha um burro sequer que o levasse) no inverno, com chuva e frio e maus caminhos, são muitos difíceis passos. Para mais, doente.

O Gonçalo não confessou crime nenhum: só disse ao Rei que o degredaram «por se dizer contra ele que arrancara um marco de uma herdade». V. M. 12. XI. 81

Decerto era sapateiro e proprietário. Usava-se bastante ampiar a courela mudando os marcos. Em Manhente conta-se histórias dessas. Ou arrancou-o à ordem de outrem. Também hoje há quem faça mal por dinheiro, às ordens de outrem, que esconde a mão (ver aquele que atirou sobre o Papa; talvez o caso Sá Carneiro).

Há 500 anos, o Estado não dava ao preso ou ao degredado a comida e menos, a estadia em prisão — hotel (o maior escândalo está a dar-se na América). Há 500 anos, os castigos eram mesmo castigos e faziam o criminoso tremer só de pensar em repetir a







# ALGUNS DADOS DO CRESCIMENTO CATÓLICO

Continuação da primeira página

moças católicas que têm, saber que, de ciência certa, elas se vão casar e se for preciso, ajudá-las a encontrar um noivo católico ou ao menos, de carácter recto e boa vontade. Senão, é uma católica perdida com todos os filhos, que venha a ter.

É por isso que se vê, no livro do Padre Joaquim Ribeiro, *Condenado à Morte*, os cuidados dele pelas casadoiras, quando andava por terras da China.

V

Vai a propósito dizerem-se duas coisas: a 1.<sup>a</sup>) que é preciso nas

nossas regiões ir cuidando de que as raparigas se não unam a ateus; — a 2.<sup>a</sup>) que é bem de estranhar como um rapaz de Galegos tão rápido abandonou as missões e pior, as ordens. Bem sei que qualquer humano é tão frágil que pode tombar nas piores degradações. Será por isso que se tem visto bastantes ex-seminaristas a militar com os ateus. Estaline foi um deles.

VI *Sec. 30 x 82*

No ano de 1980 para 81—1 ano —os católicos, no Mundo, aumentaram 15 milhões. Ora a população da Terra aumenta (multiplica-se) com as taxas que atrás referi—Portugal 21 por 1000 ao ano. Se assim é, os simples nascimentos farão que os ateus se multipliquem também à taxa de 2,1% e a menos que eles tenham menos filhos que os casais católicos. Na Inglaterra, os católicos usam ter mais filhos que os protestantes ou os ateus.

Portanto, e a menos que haja cataclismo, queiram os governos ou não, o número de pessoas na terra no ano de 83 há-de ser maior que as que havia em 82. Basta esse crescimento automático para, se os católicos se não fizerem ateus ou protestantes (como na nossa região já está a acontecer), o número de católicos aumentará.

(Continua no próximo número)

*Segunda I*

## Rito braco

## Influência

O Sr. Dr. Francisco de Almeida escreveu a *Carta ao Director*, que a seguir publicamos.

Com muita alegria, imenso júbilo: não pelas palavras amabilíssimas que me dirige, mas por acompanhar esta secção.

Às vezes, pergunto-me se valerá a pena. Bastaria que um só como o Dr. Francisco de Almeida lesse o que venho escrevendo sobre a nossa liturgia milenária, para me sentir recompensado de tudo.

Bem haja!

Há, de facto, influência oriental na Liturgia de Braga, sobretudo copta. Mas isso fica para depois.

Eis a carta.

me parecerem de interesse, para muitos leitores de *O Oá-vado*.

São eles:

— 1.<sup>o</sup>) que o livro é escrito por um Autor, professor na Universidade inglesa de Oxford que me parece ser russo e pena é não o escrevesse um português; — 2.<sup>o</sup>) que traz, uma bibliografia (para leigos, lista de obras) que é enorme, por exemplo: sobre as relações primitivas entre judeus e cristãos, biografias de muitos orientais: São Justino, S. Policarpo, Santo Atanásio, Paulo de Samosata, etc. e todos, ou quase publicados desde 1920 pa-

ra cá; — 3.<sup>o</sup>) que esses estudos e livros se publicaram — não em Lisboa, nem Porto ou isso, mas sim em Paris, Estrasburgo, alguns em Lovaina, mas mais em Berlim e outras da Alemanha e sobretudo em Cambridge, Oxford, Londres e mais ainda em Nova Iorque, Boston, Yale, Harwood, todas estas da América; — 4.<sup>o</sup>) que ingleses, franceses, americanos e alemães publicam seus trabalhos sobretudo em Inglês: até os Arménios publicam seus estudos, como os georgianos e os russos e os sérvios e os búlgaros e os de

(Conclui na pág. 6)

## Liturgia de Braga

*cv 22/3/84*  
*cv 22/3/84*







# Notícias e Comentários

(Vem da 1.ª página)

## QUARTA

Um livro que é fácil de ter é este: Ilustríssimos Senhores — do falecido Papa João Paulo. Como cultura e visão de alguns problemas — por exemplo — Educação, modas das mulheres, revoluções, paixão pela moça X, hipocrisia ou impostores, esposas que só dão chuva, opinião de Santa Teresa, sobre

mulheres, feministas, é de uma serenidade, graça e, bom meio termo como há poucos.

## QUINTA

Dizem-me que nos locais públicos, quando dão o Papa a falar na T. V., os há que se levantam logo protestando: — Malandro! Só luta pelos Fascistas do Solidariedade!

Quem serão estes sujeitos que assim refutam as palavras do Papa que veio de entre os Polacos — que agora estão sob Ditadura de botas? Claro que a Rússia não meteu para isso prego nem estopa, está visto.

## SEXTA

Curioso que a Populorum Progressio fale em haver (no futuro) 1 só governo mundial. Não me custa a crer que a URSS se candidate a ser esse governo.

Ai de nós quando haja um só governo! Podemos ser mais escravos do que o eram alguns no tempo de Cristo. É mais fácil hoje governar a Terra inteira que Portugal no tempo

de D. Afonso Henriques (já não se anda a cavalo). Então é melhor o Mundo dividido em 2 blocos? Só Deus o sabe.

Francisco de Almeida

mo a fustigada em 45 por Rolão o reto está com medo de perder os negócios. Se calhar até trai para tentar não os perder (como fez para haver o 25 de Abril). Dai Comunistas também fala o tal Autor a pgs 186 e outras:

«Têm razão quando...». E não pensam que os de cá se vão assustar ou temer aquilo da Polónia. Senão... vemos nas próximas eleições — que dizem breves (serão «bocas»). Não é preciso ser coerente, verdadeiro, sempre: precisa é de aceitar, não discutir (pg. 194). Com isso, até um padre rural se pode ufanar de ter «poder»: presidente de tudo (pg. 200).

Não o aconselho, que não é fácil a todos lê-lo e o A. o que queria era vergastar no regime de Salazar.

revolução na Itália de 1922 (Mussoline, fascista foi paga com cheques da empresa de automóveis Fiat (pg. 148). Que a burguesia é suceptível (vidri- nho), invejosa, egoísta (pg. 169). Que a luta entre Esquerda e Direita não passa de um Mito (porque elas, por trás, se dão, as mãos) — pg. 171. Que a burguesia até vai à missa aos Domingos mas em Bulck (já não é tanto) — pg. 172.

Pobres Catedráticos — que mal os trata! (pg. 182). Pobre liberdade religiosa: «quando triunfa a esquerda, aí do que vai à missa: quando a direita, pobre de quem não vai» (pg. 185).

## TERCEIRA

Fala-se agora em que o Governo pode cair. Que conclusos para rever a Constituição — os 2 terços!

Parece que ao Supremo só subirão — por escolha — 3 quintos de juristas não juizes e as sobras é que são para os Desembargadores. Todavia, os Magistrados são independentes — não tem que agradecer a escolha! É traição. De quem? Da Burguesia cá do Burgo, que anda, muito dividida. E agora, também assustada. Porquê? Porque co-

## PRIMEIRA

Folgo por da parte da Biblioteca Municipal do nosso Burgo se ter anunciado que vai haver Exposição de Livros e Revistas e Jornais referências a Barcelos e, suas 100 freguesias. Já era tempo

Os das Aldeias que arranjam uns minutos para às Quintas-Feiras passar por lá: é junto à Câmara.

## SEGUNDA

Por falar em burgo: lembro-lhes um livro que saiu em 45 e se chama A Traição Burguesa.

O Autor tinha as ideias mal arrumadas mas disse umas coisas muito verdadeiras, tanto de Hitler como de Mussolini e outros. Suponho que o escritor era monárquico e daí referir uma «Fátima católica» (podia ser socialista?) (pg. 113). Que não somos povo de massas (isso era dantes, digo eu) (pg. 114); que nem Kant nem Santa Teresa poderiam ser feitos de barro por tuguês (da nossa raça) (pg. 126). Que a burguesia russa foi quem queimou o chefe Karinsky (1917 — pg. 143), o qual era social democrata. Que a







No n.º 1 tratei das receitas do abade de Galegos, que ele apontou no caderno que já descrevi, desde 1/9/70 a 31/8/1871. Valeram, sem

(Vem da 1.ª Pág.)

M.ço

«2720... p.ª as calças... saveis, lampreias e pescada ate 16 incl. p.ª os P.ªs — 10835».

Abril

«1180 Dei p.ª ultimar os usos do criado Ramalho...» — «3000 Duas roscas p.ª o Porto...» — «feira de S. Marcos em Braga... 6600». — «P.ª a piq. deste mes e passado 10.500».

Mai

«9700 Que dei aos pedreiros da obra da Costa...».

Junho

«700 A 22 em B.ª p.ª as calças do rapaz, porca ... fogueteiro...» — «Ate 27... e na Franqueira 240».

Julho

«Enxofre e ao Barqueiro q. lhe devia 6900».

«350 P.ª acabar de pagar ao sapateiro» — «1040 P.ª cal p.ª branquiar a lgr.ª e fazer o tilhado da Costa... e p.ª tintas e verniz» — «3570 P.ª os caiadores...» — «2840 P.ª o Fraque...» — «240 Feito do Fraque da calça e colete ate 21». — «1400 P.ª ella mandar p.ª Braga».

FRANCISCO DE ALMEIDA

«1500 No Porto gastei galheteiras» — «15.750 Paguei de juros a M.ª el G.ª» — «Ao ingineiro do linho Joaq. da Mota... 1140» «1500 P.ª a chave de prata do Sacario» — «9600 p.ª ella levar q.do foi p.ª a Povoaa» — «2 varas de erva p.ª o prado 340».

Somam as despesas do ano: Ordinárias — 188.575 e as extraordinárias, 289.855, o que o total de 478.430. Ora, nesse ano, a receita total foi só de 426.220. Conclusão: se o abade, Macedo (ver m/ Galegos), contabilizou tudo, teve nesse ano o prejuizo de uns 50 mil reis (4 pipas de vinho).

Como assim se tanto disseram, monárquicos e republicanos, que os párocos viviam, ricos? O abade de Galegos parece que apontava tudo com extrema minúcia — desesperrante! Ora se o de Galegos era o que se vê, pobres dos das vizinhas! Pior ainda para os rurais de 1870.

Mas por agora pode ser prematuro extrair mais conclusões. É preciso investigar mais, procurar mais diários — de párocos ou outros — de barcelenses de antanho.

433

Im Pároco há 100 anos

Dez.bro

«4000 P.ª a Corografia de Carv.ª» (livro).

«1000 P.ª 6 colheres piq. e 6 grandes».

— «2.200 Quando ella foi p.ª Braga». Soma:

«17.720 e 60.165». — «550 p.ª os socos do N. Sebastião» (criado?). — «... despesas até 23 inclus.ª entrando os doces e uns moletes (pão-trigo) e miudezas p.ª a consoada e carne — 3.460».

1871 — Jan.ª

O.bro

«5000 P.ª a piq. camisola... miudezas até 12 — 5220». «P.ª o sarra-bulho no dia da Romaria do S.to Amaro — 36 ar.ª (arráteis) de baca com as 2 lingas... também fgado e verde e molete... 32 ar.ª de arros, assucar e vinho maduro e doces... 8.890. — «500 de papel — 40 cader-nos ate 25».

Febr

«1700 Até 18 p.ª ella levar p.ª Braga e p.ª o barco de carro e asucar 1980».

(Segue na 3.ª pág.)

os juros, 27 pipas de vinho. Agora as despesas. Como da outra vez, só transcrevo as verbas mais suggestivas, à esquerda as Extraordinárias e à direita, as ordinárias.

S.bro

«1520 Ao Esteves do caixão habito um p.ª o entro da Joaq.ª q. ainda lhe devia». — «Remontes ao sapateiro — 800». — 240 LIVRINHO do ABB.ª do LOURO (eu é que pus as maiúsculas).

O.bro

«24000. Juros de 2 a.ª (anos) ao R... que se...». — 8000 P.ª ella levar p.ª Apulia a 6 e mi.ª despesas ate esse dia». — «250 P.ª bolotas». — «1500. Do bagoço de 5 pipas ao Maciel de S. João e de bolotas em B.ª». — «140 a Joaquim Guiteria» (era de S. Matrinho).

N.bro

«3540 Jornais até este dia de carpinteiros e m.ª Jornalheiros». — «6000 Aluguer da casa na Apulia». — «2700. Guarda-Sol, e Chapeo fino». — «1250 Garfos e Facas e contas». — «P.ª apig. e mestre — 4500».







# SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA BARCELENSE

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

m 450

Continuo os apontamentos para determinar as origens, sequelas e ligações da capela e confraria do S. João em Galegos — que hão-de ser não muito diversas das das outras freguesias. Só que de nenhuma sabemos nada. Aí vai.

## N.º 10 — C — A RESUMIDA HISTÓRIA CONTADA NO LIVRO DOS ESTATUTOS DE 1781

«Por mediação de seus Santos nos faz (seus) participantes... tributando-lhes os mais pios e ternos cultos, OBJECTO este por que movidos Os Moradores da freguesia de Galegos... procuraram... Com Auxílio de Outros Fiéis Devotos Erigir... uma Capelinha... se resolveram a fazer alguns Estatutos por onde e com maior facilidade se regulasse a administração... consultadamente fizeram na forma que adiante se declara».

Notas: quem assim falou pôs por escrito o que decerto constava da tradição acerca dos inícios tanto da capela como da confraria; a capela fê-la o povo, não o devoto A ou B; os de Galegos valeram-se de esmolas pedidas por outras freguesias; logo, só entendo esse sacrifício por promessa ao Santo que a freguesia toda fizesse. Que calamidade fosse não sabemos. Os Estatutos ainda remetem, apesar de escritos, para os Usos, o costume, como a lei do Tempo, as Ordenações, também remetia.

Ou não houve voto e só, como diz o Autor do texto acima, «com ânimo... de fazer serviço a Deus... venerar tão grande Santo»? Não me parece. Porque não outro santo?

## N.º 10 — D) — ANÁLISE DOS ESTATUTOS CAP. 1.º — «DOS OFICIAIS E SUA ELEIÇÃO»

Só serviam por 1 ano (os do SS.º, 3 anos) e parece que o modelo dos de S. João foram os do Santíssimo — que era 1000 vezes mais rica. A eleição fazia-se a 23 ou 24 de Junho. Para elegíveis: só «pessoas idóneas» — o que é vago.

## CAP. 2.º — «DA ENTREGA AO TESOUREIRO NOVO»

Tinha de se fazer em 60 dias, até 24 de Agosto. A entrega era dar contas do seu ano e entregar os bens da confraria (bens poucos). Se não desse podia ir a Tribunal.

## CAP. 3.º — «DA FORMA DA FESTA DO SANTO»

Era — missa cantada e sermão e O Mais (o quê?) Do Costume. Metia «tambores e outras coisas semelhantes». Havia divertimentos, mas o que «não tende nem se dirige a culto... do Santo como divertimento que entre si queiram fazer», isso é à custa dos Mesários. E «tambores... não há obrigação que os haja». Eram os Zés-pereiras? E foguetes, havia?

(Continua na pág. 4)

«Será homem rico» — se não podia fugir com os dinheiros, faz a pedida no S. Miguel, leilão o pão (milho) obtido no Domingo logo a seguir, mas no Adro da Igreja ou é multado em 1 libra de cera, leva o Guião da confraria nas funções que é Costume ir... Como nos Clamores (Santo Amaro tinha-os) e defuntos da freguesia. Manda celebrar «todos os anos as Onze Missas rezadas de que se está em Costume... cobrando certidão para a Provedoria» (juiz de Viana).

CAP. 6.º — ESCRIVÃO — Seus escritos Valem Escritura, faz os Rois e as actas, contas em livro próprio (não o vi).

CAP. 7.º — PROCURADOR — «Será ágil» (vivo), actua antes os Tribunais.

# Subsídios para a História Barcelense

(Continuação da página 1)

## CAP. 4.º — «PREDICADOS E OBRIGAÇÕES...»

Juiz: zeloso nas rendas, Multar os rebeldes — ou Multa-o o juiz seguinte, preside às reuniões ou Multam-no os companheiros (da Mesa) em Uma Libra de Cera.

## CAP. 5.º — TESOUREIRO

v. al. 78/9/82







# Para a História Barcelense

Rep Sex  
Corre aí um livro da Europa-América chamado História da Repressão Sexual. É um livro caótico, do marxista encoberto, Van Ussel, cuja data de saída cá é significativa — Agosto de 1975. Mas interessa por algumas razões: a) traz uma boa bibliografia; b) aborda usos, costumes e coisas que entre nós estão por investigar.

## ALGUNS TEMAS

A mentalidade dos não-nobres face à dos aristocratas (p. 37), progresso da intimidade (44), quarto de dormir e as camas e quem nelas dormia (56), vestidos para uso nocturno (59), dormir nu (61), vocabulário ligado ao sexo (72), da casa de família à casa do chefe de família (83), higiene sexual (116), a vida sexual entre a gente do campo (128), como se processou a história sexual na Alemanha (é a protestante - 185).

Advirto que este autor não tem qualquer espécie de princípios morais. O livro destina-se a combater em favor da chamada revolução através do sexo, seja, da imoralidade.

## ALGUMAS QUESTÕES PARA NÓS

Não possuo para Galegos quaisquer documentos por onde possa apurar de que tipo eram as casas das nossas aldeias, salvo através do Tombo que me diz, de algumas casas — e eram de ricos — que em parte eram telhadas e em parte colmadas (cobertas a colmo). Divisões

são estas: cozinha, adega e cortes de gado. e do resto? — Não sei. Significa que viviam muito provisoriamente. Se dos ricos era assim, como era então dos pobres? Talvez a análise dos testamentos (mas só dos ricos os faziam) nos elucide.

## DA BIBLIOGRAFIA

Vejam então alguns livros que nos podem ajudar.

Os libertinos no séc. XVII (Paris, 1964), A criança e a família no tempo da monarquia (antes de 1789), Prevenção de nascimentos — Origens (e parece que foi disto que se falou há dias no Rotary de Barcelos e pelo orador, já sei o que lá se disse), História literária do sentimento religioso em França, a história da roupa interior, O nascimento,

casamento e morte, Estranhos costumes do namoro e casamento, A psicologia do vestuário, A mulher mistificada, Sexo na política, A mulher de 1700, Etiologia da repressão contra os bons costumes, O síndrome romântico, A história do celibato cristão, Os leitos, A imagem e aparência do corpo humano, Propaganda anti-sexual, O limpo e o decente (casas de banho e W. C.).

Possivelmente há autores portugueses com investigações semelhantes às que antecederam — que são de franceses, ingleses e alemães (traduzi os títulos). Já não seria mau que se fosse descrevendo o que se sabe quanto aos temas da bibliografia, para a região barcelense. Os museus são mortos.

Francisco de Almeida







# PARA A HISTÓRIA DAS FREGUESIAS (I)

Extractos das Memórias Paroquiais de 1758

350

Em Setembro de 1981 fui à Torre do Tombo e pus-me a folhear os volumes onde foram encadernadas as respostas dos nossos párocos ao inquérito do

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Rei. Ora há dias, vi num dos nossos jornais a notícia de termos uma nova Monografia que é a de Vila Seca. Folgo muito com isso e quando a conseguir,

## DE CARAPEÇOS

Está no 9.º volume, pág. 815 e é constituída por 2,5 páginas. O abade era (1758) de colação ordinária, tinha 500 mil réis de renda. A igreja era de 5 altares (1 confraria — a do Rosário, como Galegos). Capela de Santo André, Quinta da Madalena, S. Sebastião, capela de S. Miguel, St.ª Catarina, imagem de São Caetano. Clamores pela Assunção — com feira franca. 120 fogos, 380 pessoas de sacramentos, 14 moínhos e 1 azenha. A maioria dos moradores era pobre porque todas as terras eram de herdeiros de pensões e de prazos. A Madalena foi de Egas Moniz de Melo. Na «morte da Dona Inês de Castro» lhe lançaram por terra casas e uma torre». E salgaram a terra! Refere o Arcebispo D. Gonçalo e a sua

(Continua na pág. 4)

## PARA A HISTÓRIA DAS FREGUESIAS

(Continuação)

capela (da Glória) em Braga. Em 1758 a Madalena estava na posse de Francisco de Sousa da Silva. Morador da casa da Silva. Pagava 400.000 reis. Assinaram: o abade — Bernardo de Barros e Azevedo (?) e o Reverendo António Correia da Silva.

## CARVALHAL

Tem 4 pgs. 84 vizinhos, 310 pessoas. Refere o São Paio a 16 de Junho. Altar da Senhora da Conceição, o Santíssimo num colateral, S. Sebastião, S. Francisco, Santo António, das Almas (Confraria). O vigário era Ad Nutum, renda de «carenta mil reis» (de certas e incertas). Administrador, o Cavaleiro José de Almeida Castelo Branco Bessa. Senhora dos Passos a 25 de Março — procissão. Linho gale-

## HISTÓRIA DAS FREGUESIAS

(pág. 1)

go, ribeiro onde lavam. Assinam: cura de Alvelos — António de Faria Pais, o vigário — João Álvares... e o abade de Gilmonde — Pedro Diogo do Vale.

Nota — será deste abade de Gilmonde que em Galegos se fala que matou a tiro o ladrão que de noite lhe ia entrando em casa? O abade, no dia seguinte fez o enterro de um corpo sem cabeça porque os comparsas lhe cortaram o pescoço e levaram a cabeça (para o morto não ser reconhecido).

Francisco de Almeida

4/6/83

Por FRANCISCO ALMEIDA

Ainda sobre Anlas e Cabeçudos  
A de Vila Seca - Barcelos



# Câmara Municipal de Barcelos

## EDITAL

João Manuel da Rocha Guimarães Casanova, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos:

TORNA PÚBLICO, que esta Câmara Municipal, em sua reunião realizada em 9 de Maio de 1983, deliberou que o n.º 1 do Edital deste Município datado de 26 de Junho de 1982, que regula o trânsito em Barcelinhos, passe a ter a seguinte redacção:

1. Que as vias de acesso à ponte, em Barcelinhos, passam a ter, do ponto de vista do trânsito autovehicular, a seguinte caracterização:

a) — Rua Castiço José Gomes Vilas Boas  
Trânsito de ligeiros e pesados apenas no sentido descendente (Sul/Norte).

b) — Rua Miguel Angelo  
Trânsito de ligeiros e pesados apenas no sentido ascendente apenas ligeiros no sentido descende

c) — Travessa da Carniça  
Trânsito de ligeiros apenas no sentido descendente com excepção do viário à direita para a

Para constar se lavrou o presente Edital em sessão pública e foi lida e aprovada nos lugares que vêm ser anexados nos lugares  
Barcelos, 10 de Maio de 1983

O Presidente  
João Manuel

### Loteamento

Vendem-se lotes de terreno  
Hortas locais, áreas arborizadas

70 contos o metro).  
Novo e devoluto.  
Informa telef. 67 167 ou 67 177, ou  
próprio, no 2.º andar do prédio.

### ANÁLISES CLÍNICAS

ONCELOS CARVALHO  
V. TEIXEIRA

das 8 horas às 17,30 horas  
e às 12,30 horas  
do Cinema) 4740 ESPOSENDE

### cro, actuando a tempo

#### ALERTA

ou ulceração de verruga ou sinal;  
ou urticárias;  
gestão permanentes;  
mal pelos arfícios naturais;  
a mama ou outra parte do corpo.

#### PREVENÇÃO

Rio de Moimões.  
Aos interessados pais, apre-  
sentamos os nossos sentidos põ-  
sanies.

### LABORATÓRIO DE A

DR.ª FIRMINA M. VASCO  
DR.ª M. JULIETA

De segunda-feira a sexta-feira  
Sábado das 8 hora

R. do Conde Castro, 38 (ao lado

### Podemos vencer o Can

#### SINAIS DE

1. Modificação de cor, dimensões
2. Alteração dos hábitos intestinais
3. Rouquidão ou tosse persistentes



# Ainda sobre Antas e Cabeçudos

Antas e Cabeçudos

Por FRANCISCO ALMEIDA

Acerca do Apontamento que aqui saiu sobre as monografias dessas terras, todos os leitores viram a resposta que o Autor da de Cabeçudos deu e o das Antas não deu. Agradeço os esc. e imen. e, certamente, também aos leitores. E folgo muito ao ser-me respondido que se a Câmara não editasse, editava a Junta. Como dizia o outro: «carago», assim é que é.

Ao que sei, outras semelhantes

tes à das Antas foram escritas por exemplo em Barcelos e quero dizer que um licenciado em História e logou o método e recolha de dados do das Antas. 11-fam. 1/7/83

## DOS LUGARES EM ANTAS

Chegou-me hoje, oferecida pelo Autor, o ilustrado pároco Areias da Costa, a monografia da vossa vizinha ocidental, bar-

(Continua na 7.ª página)

## MINHA SOBRE ANTAS E CABEÇUDOS

(Continuação da 1.ª página)

celense, Santiago de Vila Seca, citada neste ano de Jubileu, de 1983 — enorme (300 páginas) ilustrada com fotos de documentos de há 400 e mais anos. Aqui fica a notícia e o louvor ao Autor e o estímulo para que outros varões assinados se usinalem — não vá a luz perder-se por lapada, como a galinha choca, debaixo de um cântaro. Na das Antas (pág. 3) anotam-se 48 lugares. Na minha Galgos (1976 e não 70 como vem na Vila Seca) distingui lugares de sítios (porque estes são locais não habitados). Su-

ra: isso foi e é no Alentejo, por falta de gente — o que aqui nunca faltou (Vila Seca, pág. 22). A mim incomodam-me os muros divisórios dos nossos campos que estão a prejudicar o progresso. Nem há já gados a pastar que os muros defendam dos vizinhos. Donde que eu chame: Abaixo os muros.

Quantos mais anos vai haver nas Antas (pág. 12) 24 explorações agrícolas a cultivar 40% da terra, contra 36 explorações familiares? Digo isto porque lá na minha terra, os lavradores se queixam de os filhos não quererem trabalhar (ter preguiça) já que fogem para o que

ponho que os tais 48, das Antas, são habitados.

O Autor discute o nome Antas na pág. 16. Ora esse vocábulo significa muito e é pouco de discórdia entre os arqueólogos. Seja como for não é de graça que àqueja terra, ao lado de Vila Nova, chamaram Antas, como não é de cor que em Vila Seca há um Cam-po de Castro (Vila Seca, pág. 27), que pode ser apenas do Castro — e então não traduz a antiguidade que Areias da Costa supõe. Faço de Vila Seca por-que foi da vossa Vermoim.

Na de Antas: Almas tem de ser lugar recente. Mas porquê Alto da Maia, se a Maia (Porto) fica tão longe? Porquê Berberia? Boça e Capões? Alguns explicam-se por si, como o: Cruzeiro, Granja, Pinheiral e Portela. Curioso o nome do rio que Benjamim Salgado também refere: Pelhe. Talvez se seja impossível saber que povo usou tal palavra. Valia a pena apro-fundar a origem deste nome (mas não pense, como se fez em tempos, que o Latim é ori-gem de tudo).

Porquê Real nas Antas? A estrada romana que ia dar às Carreiras e de que tanto Cabeçudos como Antas têm milá-rios (marcos)? Souto é lugar que existiu quase em todas as freguesias: as castanhas foram-se; o nome, esse, ficou.

Outro tema bem importante

podem — indústria ou emigração. Disseram-no há dias os nossos bispos: Portugal já muito natu-rado daqui, (bom) que era. De facto não descortino aonde é que, por este andar, iremos pa-rar.

11-fam. 1.7.83

## A CASA DE BRAGANÇA E AS NOSSAS TERRAS

Tanto a de Antas como a de Vila Seca trazem à baila a Casa de Bragança, que hoje é menos que uma sombra da-qui, o que foi — como pode ver-se na monografia de Vila Viçosa (onde ela tinha o palácio) e que foi escrita vai para 300 anos e — pasmem! — em Angola, agora reeditava pela Imprensa Nacional (a que rendo homenagem pelas reedições, mas não pelas edições dos novos autores que ela escolhe). Pena que na Vila Seca, enlaçada com a Co-legiada de Barcelos (que Padre Benjamim não prezava), apa-reça algo de confusão (pág. 36).

## DOS DOCUMENTOS

No men 1.º Apontamento, e para a de Cabeçudos, sugeri a vantagem de publicar outros textos sobre a freguesia e res-pondeu-se-me sobre isso. Ora bem: presto as minhas homenagens, nesse ponto à de Vila Seca pelos dec. de pág. 26 (ano de 1569), anos 1200 (pág. 38), etc.

Cabeçudos: citada por Almeida, 1.7.83

79

encor-sença-lhos, Seg-chego-cessão-papel-ram e-que nas

## DOS ORAGOS

Suponho que numa monogra-fia paroquial interessa ao povo a biografia do seu Santo (em Vila Seca, Sant'Iago). Louvo por isso a biografia da pág. 15.

na de Antas (pág. 11) é o da Divisão da Terra. Qualquer li-ceal sabe que nós, desde 1834, vivemos em minifúndio. Mas a verdade é que me parece que neste nosso Minho nunca nin-guém foi tão latinfundiário que possuísse 1000 hectares de ter-



12.5



25



# Para o S em Bai

*o mais do costume. Logo: era já tradicional e costumeiro (usos) fazer festa; os Estatutos escritos incorporaram neles coisas sabidas de todos e de cor: os modos de fazer a festa e actos da festa.*

## N.º 10-A) — ESTATUTOS

Do S. João em Galegos temos o livro dos Estatutos e o livro das Eleições, ambos referentes à confraria. Aqueles constam de 10 folhas manuscritas — boa letra — com 11 capítulos, assinados por 12 sujeitos do ano 1781 — não fundadores — como hei-de mostrar.

Nomes deles: Barbosa, Santos, Maciel, Silva, Coelho, Gonçalves, Pinto, Domingos da Silva, Lourenço, João Maciel, Abreu, Gomes, em que os Joões são apenas 2 (16%). E nestes Estatutos que vem o alvará da aprovação dos Estatutos (regras) que lhes aprovou o Desembargador — Provedor de Viana, de apelido Melo (ver meu apontamento sobre isto no jornal o Vianense de 30/6/82). E foram ao de Viana por causa de uma lei do ministro-sacristão, Marquês de Pombal, que exigiu a feitura de estatutos escritos, e aprovados pelo Rei, para todas as confrarias.

*Conclusão:* não pode haver portanto confraria barcelense, a funcionar ainda em 1790, que não tivesse estatutos escritos. Vaila a pena coigir os nomes dos que ainda existem.

*J. Ave. 23/6/83*  
Que a confraria em Galegos é anterior ao ano de 1781 prova-o o capítulo 3.º que reza: No dia do Santo, que é a 24 de Junho, ... farão festa de missa cantada, sermão e

E nem só o cap. 3.º remete para os usos: também remetem para o costume ou «estilo» o cap. 5.º (Clamores), o 9.º (Peditório pela Freguesia) e o 10.º (Administração da Confraria).

## N.º 10-B)

Os ditos 12 sujeitos confirmam que a Confraria já vem de muito antes que o ano 1781 pois escreveram (fls. 10): «*Dizem o Juiz e mais oficiais da devoção de S. João Baptista... que em razão de não terem*

*(Segue na 4.ª pág.)*

Estatutos alguns... recopilaram e coigiram os que constam dos capítulos seguintes: porém, como precisam da aprovação deste Juízo da Provedoria, Pedem...».

E o Delegado (promotor): «neles não acho causa ofensiva contra a jurisdição real» — era isto que o Marquês queria impedir! Mas continua: «ficando os oficiais... obrigados a dar contas neste Juízo como sempre as deram».

Concluo daqui: mesmo quando a confraria, girava só pelos usos (anos de 1780 e anteriores), já os de Galegos apresentavam em Viana as contas de cada ano. Onde param esses documentos, de contas, de

tantas das nossas confrarias que, todas, iam dar contas a Viana? Um problema: se sempre as deram, desde que ano as deram? O Alvará de aprovação é datado de Barcelos, de 9/8/1781 (desembargador a passar férias na nossa terra).

## N.º 10-C)

*História da confraria como vem nos Estatutos de 1781. E assim, simplificada em alíneas:*

— a) «Por mediação de Seus Santos... é que o Senhor concilia...»; — b) «tributando-lhes os mais pios e ternos cultos, objecto este por que movidos os moradores da freguesia de Galegos»; — c) «procuraram com religioso zelo e católica devoção — com auxílio de outros fiéis devotos — erigir... uma capelinha»; — d) se têm ocupado em adquirir alguns ténues rendimentos; — e) «por meio de alguns peditórios com que possam...»; — f) «a sua devoção... vai continuando em aumento... se resolveram a fazer alguns Estatutos»; — g) «consultadamente fizeram na forma que adiante se declara»; — h) «tudo com ânimo de fazer serviço a Deus... e venerar tão grande Santo».

*Conclusões:* — Logo, foi o povo todo (os moradores) quem se agremiou em confraria de S. João e pagou a capela primitiva; — parece que recorreram aos de fora pedindo através das vizinhas; — em 1781, a confraria tinha um casco (capital) que andava a juros — que também

lhe vinha de antigo legado pio (ou do povo todo onde algum sujeito) e por documento de 1909, temos notícia de que este legado era imemorial e obrigava a honrar S. João com 1 missa cada mês, sendo

## Barcelos

uma em 24 de Junho e neste dia, cantada e com sermão, tudo por conta da confraria (e rendas do legado).

Mas para hoje, o que antecede já nos coloca problemas demais.

FRANCISCO DE ALMEIDA



- 400.\* — Acetilde da Silva Mendes  
401.\* — Maria da Sarchade Oliveira Ferreira  
402.\* — Carlos Alberto da Silva Pereira  
403.\* — Manoel Joaquim Lana da Oliveira  
404.\* — Carlos Alberto da Silva Pimental  
405.\* — Florinda da Silva Rodrigues  
406.\* — José Augusto Martins da Cruz  
407.\* — Ilídio Ferreira  
408.\* — Rosa da Costa Santos  
409.\* — Maria Helena Marques de Sá e Silva  
410.\* — José Carlos F. Pereira  
411.\* — Ana Pereira Duarte  
412.\* — Maria da Conceição Ferreira dos Santos  
413.\* — Silvío Sérgio Egreja Lopes

- João Rodrigues Barbosa  
Emília Aminda Pires Guimarães  
Antônio Graça Martins da Silva  
Maria Rosa S. Graciosa Pereira  
Manoel Lopes de Oliveira  
Carlos Alberto da Silva  
José Julio Dias Loução  
Jorge Manuel Dias Vilas Boas  
Rui António Pereira Pacheco  
António Novais Gomes Carreira  
José Lopes da Silva  
Maria das Dores da Silva Guimarães  
Fernando Nunes Barbosa  
Maria Almirinda Martins Marques C. Rego

#### CONCORRENTES DESISTENTES

- Carlos Alberto da Silva Pereira  
372.\* — Margarida Ferreira da Silva  
373.\* — Maria Madalena Gonçalves Saraiva  
374.\* — Maria Alvera de Oliveira  
375.\* — Joaquim Ferreira Fitas  
376.\* — Julia Gomes da Costa  
377.\* — Jaime Duarte da Silva  
378.\* — Ernesto Barbosa Pereira  
379.\* — Desidério das Dores Carvalho  
380.\* — José Carlos Martins de Sousa  
381.\* — Ilídio Ferreira Silvestre  
382.\* — Domingos Gomes de Miranda  
383.\* — Lothário Teixeira  
384.\* — Manuel Eduardo Martins Queiroz  
385.\* — José António Rodrigues Torres  
386.\* — João Cândido Fernandes  
387.\* — Manuel António Gomes de Faria  
388.\* — José Augusto de Sousa Sendim  
389.\* — José Ernesto Ferreira de Araújo  
390.\* — Maria da Anunciação Fernandes Torres Ribeiro  
391.\* — Fernando Manuel Lavado Pereira  
392.\* — Manuel Guimarães da Jura  
393.\* — João Fernandes de Freitas  
394.\* — José Mirandinha Torres  
395.\* — José Pereira Duarte  
396.\* — Carlos Alberto Loureiro da Silva  
397.\* — Eduardo Gomes de Sá  
398.\* — Mário Faria Ferreira  
399.\* — Maria Francisca Fernandes Loureiro

dos uni-familiares;  
8. — O projecto de loteamento e demais elementos podem ser consultados nos Serviços Técnicos de Obras da Câmara Municipal no horário de expediente;  
9. — No ato da celebração da escritura terá de ser apresentado o documento comprovativo do pagamento da respectiva sise.

Barcelos e Paços do Concelho, 6 de Junho de 1983.

O Presidente da Câmara Municipal,

João Manuel da Rocha Guimarães  
Casanova

#### CONCORRENTES ELIMINADOS POR TIPOLOGIA INADEQUADA

Cândido de Jesus P. Silva  
Cândida Martins Afonso  
Sérgio Augusto M. Miranda Veiga  
Lucinda da Silva Cardenas

#### CONCORRENTES ELIMINADOS POR EXCESSO DE RENDIMENTO

Pedro Vieira Ramos Sanches  
Belmiro Lúdyas Rebelo Gomes Alves Pereira  
Maria de Fátima Fernandes de Azevedo  
António Ferreira Louças  
Carlos Alberto de Carvalho Fernandes  
Teresa Lopes Martins  
Alcindo Nunes Alves  
Cândida Gomes da Silva  
Manuel Pereira de Azevedo  
João David Ferreira Vilas Boas  
Agostinho Castro Magalhães  
Adriano do Passo Leiros da Costa  
José Joaquim da Costa Ferreira  
Manuel Pereira Porela  
António Luís Mota Matos  
Manuel Fernandes Barbosa Gomes  
Manoel da Silva Ferreira  
José Maria Miranda Ferreira

## Câmara Municipal

### EDITAL

LOTEAMENTO URBANO

CONCESSÃO DE ALVARÁ

JOÃO MANUEL DA ROCHA GUIMARÃES CASANOVA, Presidente da Câmara Municipal supra:

Faz saber em cumprimento do disposto no n.º 3 do artigo 19.º da Decreto-Lei n.º 289/73 de 6 de Junho de 1973, que de harmonia com

## Barcelos

nos Paços do Concelho, e publicado num jornal deste concelho.

E eu Luís António Teixeira da Silva, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscreevi.

Paços do Concelho, 7 de Junho de 1983.

O PRESIDENTE DA CAMARA

João Manuel da Rocha Guimarães  
Casanova



# Em torno do Jornal de Felgueiras

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Não me vão os leitores pensar que é disparate vir para aqui com o «Jornal de Felgueiras». Não é e digo porquê.

Uma das prosas mais escoreitadas que refulgiam em o «Cardeal Saraiva» era o do Colaborador, Sr. Garibáldi. Às vezes um tanto com sabor a fel e vinagre, mas sempre pareceram saídas do coração de um homem de Boa Vontade.

Ora acontece — e não serei eu só a estranhá-lo — que desde há uns tempos Garibáldi não aparece no «Cardeal». E eu pergunto-me se estará debente. Se sim, peço a Deus que o restabeleça quanto antes.

Car. 57 - M C. Sar. 18/2/83

Há já muitos anos que eu ouvia falar no «Jornal de Felgueiras» como dirigido de modo a dar brado. Nunca o li, por longe dessa povoação. Os

leitores — muitos — conhecem decerto Felgueiras. Melhor vos diria dela Garibáldi, mas vou contar-vos algumas coisas.

A 1.<sup>a</sup> é que tinha os meus 20 anos quando pela 1.<sup>a</sup> vez lá fui, melhor, fui a uma aldeia de Felgueiras, por ter sido convidado para a Missa Nova de um sacerdote daquela terra. Era o Padre Lobo, que Garibáldi talvez até conheça. Depois disso, passei lá algumas vezes, (vila), até a caminho de Viseu, distrito em que algum tempo servi a população. A última foi para visitar um casal amigo na terra de Amarante onde me mostraram — que decadência a dos nossos monumentos! — o antigo convento de Amarante, me falaram do diabo e da diaba e me levaram até à imagem de S. Gonçalo de lá.

como o Francisco de Assis, 600 ou 700 anos mais novo.

No caminho para Braga parei por ter estranhado as medidas de um casarão que me pareceu demais numa terra rural. Responderam-me que era o Seminário, já não recordo de quê.

18/2/83 III C. Sar. 18/2/83  
Felgueiras andou nas bocas do Mundo, ainda, por causa do falado Padre Mário de Oliveira, que foi pároco ali perto de Felgueiras — o Alto da Lixa e deu, além do mais, a literatura de ocasião que foi o *Subversão ou Evangelho?* Hoje cuido que mais *subversão*. É que afinal o tal padre parece que já nem o é. Tal como aquele outro, de Lisboa, que dava por Padre Felicidade. Ora se as obras deles possuem as de fazer a Vontade a Deus, como todos temos obrigação que sejam, eles não se teriam perdido pelo caminho como parece se perdeu o afamado Padre Angelo, ali de Aver-o-Mar, de que me publicaram aponfamento meu no livro Sacerdo-

cas, mas so as que para isso dão, às que têm sumo que se esprega.

Queira Deus que assim seja com o amigo Garibáldi, que é bem capaz de ver onde está o direito e onde o torto. Portanto, isso de Boa Vontade tem de ficar para outra vez que desta feita já me desviei que farte do tema — Felgueiras.

Daqui as minhas saudações ao homem de Felgueiras. E tenho dito e nada pouco.

Castigados... — e sem me ouvirem. E com gralhas!

IV

Disse acima «de boa vontade», expressão que ouvi desde

pequeno, pelo Natal, decerto como muitos que me leem, e nunca percebi o que seja. Que é Boa Vontade, já que a atribuí ao nosso D. Garibáldi? «Paz aos homens de boa vontade». Logo: há-os de má vontade. Se esses forem os adúlteros, ladrões, comilões, assassinos, segue-se que os contrários são os virtuosos. E isto quer dizer, afirmam filósofos e ascetas: os que se habituaram a praticar o Bem.

Donde ficar explicado que eu quis qualificar Garibáldi, o de Felgueiras, que não conheço em pessoa — e pena tenho — como homem de bem. Honrado, recto, sério, embora talvez mais deprimido pelos desgostos do que seria desejável e talvez convencido que o homem o é só enquanto por cá anda. Mas o dono das almas é Deus e Ele com algumas — como ando a ver com a Terezinha de Jesus, da França, em *História de Uma Alma*, espica-

## Em torno do «Jo

(Continuação)

Dir-lhes-ei a propósito que vi depois, quase por acaso, na Torre do Tombo em Lisboa, a sisuda Monografia de Amarante (Memórias Paroquiais), do ano de 1758, a seguir ao grande terramoto.

II

Outra coisa que fui ver, de propósito, foi o antigo mosteiro beneditino, não sei de quê ali muito perto de Felgueiras, de que hoje pouco mais resta que a igreja do convento — como em Tibães e outras — transformada em paroquial, aliás com um adro tão arejado e cuidado como nem as vilas se podem gabar de ter. E fui vê-lo por causa de um livro que trouxe de um alfarrabista de Lisboa e nos falava desse venerando mosteiro dos da Ordem de S. Bento, italiano







# Um conceito sobre a História da Filosofia

1.4.83

140/1/183 A propósito de um artigo intitulado:  
«Da História da Filosofia» de F. Almeida

D. m. 137

## Um conceito a História da Filosofia

(Continuação da 1.ª página)

Tratar da filosofia desligando-a da sociedade e desprovenendo-a de movimento é parto de inúmeras interrogações absurdas. A vida é composta de mudança porque o movimento é a forma de existência da matéria. As sociedades sucedem-se com o desenvolvimento das forças produtivas. Com o desenvolvimento das mesmas, também o conhecimento se encontra em perpétuo movimento. A morte e a vida são dois aspectos contrários do movimento. As ideias novas sepultam as ideias velhas. A chamada sociedade contemporânea construiu-se sobre as ruínas da feudalidade. Também o Homem é produto e simultaneamente produtor deste estado de coisas. É lógico que o Homem do período primitivo, dominado pela natureza, tentasse justificar os fenómenos que via com explicações que não correspondem à realidade. A «Revelação de Deus» é con-

sequência disso. No entanto, a ciência já demonstrou por intermédio de Charles Darwin, quanto grosseira é a falsificação que as Escrituras dão à origem da vida. O «parto sem dor» de Pavlov negou a veracidade do castigo de Deus à mulher em consequência do «pecado original». Galileu provou o absurdo das teses teológicas sobre a rotação do Sol em torno da Terra. Poderíamos buscar a deslocação da matéria em Newton ou a sua transformação em Kante e Laplace; as contribuições de Lavoisier, Mitchurin e muitos outros, para provar que não é o conhecimento humano «não comparado com a Revelação» que «cai em erros e mais erros». É a ciência que enterra a metafísica e prova a veracidade da filosofia. A metafísica, como pseudo-filosofia, pode ser ilustrada por um pequeno extracto do «Discurso do Método» de Descartes.

(Continua na 4.ª página)

«A obscuridade das distinções e dos princípios de que se servem é a causa de poderem falar de todas as coisas como se soubessem e de sustentarem o que dizem contra os mais capazes e os mais subtis, sem que se tenha meios de os convencer. Por isso, tornam-se comparáveis a um cego que, para lutar sem desvantagens contra alguém que não é cego, levasse o adversário para o fundo de um subterrâneo muito escuro».

1.4.83

Para finalizar, o Universo não parará porque é infinito. Consequentemente, não há teorias definitivas porque isso seria retirar a capacidade de raciocinar e saber ao Homem e remetê-lo à animalidade. O Homem deixaria de ser Homem.

Carlos Gomes

7-1-11.







# Duas Novas Monografias DE CABEÇUDOS, DA

2. 55  
(v. 1.º)

Porque não vi no Notícias de Famalicão notícia destes dois trabalhos, (ou, pelo menos, nisso não reparei) pareceu-me ser útil aos senhores leitores falar dessas monografias.

A 1.ª (Cabeçudos) vem já em letra redonda, edição da vossa zelosa Câmara, a quem teço encomios por este serviço ao concelho, que sempre custa bom dinheiro. Só estranho que não fosse, como parece que devia ser, a Junta de Cabeçudos a editá-la.

Saiu, corre impressa e é o que à Cultura interessa. É do ano de 1982, a que tenho foi-me oferecida pelo Prof. das Antas, Almeida Alves, e tem 92 páginas, afora o índice.

N.º fam. 11.2.83

Não vou resumi-la. Sempre lhes direi que o Autor é muito ilustrado e seguro. Chama-se Costa e Sá. Daqui, ao Autor, os meus sinceros parabéns pelo trabalho.

Parabéns ainda a todos os de Famalicão, sobretudo aos de Cabeçudos, que por esta via hão-de ver o nome da terra ser levado bem longe, por exemplo, a Lisboa, donde esta escrevo.

Um voto: que surjam as histórias de cada uma das vossas restantes freguesias e que os de Cabeçudos publiquem os documentos que a Monografia refere e outros ainda, que os há.

É uma honra para os 1171 eleitores (censo de 81, obra citada, pág. 29) de Cabeçudos — 585 homens e 586 mulheres.

Todas as freguesias têm ali uma achega (pág. 9) nas generalidades sobre a origem das freguesias. Mas Cabeçudos vem mesmo de Monte, cabeco? Como se ligam os S'antiagos da nossa zona ao de Compostela? Certo, houve os votos ou vedos ao S'antiago.

Como é que o convento de

## Monografias Famalicenses

### AS ANTAS

Por FRANCISCO ALMEIDA

Várzea — ali perto já de Barcelos — foi adquirir terras em Cabeçudos, tão longe? (Pág. 12). Que relações se poderão aprender entre o Reguengo em Cabeçudos e o falado na Vila Nova. Entre

Dois Forais (do Padre Benjamim)? Também ando à cata de saber porque foi que há 1000 anos certos lugares da freguesia X eram

(Continua na 6.ª página)

## Duas Novas Monografias Famalicenses

(Continuação da 1.ª página)

meeiros, quer dizer: num ano,

Mas o vosso Protestante, de 1929 (pág. 78), de facto espírito católico não o tinha. Era fruto

v. 1.º

7. 56



22.2

(initials)

5  
6



recebiam o baptismo do pároco de X e no outro, do vizinho, como vi para Galegos (Barcelos), anos de 1600 — caso que andou em justiça (vossa Cabeçudos (pág. 17).

O Tombo de Antas, que Benjamim Salgado estudou — e o de Joane — poderão esclarecer alguma coisa sobre o de Cabeçudos, de 1549? (pág. 21).

Foi pena ter anoitecido naquele dia que andavam nos marcos (pág. 25). É a contagem, ficou como as Capelas Imperfeitas!

Curiosa a evolução do número de pessoas a viver em Cabeçudos, coisa que o barcelense, Dr. Fonseca, também registou no seu Barcelos-Aquém e Barcelos-Além. Vejam: ano de 1220 — 20 casais (umas 120 pessoas); em 1706 — umas 320; por 1867, umas 436; em 1981, mais que 10 vezes as do ano 1220 (pág. 28).

Logo: a capacidade de a terra dar pão aumentou e muito. A indústria ajuda, mas disso quase nada há em Cabeçudos, diz o Autor. *N. tam. 11/2/83*

E onde param os textos (certidões) das Visitações a Cabeçudos? Nelas se espelha o que foi a vida da freguesia como até o mostrou o Autor da de Joane.

Intriga-me a vossa capela em honra de S. Paio (Pelágio). Porque é que quase só o veneram os a Sul do rio Cávado, sabem dizer? (ver a freguesia de S. Paio de Carvalhal, aí perto, Barcelos).

Que relação terá havido entre Cabeçudos e o D. Gonçalo Pereira, o que deixou legado na Sé de Braga? (pág. 51). Honra Cabeçudos o grande Alberto Sampaio. Fico a saber que o falecido colaborador deste jornal — As Nossas Festas — que mais ninguém recordou, Padre Carneiro, era de Cabeçudos. Só esse vulto já faria Cabeçudos terra brilhante, porque ele foi brilhante (e o Autor realçou-lhe o brilho).

Para mais, o Autor mostra-vos as possas raízes: gente anterior aos Romanos que para Cabeçudos vieram. (pág. 70 e 79).

da maçonaria e do republicanismo que mandaram as Culturais.

Para terminar: ali tendes o que foi o vosso Carnaval de há 50 anos, curioso registo etnológico (pág. 88).

#### DA DE ANTAS

É manuscrito de suas 85 folhas e escreveu-a o Prof. Almeida Alves, que me cedeu a cópia. Tudo aqui lhe agradeço. Há tempos escrevi deste trabalho notícia mais longa, mas o Autor não quis que se publicasse. Acho modéstia a mais porque o trabalho merece pelo menos: — a) que se dactilografe; — b) que uma cópia fique depositada na Câmara e outra na Junta e outra no arquivo paroquial das Antas; — c) que seja resumida (ao menos isso) e ou a Junta ou a Câmara a façam publicar. Porque tanto trabalho — recolha de dados sobre Antas — não deve ficar esquecido nem perder-se.

E há perigo de se perder.

Será que os de Antas nem sequer sabiam deste trabalho acerca da freguesia? Que o Autor me perdoe, mas ficam a saber. Vejam-no, leiam-no, publiquem-no para vós e vossos filhos, no todo ou resumido. Nem vos falta dinheiro nem capacidade. Oxalá o querer surja.

E, sobre o que me propus, tenho dito.

P. S.: Os leitores notaram aquela hipocrisia toda do Congresso dos Jornalistas? Aqueles rapazes, coitados? Faltam-lhes, um rumo, uma Filosofia capaz, uma Moral limpa. E sem isso, a hipocrisia não se arranca dos peitos deles. Vale-me não ser jornalista.





# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Disciplina \_\_\_\_\_ Curso \_\_\_\_\_

Lisboa \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ Rubrica do Docente \_\_\_\_\_

Classificação \_\_\_\_\_ Obs.: \_\_\_\_\_

Art. 1.º - Enunciado: na Prova 3

5  
2



# «DUAS NOVAS MONOGRAFIAS...»

Quixa

Por ANTÓNIO DA COSTA E SA

No «Notícias de Famalicão», ano XLII, n.º 1541, de 11-2-1983, foi publicado um artigo intitulado «DUAS NOVAS MONOGRAFIAS FAMILICENSES, de Cabeçudos, das Antas», da autoria de Francisco de Almeida.

Por o artigo incidir sua apreciação mais sobre a «Monografia de Cabeçudos» e por conter alguns comentários e interrogações, não quero deixá-lo sem a resposta possível, limitada ao tempo e espaço disponíveis. Também será uma maneira de elucidar o Sr. F. A. (que, segundo revela, é muito apreciador de trabalhos históricos e interessado na pesquisa e divulgação dos valores culturais da terra famalicense) e de lhe agradecer os parabéns que se dignou dirigir-me por tão modesto e despretençioso trabalho, subordinado ao título que tem e versando um tema que me foi particularmente gostoso e apaixonante: desbravar e dar a conhecer o património histórico, cultural e costumeiro duma pequenina freguesia do concelho de VILA NOVA, dando uma achega limitada, porque limitados são as

fontes e elementos de que se dispõe) para uma monografia concelhia, que todos devem desejar.

Mas vamos ao que mais interessa:

1 — Estranha o Sr. F. A. que a «Monografia» não tenha sido editada pela Junta de Cabeçudos. Sê-lo-ia, apesar deste serviço também lhe «custar bom dinheiro».

Not. fam. 18/3/83

ro», se a Câmara não tivesse prestado sua colaboração na publicação de um trabalho, que representa um subsídio para uma monografia geral e concelhia. Só se lamenta que a das Antas (ainda desconhecida por mim), pelas mesmas razões, não venha a ter igual colaboração. Mesmo

(Continua na 3.ª página)

## «DUAS NOVAS MONOGRAFIAS...»

(Continuação da 1.ª página)

assim, sem correr impressa, não deixou de chegar a Lisboa, tal como a impressa, o que só foi possível, certamente, por deferência e anizade do Professor das Antas, Sr. Almeida Alves, para com o destinatário.

2 — Faz votos para que sejam publicados os documentos referidos na «Monografia». Que documentos? Além de extratos de obras já publicadas, cita-se o «INQUÉRITO DE 1578», do Padre Luís Cardoso, respeitante à freguesia e que se encontra, manuscrito, na Torre do Tombo, à disposição de quem o quiser consultar. O seu interesse é restrito à freguesia, mas, se o Sr. F. A. estiver interessado nele, terei prazer em enviar uma fotocópia. Com uma condição: indicar-me os

«outros documentos» não referidos e que, segundo afirma, existem. Citam-se ainda os Tombo de Esmeriz e Cabeçudos, constantes do Livro de Tombo do Cabido da Sé de Braga existente na Biblioteca Distrital (agora, da Universidade do Minho); uma sentença de execução de 1808, dada em documento particular; documento da Junta sobre limites já transcrito na «Monografia», a completar uma descrição «imperfecta» sobre marcos... Para quaisquer outros, são citadas suas origens, como a «Provisão» do Arcebispo de 1601.

18/3/83

3 — Interroga-se sobre a origem do nome de Cabeçudos. A tal respeito, limitei-me a transmitir uma opinião pessoal, alterçada na terminologia dos documentos antigos (onde, desde o ano de 1220, se refere «De Sancto Christophori de Cabeçudos») e na tradição. A expressão galaica «cabezo» como sugere aquela terminologia e, posteriormente, o nome que lhe ficou. Mas não pode, nem deve, confundir-se «cabeço» com «monte», pois se assemelha com «outeiro» a localização da freguesia. Terá o articulista outros elementos mais seguros, ou mais prováveis, quanto à origem do nome?

4 — Interroga-se também quanto ao facto do convento da Várzea — perto de Barcelos — ter adquirido terras em Cabeçudos. Não se afirma que aquele convento «adquiriu» terras, mas que Cabeçudos tinha casas (predios florestais) de vários conventos, aos quais o possuidor do «domínio útil» pagava o foro estabelecido ao «senhorio directo» pelo emporeamento.

Efectivamente, as Inquirições de D. Afonso II referem que os jurados, quanto a «Bens de Ordens», «dixerunt quod ista ecclesiam habet senarias» (V. pág. 12). Os beneficiados eram diversos e, entre eles, o convento da Várzea com um casal. Até o de Santo Iusto recebia foro de 7 casais. Havia vários motos de «adquirir» tais benefícios, sendo o mais usual através de legados.

5 — Não há indicações da existência de qualquer relação do «Reguengo de Cabeçudos» com o «Reguengo de Vila Nova IV. «Entre dois Forais», do Padre Benjamim, isto não significa que também aquele não fosse um prolongamento (ou uma parte) do último. O 1.º Foral não localiza com exactidão o «Reguengo» de El Rei em Vila Nova e, consequentemente, a situação dos 40 casais beneficiários. Por sua vez, aquele Autor também os não concretiza. É um assunto interessante







## Cabeçudos

a merecer estudo mais profundo, para quem tiver «engenho e arte».

6—O articulista anda à cata de saber a origem dos meeiros —lugares afectos, ano sim ano não, a duas paróquias, como aconteceu com Cabeçudos e Esmeriz. Pelos vistos, não o satisfaz a explicação dada a fls. 17, em nota 14, da «Monografia» de Cabeçudos. Também a mim não satisfaz totalmente, mas ainda não encontrei outra melhor.

7—Dá a entender o Sr. F. A. que o Tombo das Antas, do Padre Benjamim Salgado, poderá esclarecer alguma coisa sobre o de Cabeçudos. Como ainda o não consegui, nem o li, é possível que

notam 18/3/83

esclareça. Grato pela informação, pois leva-me a tentar obtê-lo.

O de Joane não deu ajuda que interessasse grandemente, embora seja um trabalho meritório e útil a sua leitura.

8—Como na «Monografia» há uma curta referência às «Visitações», pretende o articulista saber onde param os textos delas. Gostosamente se informa: em velhos livros manuscritos e arquivados na Biblioteca da Universidade do Minho.

9—Intriga-se o articulista com a Capela em honra de S. Paio, na freguesia, mas não diz exactamente o motivo do seu pasmo ou dúvida. Será pela sua antiguidade, remontada aos fins do séc. XVI? A «Provisão» de 1601 a confirma. Será por ter como padroeiro S. Paio? Se este Santo foi afamado no seu tempo /e se era natural de Córdova—Espanha, como se pensa, é natural que fosse mais venerado no Norte do País, mas não é exacto que essa veneração se limitasse a Sul do rio Cávado. Na verdade, também para além deste rio há freguesias que o têm por patrono (veja-se S. Paio dos Arcos de Valdevez e de Jolda da mesma comarca, S. Paio de Melgaço, etc.) e até para Sul do Douro (v. S. Paio de Oleiros-Feira, S. Paio de Farinha Podre—Penacova, etc.).

10—Pergunta que relação terá havido entre Cabeçudos e o D. Gonçalo Pereira, que foi Arcebispo de Braga. Não tratei disso,

mas, como se diz a fls. 52—nota 59—da «Monografia», D. Gonçalo Gonçalves e D. Rodrigo Gonçalves Pereira, filhos do conde Gonçalo R. Pereira, depois da doação do Couto de Palmeira ao Convento de Landim, retiraram-se para o Solar de Pereira, que lhes pertencia, sito na freguesia.

D. Gonçalo Pereira, que foi avô de D. Nuno A. Pereira e Arcebispo de Braga em 1325, faleceu em 1343 e jaz numa capela de Braga (Geografia de Entre Douro e Minho, de João de Barros, pág. 58 e Antiga Guimarães, de Fortunato Peixoto Azevedo, pág. 118).

Foi filho 2.º do conde D. Gonçalo Pereira e sua 1.ª mulher D. Urraca Vasques e irmão de D. Vasco co Pereira (História de Portugal, de Fortunato de Almeida, vol. 11-534 e História de Braga, de D. Rodrigo da Cunha, cap. 42, 177 e segs.). Está, pois, ligado pelo parentesco aos Pereiras que viveram ram no referido Solar.

11—Pelos vistos, o Sr. F. A. conheceu o «protestante de 1929», para afirmar que não tinha espírito católico e era fruto de maçonaria e do republicanismo. Da transcrição do protesto constante da acta da Junta não é viável tal conclusão, mas unicamente a indignação de um elemento autártico e paroquiano perante a atitude do Pároco de então, em relação aos seus superiores hierárquicos e à interdição da capela, indignação que chegou a generalizar-se.

Posso garantir que era católico e não maçónico. Fruto do republicanismo, talvez.

12—A terminar, o articulista em referência ao Carnaval—síntese de alguns costumes dos tempos idos e não só de há 50 anos—parece deixar transparecer uma crítica carregada de humor. Se assim é, ainda bem porque, tratando-se de Carnaval, o que importa é muito humor, para sair desta vil tristeza que se apoderou dos portugueses. Se não é, apareçam mais costumes e tradições, porque «será um encanto a revelação de tradições, totalmente

my hills o  
tombo!

apagadas, relativas a freguesia», como escreveu Alb. Sampaio (v. fls. 6 da «Monografia»).

13—São sempre bem vindas quaisquer críticas construtivas, porque ninguém se deve considerar perfeito e completo (imperfeito e incompleto). Pretendem-se apenas dar uma ideia e um incentivo. Também a eles serei afeito com gratidão. Por isso, esta aqui fica com os melhores cumprimentos de

A. C. S.



82.3

3

7



## O mês de Agosto em Lisboa

C. Soc. 77/8/84

É raríssimo eu ter oportunidade de ir à chamada Baixa Lisboeta. Não vou descrever Lisboa porque nem aos limianos interessará muito nem eles deixam de estar já informados pela pena do Sr. Manjúa, bairro a bairro. Só isto: chamam-lhe Baixa porque à volta dela há colinas, tal como a vila de Ponte fica numa cova, a baixa de Ponte.

Até que enfim: a Baixa passa a ter uma larga avenida só vão às compras, os peões. Já tardava. Braga criou a Rua do Souto mais cedo. Mas a Baixa, agora em Agosto, tanta e tanta gente! São Lisboetas em férias que lá vão; são imensos estrangeiros que a visitam; são também muitos desse Portugal além — de minhotos, até algarvios — que vêm conhecer a capital deste Portugal que já foi Império.

Pela 1.ª vez fui ver a famosa

por Francisco de Almeida

igreja de São Nicolau. Isso por causa de um famoso livro, dos anos 1540, que agora se publicou e escreveu o então abade desta paróquia de S. Nicolau, o Dr. Álvaro Gomes e pelo caminho comprei 2 livrinhos de 70 e 60\$00 — um é o Laborem Exercens e o outro é a nova Carta do Papa sobre a Dor. Interessa dar notícia e ilustrar esta sobre quem sofre.

\* \* \*

Escreveu-se aqui sobre as Filosofias do Ocidente e do Oriente. Ora qualquer delas tratou esse grande fenómeno que é o Sofrimento.

Felizmente que há muitas pessoas a quem a dor raramente bate à porta. Se assim não fosse, era o desespero. Basta olhar uma qualquer das nossas freguesias: nascem e logo choram — e dizemos:  sinal de que es-

(Continua na 2.ª página)

também que estamos de olho caído por causa do pé esfacelado na pedreira. O bom, o bem, é ter saúde, gozar de boa saúde e por isso auguramos uns aos outros: — que tenhas muita saúde. E os que odeiam: — que partas as pernas ambas! O ódio quer o mal; a dor é indesejável. Ninguém quer sofrer, ninguém quer o mal — nem sequer os masoquistas (doentes) salvo para por ela (dor) obter um bem. C. S. - 17.8.84

O Mundo das pessoas vemos então que é este: umas alegrias, mas também muitas dores. Umas que nós nos provocamos; outras que os malfeitores nos pregam (por exemplo, o ladrão, o cigano de Ponte, o namorado sem palavra que se foi, o marido — ou a esposa — que aban-

## isto em Lisboa

a 1.ª página)

donou o lar, o menino que a abortista retalhou — como se ele não sofresse!). Queiras ou não, a vida é esta: sofreu teu avô e teu pai; sofres tu e de certeza sofrerão teus filhos, às vezes dores que não conseguem suportar. C. S. 17.8.84

Assim, benditos sejam os que inventaram os remédios e os que os aplicam bem, os que curam, os que com saber e suor, fazem recuar a morte, como diz Ilicht em Limites da Medicina. História da Medicina? É a das dores. Dos Santos? A das perseguições, etc., etc.. A do Gulag? Dores e mais dores que o maldito Estaline e outros cravaram em tantos cristos russos. Como Hitler. Como cá. E a Amnistia Internacional? Relata dores. E os romances de Camilo e outros? Descrevem dores ao vivo! E os Evangelhos? Dores que Cristo sarou, a dor dele que a Si próprio curou.

\* \* \*

Que menino não teve dor de

tá vivinho. Pelo caminho, uns partem as pernas, outros caem da escada nas vindimas, elas sofrem ao pôr os filhos cá fora — quando não morrem até. Ora estas dores do parto, vistas em si, parecem-me absurdos, porque: por um lado, a esposa não pode recusar-se aos actos geradores de filhos, por outro tem instinto que a força a querê-los, por outro, não pode matar o que gerou. E apesar disso, sofre para dar à luz. C. S. 77/8/84

Porque não é o parto um acto sem dores? Queiram ou não, temos de constatar: o Génesis tem razão: o homem, a mulher e até «criança sofre». Os Especialistas examinaram a dor ou o queixoso (doente) por todos os prismas: os psicólogos e anatomistas descobriram os pontos dolorosos; os fisiologistas e neurologistas, as causas e processos e ligações entre o braço que partiu e o cérebro que acusa a mazela; os moralistas, e psiquiatras detectaram que sofremos por estar tristes — mas

barrigar e de dentes. Que idoso não tem reumático, caruncho ou artroses? E vale-nos essa máquina fabulosa — o coração — que chega a fazer 100 anos sem parar e sem reparações. Crentes ou descrentes, ignorantes e sábios, ricos e pobres — ninguém está livre de, amanhã, passar a sofrer a valer. Um tiro na cabeça? Não resolve. Então, que fazer? 17.8.84

O tal Ilicht revolta-se, mas os hospitais são necessários. E quando, alguém de doente, se não tem para comer? E quando, diz o n.º 5 da Laborem Exercens, as técnicas mudam e o operário experimentado fica parvo na frente da nova maquinaria? E quando ele vê que sua e esfola, mas os lucros... viste-os? (n.º 6); e quando a dignidade é tanto menor quanto mais simples é o serviço, por exemplo, varrer as ruas? E quando o homem é arrastado pelos instintos para o lar e o lar lhe sai destruído? (n.º 10 da L. Exercens); e quando o trabalhador não é mais que parafuso na máquina? (n.º 13). Para mais ser operário tem o risco de ser de-







mezer pormenores interessantíssimos sobre todo aquele conjunto, o que nos permite esclarecer também, os que se interessam por estas coisas, que a demolida Igreja da Misericórdia ocupava o corpo central do actual edifício dos Paços do Concelho e não o da torre do relógio

espaço daria a difícil harmonia com o resto da fachada do belo edifício. Outros, mais conformados com a sorte das coisas, admitem que só a continuidade do reboco branco os deverá voltar a sepultar inexoravelmente depois de muito

Por cima d'ellas continua-se até uma elevada torre, sobre a qual está o bom sino-relogio da villa, que toca sempre ás festas reaes e nacionaes.

(Segue na 2.ª página)

# Ataques e Defesas do Papa Pio XII

## As políticas dos chefes judeus

I

Uma das formas de os antigos relatarem a História era por Anais, por anos. A forma de se descrever

a história das nações era por reinados = no tempo de D. Afonso Henriques, fez-se isto e aquilo. Por isso, era outrora uso descrever a História do Catolicismo por reinados também — o tempo de cada Papa.

É assim que um historiador espanhol escreveu ainda em 1953: «Pio XII, o pontífice reinante» e continuava: a) período que o preparou para vir a ser o Papa; b) período da Guerra Mundial de 39/45; c) e que o Papa deu durante a guerra; d) o que fez pela paz e os trabalhadores e as missões; e) o que fez no interior da Igreja-poder, povo, Acção Católica, santos que canonizou e as encíclicas que publicou; f) o Papa e os chefes das nações, etc. Mas se, no meu parecer, Eugénio Paceli (Pio XII) foi um Santo que há-de ser posto nos altares, mesmo assim, não agradou nem a todos os católicos nem aos Judeus nem aos socialistas e comunistas. Pio XII previu que a URSS ia pagar os checos, polacos, etc. A América não viu isso. Para os comunistas da Itália, o Papa nem ligara aos famintos. Eles queriam tomar o poder na Itália.

Deste modo, os adversários de Pio XII, ao ler os actos do Papado de então, apreciam só o lado político, por exemplo = 1) Porque foi que de 39 a 45 nunca excomungou Hitler tal como a América lho pediu? — 2) porque foi que não atacou Hitler quando se sabia que ele queimava judeus vivos? — 3) porque foi que não denunciou a Concordata com o Reich pondo-se ao lado de Moscovo, verdadeira democracia?

II

Vocês já viram disparates maiores?

Porque Roma nunca denunciou uma Concordata — ela espera. Sem Concordata, Hitler abusaria ainda mais do poder, na Alemanha, se o Papa falasse publicamente da queima de judeus, Hitler chamar-lhes-ia falsário porque, fora da Alemanha, diziam-se horrores, mas ninguém podia prová-los. Atacar Hitler, com ou sem excomunhão não beneficiaria em nada nem os judeus perseguidos nem o povo polaco nem a

(Segue na 2.ª página)

## O Aniversário do "CARDEAL SARAIVA"

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Comecei a ir a Ponte de Lima eu 6 anos. Ponte foi a 1.ª terra que eu vi para além da minha terra, pela estrada de Barcelos — Freixo — Ponte. Sabia quase de cor as subidas e descidas que o malvado estradão fazia e recordo bem os stops da G. N. R. farejando se não trariam o almejado grão de milho de Ponte para Barcelos — era pior que contrabando quando o pão esteve a 150 mil reis a arroba e faltava por toda a banda. Era também a época do famoso ciclone que juntou de árvores caídas as matas da Correlhã, Rebordões, Sandiães e por ali abaixo. A feira de Ponte ainda é no Areal que o rio, volta e meia, alagava fazendo os vendedores correr aflitos para guardar as mercadorias? Ora umas barragens normalizariam isso tudo.

A última vez que vi Ponte foi em Agosto último: quis ver a vossa linda ponte nova — um sinal de progresso no aspecto da histórica Vila como Barcelos ainda não conseguiu.

Uma das coisas, raras, que Ponte tinha à entrada, quem desce de Arcózel, era um petiz que urinava — água limpa — todo o ano, num jardim. Os petizes gostavam de ver e eu era petiz.

Quantas rotações e voltas a terra e os costumes e as ideias deram!

Que era Ponte? Que problemas tinha? Ponte cresceu em gente, em habitações e em muito mais. Problemas temo-los sempre agarrados à pele como carraças — não há para isso libertação.

Não sei quem tenha arte, vontade, meios e paciência para uma biografia do jornal «Cardeal Saraiva»: o nascimento, o crescimento, a juventude.

E não sendo as instituições atingidas pela inexorável lei do desgastar aos 70 anos — no máximo 100 — como o homem, segue-se que nunca é possível dizer que esta queda já é velha; no caso, que «Cardeal Saraiva» atingiu sequer a idade adulta. Portanto, é ainda um jovem.

Já disse que não sou de Ponte, mas gosto de Ponte e das gentes, minhotas como eu. Infelizmente, lisbôenses em Lisboa há muitos, mas como são minhotos, refractários a uniões de massas, andam dispersos «formigando» cada um para seu lado. O jornal de Ponte, da terra, ainda é o maior elemento de coesão entre todos os limitanos «de fora» com os de dentro. É por isso que ao dar-nos os aniversariantes, cada semana, podemos referenciá-los por todo o Mundo: Américas, Europa, etc. Porque não mandam de vez em quando um postal para o «Cardeal Saraiva» expondo ideias, desejos e o mais que querem para a Terra Natal?

Gostam dos artigos? Toleram? Deftam? Que assuntos precisam que o jornal trate? Se um jornal é um serviço, e é, público é ele. Falem então os Utentes, os leitores.

Para não me alongar: parabéns a quantos dirigem, escrevem, imprimem, expedem e lêem o «Cardeal Saraiva», sempre jovem como o petiz do jardim a entrada de Ponte.



# Ataques e Defesas do Papa Pio XII

(Vem da 1.ª página)

paz mundial, como se pode ver pela publicação do correio diplomático daquele tempo.

### III

Ora os judeus de 87, na América e fora dela, continuam a ser aquela perigosa gente que Cristo investiu

Com efeito = querem dar ordens ao Papa sobre quem Roma há-de receber e não receber. Por isso abusivamente, atacam João Paulo II por ter recebido o presidente da República da Áustria. Mas sendo a Áustria país católico, ía o Papa não receber aquele que os austríacos elegeram, ainda que fosse um comunista? Já alguma vez o Papa se meteu com quem Israel recebesse A, B, ou C? Temos de fazer afocinhar estes cabeçorras judaicos que querem uma lei para eles e outra para a Santa Sé.

### IV

Abespinham-se por o Papa não ter ainda reconhecido o Estado judaico. Assim é, mas gravíssimas causas tem Roma para assim agir. Por acaso, Israel já reconheceu o Estado do Papa, o Vaticano? E Israel já conseguiu que os Estados árabes o reconhecessem?

E não tem o Papa obrigação, também, de defender os católicos que vivem no Irão, no Iraque e na Síria, em Marrocos, etc? Se reconhecesse Israel, não iria o Irão, e os outros, vingar-se sobre os cató-

licos iranianos, sauditas, paquistaneses, etc? Ora o problema dos judeus é este: tem um peso mundial enorme que o Vaticano reconheça Israel. Israel sabe disso. Sente-se não seguro. Se o Vaticano ajudasse... Mas não quer dar nada em troca. Só aceita lá os católicos porque deixam lá dólares! Não se pode pensar em justiça com este povo judeu. Por alguma coisa tanto se escreveu contra eles pelos séculos fora. Não quero ser nem racista nem anti-sionista. Mas os judeus não abdicam de ser sionistas.

Perguntam = mas o Papa vai à fala com eles! — Pois vai, mas se sabe que isso pode ajudar à paz, o

Papa não espera sequer converter um judeu.

Amigos quanto possa ser, mas o Papa não pode pregar Moisés e o judeu ainda ataca Jesus Cristo, que é o Nosso.

### V

Os judeus são ingratos com Pio XII (eram judeus os leprosos que Cristo limpou e que nem agradeceram — é de raça). Ingratos porque Pio XII mandou os seus núncios ajudar os judeus perseguidos. Por isso, João XXIII, então núncio, deu milhares de passaportes a judeus romenos.

Ingratos porque Pio XII mandou

**Dr. António Lúcio Baptista**

**Médico especialista**

**Cirurgia torácica  
e cardio-vascular**

**Univ. Wits. Rep. África  
do Sul**

**Clinica Práxis**

**Avenida da Boavista, 80-2.º  
PORTO**

**Marcações: todos os  
dias úteis das 9 às 20 hrs.  
Telefs. (02)64658 e 63475**

**Em Barcelos: tel. 812177**







Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

## Valores da nossa Terra

Quem folhear a revista dos ordens de S. Francisco, *Paz e Alegria*, de Março/Abril de 86, depara com esta: Aqui nasceram frei Mateus e frei Jerônimo... capuchinhos, a 20/4/1911 — homenagem da freguesia — 17.XI.85.

Quer dizer: os contrerrâneos dos dois gémeos resolveram perpetuar a memória dos religiosos cravando placa na casa em que a mãe deles os deu à luz, já nos tempos da implantação da República. Decerto porque ambos eles honram Souto da Corpalhosa mais que ninguém. Em Lisboa também se vê em diversas casas: aqui nasceu fulano. Acho isso muito bem. Mas não conheço freguesia nossa que decidisse assim homenagear qualquer de seus filhos. Porque nenhuma teve um sequer que se destacasse?

fugiu II

Uma que se destacou, como mostra a referida revista, chamou-se Ana de Jesus Maria Amorim. Merece de facto destaque porque se tornou fundadora de obra de vulto ou seja da nova Ordem da Divina Providência. A biografia da Ana é tecida assim: nasceu no concelho de Vila Verde, freguesia de Soutelo. Fugiu de casa para se meter a freira — a rapariga era atrevida — mas os pais não foram nessa. Não desiste e aos 24 anos entrou mesmo num mosteiro onde viveu até

1941. Mas entendendo que o caminho dela não era esse mosteiro, obtém autorização para procurar outras vias e vai cair em Paris no tempo de Hitler. Obteve dispensa dos votos e dedica-se de todo aos mais pobres. Em 1942 criou em Fátima a obra da Divina Providência. De grão a grão vai juntando discípulas e os órfãos e os deficientes tiveram nela nova protectora. Teve seus adversários, mas arrostou com tudo, até à morte que a levou em 76. Mas a obra dela aí está a falar pela brilhante fundadora.

Ora aqui temos: que estamos habituados a ler em estrangeiro os nomes dos fundadores: Lolola, Teresa de Jesus, etc., aliás uma multidão deles. É certo que tivemos cá o famoso Padre Américo, mas mulher, não. Pois bem: também por isso, se singulariza esta Ana de Soutelo. Mais: não é de Braga, do Porto, de Lisboa, mas da povoação pequena e rural que é Soutelo. Por isso, Soutelo está de parabéns, a aldeia toda. É Vila Verde. É Braga. É o Minho todo. Só falta agora que os de Soutelo nem reparem nisso e não destaquem, se é possível, a casa onde a Irmã Ana veio ao Mundo. Reparem que deixou casas de obras em Fátima e Coimbra: lares de idosos, lares para doentes profundos, sobretudo mentais.

Aqui está como as obras de amor ao próximo vão surgindo!

(Continua na pág. 4)

Página 14

## COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

Como se vão criando fundações (ordens) sempre adaptadas às necessidades de cada século e quarto de século. Como da velha cepa franciscana brotou este rebento (ordem franciscana) pela mão de Deus e da Ana de Soutelo. Conclusão: já não estranharêi tanto se alguma religiosa nossa contrerrânea vier a ascender ao nível de fundadora, a juntar-se aos grandes criadores de bens para a Humanidade, que fazem desta um mundo melhor.

É bem se precisa disso à face das exposições um tanto elitistas que a revista apresenta, por exemplo: *As Raízes Antropológicas da Violência* — com que o autor não quer decerto desmerecer da Teologia da Libertação indo repescar

Darwin, Hobbes e outros fósseis assim antigos; ao resumir um discurso do Papa aos Diplomatas acreditados no Vaticano — contra as guerras; ao recordar que 75 por cento dos homens produzem 80 por cento de matérias-primas e só lhes dão 7 por cento de quanto o mundo produz! Errado. Mas discurso para moucos, que não querem ouvir. Uma coisa porém é certa: enquanto houver franciscanos, e eles tiverem uma Paz e Alegria, eles hão-de clamar contra injustiças dessas. Ora todos os de recta vontade, vejo eu, lhes dão razão. Mas... e o poder para corrigir o que está errado? Se eles se calam, então ainda será pior. Falem então os valores da nossa Terra.







Milton.  
Desemb.

(x) 8. 7. 79  
Dr. Martins  
Braz. dele  
Lira (Linha Direta)

9) Belaz - crédito  
7) Bazar. porque?  
10) meses (inform.)  
14. a Rua.  
Ext. Direta  
Obra de A. César

B. J. 5. XI. 79

2.62  
a) Resistência - me é 7. retratado  
b) Am. cis. J. Bazar - SNI  
c) V. Bazar - J. Bazar - Ensaio  
d) J. Bazar - J. Bazar - Ensaio  
e) J. Bazar - J. Bazar - Ensaio

Ex. 80. Autor Francisco de Almeida.

Rec. 13. 7. 79

Av. Inf. Santo - 255, 10. 25  
1300 - 10. 25

Vão ter o prazer de o conhecer este  
aluno e por isso espero me releve este  
eternamente. a) Leio-o n. "O Baneleuse"  
uma frequência e proveito e ainda  
há alguns meses para que es-  
crever a propósito de um auto-  
bo em que versa um roman-  
ço de Arnaldo Jarry - O Sen-  
fento de Vilhar. Sucedde  
que entrei muito desse Roman-  
ço que me impressionou no  
fim da adolescência e ainda  
hoje me impressiona. Da  
o Sr. Autor tem nesse  
tema no jornal referido, no  
dia 3. 2. 79. Sobre isso e por  
em postaria similar - The  
colaboração para a revista  
"Resistência", pedindo, se essa  
colaboração fosse possível,  
um maior espaço, nomeu-  
intação e atos históricos. Em  
uma: um ensaio que  
melhor completasse o que  
deixou bem esboçado e me







abriu o apetite... para o "desa-  
 rramento" desta carta. Haverá  
 algum elemento icorrupti-  
vo?

De qualquer forma pelo  
 me seja permitido a atrevimen-  
to, me vi motivado pela  
beleza e ousadia do artigo  
 sobre Romances tão vivo, aus-  
 ta lize, do Arnaldo Jarry.  
 Com a maior admira-  
 ção e consideração se  
 subscreve o, sempre do  
seu disposto,

Mário César  
 (Amãrio César).







2. 64  
65-75  
II  
64

NOTAS PARA O CENTENÁRIO DO  
PROFESSOR DOUTOR GONÇALVES CEREJEIRA

o Barre, 1873/89

Passam agora os 100 anos do nascimento do minhoto que foi Patriarca de Lisboa, Gonçalves Cerejeira. Muito foi já escrito sobre este homem. Só quero evocá-lo por causa do seu Clenardo.

É assim. Certo dia, passei no alfarrabista e vi a 1.<sup>a</sup> grande obra de Cerejeira, a saber—o Clenardo. Este livro, que comprei, e já a 3.<sup>a</sup> edição, do ano de 1949 (a 2.<sup>a</sup> é de 26 e a 1.<sup>a</sup>, de 1917 e 1918).

O livro anuncia ainda que vai tratar:

A) Do Renascimento em Portugal; B) Do Clenardo; C) Da Sociedade em Portugal como a viu Clenardo.

Ora este famoso Clenardo nasceu por perto do ano de 1500, doutorou-se na Universidade de Lovaina, em 3 línguas, e tornou-se tão famoso que o rei de Portugal o chamou para ensinar cá. Já era preciso ser bom para tanta fama. De facto viveu em Portugal pelos anos 1530 a 1540, seja, o tempo dos Descobrimentos.

O Renascimento foi uma mania que a Europa teve de só escrever e falar em Latim e em Grego. Só estranho que Lovaina (na Bélgica) desse cartas, nisso, mais cedo, do que nós em Portugal.

Pois bem: o Clenardo esteve nestas terras: Évora, P. de Lima, Viana, Barcelos, Tebosa, Braga, etc.. Enquanto cá viveu, escreveu cartas para lá das fronteiras. Os Portugueses mal conheciam o Clenardo.

O Dr. Cerejeira, que, se não erro, foi nomeado professor em Coimbra pelo próprio Afonso Costa, um anti-clerical, meteu-se ao estudo da vida e obra do Clenardo. Para isso, teve de ler e reler as cartas latinas do tal homem,

A edição de 1949 (a tal 3.<sup>a</sup>) é um monumento de saber: Cerejeira já então era bispo de Lisboa, mas ainda arranjou tempo para fazer sair a 3.<sup>a</sup> edição de seu Clenardo e com diversos Índices, por exemplo:

—A) O das pessoas faladas no livro: o rei D. Afonso V. Frei Francisco de Barcelos, etc., ao todo, 7 páginas de nomes!

—B) Os nomes das pessoas a

quem Clenardo se referiu nas cartas, tais como Aricana, Damião de Gois (ao todo, 4 páginas).

Cerejeira focou o Clenardo por estes prismas: Como Humanista, como amigo de Portugal, como fonte para a nossa História, como anti-luterano, como adversário dos Maometanos, etc..

Em resumo: louvores merece o Dr. Cerejeira (que tem ligações

com a freguesia de Cabeçudos, ali ao lado de Famalicão, e uma parente casada em Portalegre) pelo belo e eruditíssimo livro que nos deu ao falar do lovaniense, Clenardo.

Ainda hoje esse livro interessa, até aos barcelenses, embora o Clenardo não tenha rendido homenagens nenhuma ao então Ducado de Barcelos: Comparou-o com um da terra dele e achou que o Ducado da nossa terra era pouca coisa.

Na página 112, nota 2.<sup>a</sup>, refere: Francisco de Barcelos... a sua rara obra em verso latino Salutiferas Crucis Triumphus, Coimbra, 1533. Já procurei este livro e não o pude encontrar.

E fica por aqui a nota para o Centenário, do Cerejeira, que foi um minhoto afamado.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Amusem

franciscus  
ar3







## COISAS DE LONGE E DE PERTO

# A Monografia de Carapeços

V. Nuno, 27.1.90  
(27.1.90)

I

Carta dele, de 20/2/90

Hei-de esmiuçá-la a preceito, neste e em outros jornais, mas por hoje, só umas pequenas notas. O Autor dela teve em mão pelo menos a de Vila Seca, mas — e aqui usou seu direito — seguiu um outro modelo.

Na IV Parte, dá-nos o curioso rol das famílias de Carapeços e disso eu não gostei porque pouco pode servir senão aos de Carapeços. O Autor tinha dito é certo, que ideia inicial dele era só fotocopiar que não dar-nos um livro em forma. Ainda bem que deu livro. Aqui lho agradeço.

II

Dá-nos a lista dos Doutores da Terra e de outros com estudos, por exemplo na página 265: oftalmologista, engenheiros, etc. Bem o fez: para que conste que Barcelos já não é só terra de Rurais. Outra coisa que ninguém pensaria é que se tivesse convertido tão depressa em zona industrial: aquilo tem mais indústria que a própria cidade. Armazéns, papelerias, empreiteiros, etc. Daqui o binómio ou dilema: Se industrializas é mau porque estragas o ambiente; e se o não fazes é mau porque não terás salário para o pão dos filhos. Escolham!

27.1.90

III (m)

Vi agora, até no Cávado, a notícia da morte de um afamado famalicense — o Dr. Adão (Salgado Vaz de Faria). Comparei-o logo com o Nosso, adoptivo, P. Olavo, que é outro fundador. Em Braga, fala-se nas «freiras do Dr. Adão». Já vi a Revista que se publica na vossa Casa de Nazaré (P. Olavo). Pena tenho eu que Galegos não seja a sede das do Dr. Adão (é Sande-Guimarães) ou a sede da obra do P. Olavo. Obras dessas, pelo menos depois da (Perestroika!!!) prestigiam qualquer freguesia. Tendes então umas 17 freiras naturais de Carapeços! Pus-me a vê-las e reparei que já não são crianças: nasceram em 1928 (pág. 203), 31, 34, 35, 36 e a mais nova nasceu em 1961 (pág. 213) — Irmã Maria Filomena, se não erro. Aqui o facto sociológico: a feitura de novas freiras acabou, estancou? (outeira) —

Se sim, porque será? Havia em Roriz, um P. Miranda. O abade de Carapeços, de fls. 223, era Miranda e de Roriz. Roriz sabe disso? E o Padre Coffa que não gostava dos Madureiras (nobres) por ser republicano? Os Párocos que o autor refere trouxeram-me à memória o título do Reitor, João de Deus, em Galegos (S. Martinho): foi também um reconstrutor. Em terra pobre. A campanha dele tem isto: 1915 — o Clero de Barcelos (cito de cor). João de Deus, que era um serrano, foi um santo. Os padres do tempo atestaram-no. Outro em Carapeços, não metia a reconstruir a igreja. Campanha

Conclusão: Carapeços bem poderia ter arrancado com uma igreja nova, como os de Lijó o fizeram. Ou, talvez não. Mas ir discutir as Coisas do Alto no Barcelos Popular, essa nem ao diabo lembraria. São a minoria já que A Voz do Minho, de 20.1.89, escreve assim:

Carapeços — 1265, 951, PSD 429, PS 348, CDU 6, UDP 8. São menos que poucos os que, mesmo que sejam ateus, podiam ter legitimidade para se opôr à maioria que queria a Igreja ampliada. Bem andou o Autor em transcrever os jornais acerca dos pró e dos contra. Só foi pena em alguns casos a letra ter ficado tão miúda.

Algo se adiantou na história da freguesia, mas aqui, bem pouco: nem confrarias, nem livros delas nem registos paroquiais, nem livros de visitas. Mesmo assim este livro ficou Mos caríssimo e até a C.P. (comboios) o vai querer na biblioteca dela.

Parabéns ao P. Alcino e aos de Carapeços.

Francisco Almeida

P.S.: Aproveito para dar resposta à curiosidade do Sr. Desembargador, Vasco Faria, não escrevi nos jornais por ter andado doente.







## OBRAS DOS NOSSOS CONTERRÂNEOS

O PADRE DR. DURÃES  
E O LIVRO DELE

Aconteceu-me agora ter visto, e folheado, o livro que escreveu o velho senhor bispo de Aveiro — Almeida Trindade, sobre uma mulher, a Caró Sousa Gomes. Grande mulher, esta Maria Carolina, que trocou a vida de filha de um Lente de Coimbra, pelo serviço às paupérrimas gentes dessa cidade.

Ora bem — esta Caró encontrou-se, nos anos 30, com o pai dos meninos abandonados, que foi o grande Padre Américo, o do Gaiato, homem sobre o qual, exactamente, foi que escreveu há tempos, o nosso Padre Durães, que é, se não erro, ali de Salvador do Campo.

Pois bem: o padre Durães Barbosa teve a subida gentileza de me oferecer a 2.ª edição do trabalho dele, que deixou à minha irmã Ana, que me entregou há quase dois anos e que eu ainda não agradeci nem referenciei. Vou fazê-lo agora que tanto o herói P.º Américo, como o Autor, Durães, o merecem. E não quero deixar de o relacionar com o Sr. Dr. Falcão Machado, mestre que em ciências da Educação, e com o nosso Rotary, tão atento a isso, com bolsas de estudo e outras ajudas a estudantes.

Vi sobretudo a grande quantidade de estudos que já existem acerca da obra do Padre Américo. Só não entendo como levou tantos anos a falar-se desse Benemérito Pai Américo. Porquê? É que ele já andava no Social por 1930, como acima disse, e só lá para os anos 40 é que surge, em força, a obra do «puto» da Rua: o abandonado, o marginal, etc.

Nós barcelenses, temos aí perto, em Cervães, uma casa para pequenos des-

ses. Mas essa deriva do coração de um famoso Padre Grilo — que nasceu ali perto de Aveiro, ao passo que o Padre Américo é outro e fez casa-mãe ali perto da cidade do Porto, seja, Paço de Sousa. Os Lisboetas tiveram por sua vez, uma fundadora, de apelido Ressano Garcia — para os ardinas.

Significa isto que as décadas de 30 e 40 causaram aquele desaguado que houve — 1958 — entre Salazar e o então bispo do Porto — Ferreira Gomes.

As coisas mudaram muito após o Vaticano II e a Encíclica Humanae Vitae, como vos mostrarei, a seu tempo, através da Monografia de Carapeços, que o respectivo autor e pároco, Sr. Padre Alcino, me fez remeter. E ainda agora ouvi mais esta: que em Lisboa, à saída da mãe e do nascido, da Maternidade, a criança é logo vendida a casal sem filhos, por 40, por... até o casamento se tornou difícil e ninguém compreendeu um casal como o dos pais de Caró, de 1930: uns 10 filhos.

Do Padre Américo — que Lisboa confunde, muitas vezes com o grande Padre Cruz — o tal que se dizia parar comboios, eu só conhecia o livro-denúncia, o Barredo. Neste nosso tempo, há quem defenda os pobres com uma nova tecnologia — a da libertação. Que vai ruir como a Roménia.

O Dr. Durães mostra-nos que foi a Estranja que estudou mais a obra do nosso Padre Américo. Por exemplo: Planchard — mas este ensinava Pedagogia na Universidade de Coimbra e Romanini, na Itália e já em 1951. Após

o Vaticano II é que passa a florescer a análise da obra que o Padre Américo inventou.

Não se pode esquecer que nas Escolas do Magistério (Braga, por exemplo), se ensinava Pedagogia — regras de melhor fazer que os alunos aprendam. Os pais são, por natureza, pedagogos e pedagogo significa professor. Mas se os filhos querem o Mandamento ao avesso — não será honra pai e mãe, mas antes, honra filho e filha... para fazer? Tenho aqui um livro, de Dr.ª Brouck e prefácio da Dr.ª Dolfo, que diz: Manual Para Uso das Crianças Com Pais Difíceis. Resumo: é aos filhos que cabe ensinar seus pais!

O Dr. Durães pôs no livro um índice, por exemplo, pg. 33 — a biografia do Padre Américo; pg. 72 — Autonomia dos Rapazes. Não ficava mal um índice ideográfico — das ideias do livro.

Bom trabalho, com muitas citações de revistas católicas. Creio que os intelectuais não católicos não deram atenção às obras sociais do Padre Américo. É pena que o bom seja só o do nosso Partido. É verdade que era bastante lúcido um António Sérgio. Mas o instrumento que guiava o Padre Américo era mais o amor que a lucidez. De modo que bem andou o Dr. Durães em escolher o Padre Américo para a tese que tinha de defender. E por tudo e por todos, lhe agradeço o imenso trabalho de pesquisa que no livro exarou e o bom exemplo que a todos deu de se mostrar português de gema, estudando o que é nosso ou dos nossos. E já agora, agradeço-lhe a oferta da obra, que me faz, e me revela um «tão tamanho» atraso em lhe agradecer.

P.S.: Na tal obra sobre a Caró, D. Manuel Trindade revela imensas curiosidades, nomeadamente aquela da caridade que o lente, Braga da Cruz, fez, a um menino malcriado.

Francisco de Almeida







# FALAR BARCELOS—EM LISBOA

Como os meus leitores sabem, tem havido na cidade um ror de Conferências subordinadas ao tema: **FALAR BARCELOS**.

Parabéns ao sujeito que inventou o slogan. Falar Barcelos é simples e diz tudo.

Pois bem: desta vez, vou dizer-lhes de um «Falar Barcelos» que o não foi em Barcelos, mas em Lisboa, nada menos que no Palácio da Independência. Como? Na Sociedade Histórica respectiva, acerca de **DOM ANTÓNIO BARROSO**, no passado dia 15 de Maio, às 18 horas, precisas, pelo fervoroso nativo de Remelhe, senhor Dr. Ferreira Gomes (José, para distinguir do filho, Dr. João).

O convite referia como tema: **NO CENTENÁRIO DE DUAS NOTÁVEIS CONFERÊNCIAS DE DOM ANTÓNIO BARROSO**.

Torci o nariz porque, como podem os Lisboaetas conhecer—e apreciar—um Barroso nascido em Remelhe, conferencista de 1890, ainda que Bispo tenha sido? *@Barcelense de 21/6/90-*

Engano meu! Havia na mesa que presidiu àquela «Lição de Sapiência» um sobrinho-neto, engenheiro, do tal D. António.

Os assistentes eram em maior número do que o usual.

O conferencista, Dr. Ferreira Gomes, foi brilhante e oportuno e por isso, bem mereceu as palmas que teve! E eu, que percorri, de carro e a pé, alguns dos troços que no «Congo», a norte do rio Lifune, D. António percorrera quase 100 anos antes, ele como missionário e eu como militar que não desertou, fiquei contente por ver ali um homem que se vai especializando na biografia e bibliografia do Santo de Remelhe.

Uns slides teriam ficado ali a matar: do Toto, do Songo, de Nóqui, do Ambriz, do Zaire (rio), de Marimba, das minas do Bembe, etc..

A missão que Barroso restaurou partiu-se já em duas dioceses (S. Salvador e Mbanza). Tempos hão-de vir em que Angola agradeça ao Santo de Remelhe o muito suor que ele lhes deu, ensinando, baptizando, polemizando, calcorreando, defendendo, escrevendo e proclamando as conferências que o Dr. Ferreira Gomes veio agora salientar.

Não esquecemos o Centenário de Camilo, não senhor, mas o bispo de Remelhe foi, em outros aspectos, tão grande e maior que Camilo, ou Eça, ou Pinheiro Chagas ou Antero. E é dos nossos. Honra seja ao Dr. Ferreira Gomes pela Conferência de 15 de Maio e pelo muito mais que pode dar-nos para ampliar Pinto e Cunha e Brásio e Vaz, que estudaram o bispo de Remelhe, descendente ainda da cepa que tinha dado a Braga o arcebispo, Frei Baltasar Límbo.

E Ferreira Gomes sabe procurar.

16.V.90

Francisco de Almeida



paper nr 3







































biblioteca  
municipal  
barcelos



27655

Artigos de jornais regionais